

**BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES  
UNESP**

RESSALVA

Alertamos para ausência de figuras, anexos, não  
incluídas pelo autor no arquivo original.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
CURSO DE MESTRADO

LIRIAN MELCHIOR

MIGRANTES JAPONESES: UM CICLO MIGRATÓRIO  
O CASO DE LONDRINA - PR

PRESIDENTE PRUDENTE  
2003

LIRIAN MELCHIOR

**MIGRANTES JAPONESES: UM CICLO MIGRATÓRIO.  
O CASO DE LONDRINA - PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente-SP, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Alice Yatiyo Asari

Presidente Prudente (SP)  
2003

LIRIAN MELCHIOR

**MIGRANTES JAPONESES: UM CICLO MIGRATÓRIO.  
O CASO DE LONDRINA - PR**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientador: Alice Yatiyo Asari \_\_\_\_\_

2º. Examinador: Eliseu Savério Sposito \_\_\_\_\_

3º. Examinador: Ruth Youko Tsukamoto \_\_\_\_\_

1º Suplente: Armando Pereira Antonio \_\_\_\_\_

2º Suplente: José Barreira \_\_\_\_\_

Presidente Prudente, março de 2003.

Dedico este trabalho a duas pessoas, sem as quais, ele não teria sido finalizado:

À Alice, minha eterna orientadora.

Ao William, meu amor eterno.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, seja com contribuições de cunho acadêmico ou não. Para tanto, gostaria de mencionar alguns nomes que se mostraram fundamentais ao decurso da pesquisa:

Ao William, por sua intensa presença na minha vida, por todos os momentos que me acompanhou e me incentivou para a realização desta pesquisa, por ter acreditado e me feito acreditar que este trabalho era possível de ser finalizado. Por todos os momentos que me ajudou efetivamente na pesquisa, discutindo as idéias, lendo os rascunhos, me levando a algumas entrevistas (as quais ele pacientemente me esperava!!), pela revisão do relatório de qualificação e por todos os momentos que deixou de realizar seus trabalhos para auxiliar no meu. Agradeço infinitamente por todas vezes que agüentou minhas crises, meu desânimo, me incentivando a prosseguir e realizar este trabalho que sabia ser de extrema importância para meu amadurecimento profissional.

Aos meus pais por sempre terem acreditado na importância dos estudos e propiciado condições para que a gente seguisse o caminho acadêmico. Em especial, agradeço à minha mãe, que mesmo distante fisicamente, sempre esteve muito perto de mim, me confortando nos momentos difíceis e me cobrando nos meus momentos de apatia. Pelo seu amor incondicional e pela serenidade e fortaleza que possui, o que me torna muito dependente de seu afeto.

À Luci, minha sogra, por ter me agüentado durante tanto tempo em sua casa, vivendo comigo minhas angústias e suportando, muitas vezes, meu mau humor ao final da pesquisa.

Aos meus irmãos, Miriam, Luciano, Regina e Stela que sempre estiveram muito presentes na minha vida, sendo responsáveis pela formação da minha personalidade e pela estrutura familiar que me conforta tanto. Agradeço também aos cunhados, irmãos de coração. Não esquecendo dos sobrinhos (lindos!!!), que sempre me proporcionaram momentos de deliciosas descontrações.

À Alice, pela infinita paciência, pela parceria e pela correria que

transformei sua vida nos últimos meses, fazendo com que ela arrumasse tempo, mesmo quando não tinha, para ler o relatório de qualificação e a dissertação. Agradeço muito pela dedicação que atribuiu ao trabalho, pela atenta revisão da pesquisa, por ter me aceitado, mais uma vez, como orientanda e por ser, acima de tudo, uma grande amiga, estendendo nossas relações para além da academia.

Aos amigos da Unesp, por serem de grande importância para a minha vida, por terem me ajudado no processo de transferência, não permitindo que eu ficasse deslocada, e tornando o decorrer do curso mais prazeroso.

A Gracielli, uma amiga para todas as horas, mesmo quando eu dou uma sumida! Agradeço pela tradução do resumo para a língua inglesa.

À coordenação do Programa de Pós- Graduação, por terem compreendido e reconhecido as dificuldades que estava enfrentando, pelo aceite da minha transferência.

Aos professores Eliseu Sposito e Fernando Salgado pelas contribuições na banca do exame de qualificação.

À todos os entrevistados que me receberam em suas casas e confiaram à mim uma parte de suas vidas.

Ao CNPq pelo auxílio financeiro no primeiro ano de pesquisa.

## MIGRANTES JAPONESES: UM CICLO MIGRATÓRIO.

### O CASO DE LONDRINA - PR

#### (RESUMO)

Procuramos analisar as migrações internacionais a partir da concepção da mobilidade do trabalho, ou seja, acreditamos que estas ocorrem, somente, impulsionadas pelo mercado e que estão inseridas dentro de um contexto político, econômico e social que propicia a mobilidade espacial de trabalhadores. Estas migrações assumem um caráter temporário, uma vez que o migrante se desloca por um período determinado almejando melhores rendimentos que lhe possibilite melhores condições de vida ao retornar ao país de origem. A pesquisa aborda o grupo de descendentes de japoneses de Londrina que vão trabalhar no Japão, na qualidade de trabalhadores não especializados, aproveitando a falta deste tipo de mão-de-obra naquele país, realizando o fluxo inverso de seus pais e avós que chegaram ao Brasil no início do século com perspectivas semelhantes, ou seja, poder retornar ao país e iniciar uma vida com melhores condições materiais. Procuramos, assim, trabalhar os dois momentos migratórios da comunidade nipo-brasileira; o de imigração, com a chegada dos japoneses no início do século e o de emigração com a partida de seus descendentes para o Japão. Acreditamos que, nas duas situações, a busca por melhores condições de vida foi determinante na decisão da partida, sendo um atrativo para a mobilidade da força de trabalho. Verificamos que ao migrar, o *nikkei* passa por algumas dificuldades relacionadas a sua adaptação ao novo país, com o relacionamento com os japoneses e no convívio com os demais brasileiros *dekasseguis*, que assumem uma postura de competição. Analisamos, também, o retorno destes migrantes ao Brasil avaliando se conseguiram alcançar seus objetivos, como foi o processo de readaptação na sociedade brasileira e se ainda existe a possibilidade de retornarem ao Japão. Desta forma, procuramos entender a realidade que permeia a vida do migrante *nikkei*, sendo possível compreender um pouco mais sobre a realidade de vida destes migrantes, a qual pode ser utilizada para compreender a mobilidade de trabalhadores temporários para países com demanda de mão-de-obra desqualificada de uma forma geral..

Palavras-chave: Imigração japonesa; *Dekasseguis*; Migração temporária, Mobilidade do trabalho

JAPANESE MIGRANTS: A MIGRATORY CYCLE  
THE CASE OF LONDRINA- PR

(ABSTRACT)

We tried to analyze the international migrations starting from the conception of the mobility of the work, that is, we believe that they occur only impelled by the market and that they are inside a politic, economic and social context which propitiates the workers the space mobility. These migrations assume a temporary aspect, since the migrant moves for a determined period of time trying to achieve better income, which will allow him/her better life condition upon arriving to his/her origin country. The research approaches the group of Japanese descendants from Londrina that goes to Japan to work as non-specialized workers, taking advantage of the lack of labor in that country, taking the opposite flow from their parents and grandparents who arrived in Brazil in the beginning of the century with the same perspectives, that is, returning to their country and begin a new life with better conditions. We tried to work on the two migratory moments of the nippo-brazilian community, the immigration, with the arriving of the Japanese in the beginning of the century, and the emigration, with the departure of their descendants to Japan. We believe that in the two situations, the search for better life conditions was determinant for the departure, attracting the mobility of the work power. We verified that when migrating, the *nikkei* goes through some difficulties related to the adaptation to the new country, with the relationship with the Japanese and the other Brazilian *dekasseguis* who assume a position of competitiveness. We also analyzed the returning of these migrants to Brazil, considering whether they achieved their goals, how the process of re-adaptation in the Brazilian society was, and if the possibility of returning to Japan still existed. This way, we tried to understand the reality in the life of a *nikkei*, being possible to understand a little more about the reality of these migrants that can be used to comprehend the mobility of the temporary workers in countries that demand disqualified labor in a general way.

Key-words: Japanese migration; *Dekasseguis*; temporary migration; work mobility

## SUMÁRIO

	Pág.
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	14
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	16
<b>2. A MOBILIDADE DO TRABALHO. BRASIL E JAPÃO.....</b>	21
2.1. As transformações político-econômicas no século XX e suas implicações na inversão do sentido dos fluxos migratórios entre Brasil e Japão.....	24
2.1.1. Situação japonesa que propiciou a saída de trabalhadores no final do século XIX e início do século XX.....	24
2.1.2. Situação brasileira que propiciou entrada de trabalhadores no final do século XIX e início do século XX.....	26
2.1.3. Momento de transição. A recuperação japonesa .....	29
2.1.3.1. Da rigidez da filosofia do fordismo a flexibilidade do toyotismo.....	30
2.1.4. A crise que se instala no Brasil a partir dos anos de 1980.....	34
<b>3. IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL.....</b>	38
3.1. A chegada ao Paraná e à Londrina.....	45
3.2. As tradições da colônia japonesa em Londrina.....	53
<b>4. A MIGRAÇÃO AO JAPÃO.....</b>	60
4.1. Recorte analítico e territorial.....	60
4.2. A mobilidade dos trabalhadores <i>nikkeis</i> .....	62
4.3. Condições sócio-econômicas anteriores à migração.....	69
4.4. A viagem ao Japão.....	75
4.5. A presença brasileira no Japão.....	78
4.5.1. O <i>nikkei</i> e sua relação com o Japão.....	80
4.5.2. A familiarização com o país.....	85
4.5.3. A adaptação ao Japão.....	90

4.5.3.1. Os alojamentos.....	92
4.5.3.2. Os hábitos alimentares.....	95
4.5.3.3. A diversão no Japão.....	97
4.5.3.4. Os estudos no Japão.....	99
<b>5. OS SABORES E OS DISSABORES DA MIGRAÇÃO AO JAPÃO.....</b>	<b>100</b>
5.1. A identidade dos <i>dekasseguis</i> .....	111
5.2. A crise no Japão e o reflexo aos <i>dekasseguis</i> .....	114
<b>6. O RETORNO AO BRASIL.....</b>	<b>118</b>
6.1. O emprego no Brasil.....	121
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>140</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela		Pág.
01	Países com maior concentração de migrantes brasileiros.....	18
02	Taxa de crescimento anual de brasileiros registrados no Japão de 1985 a 1997.	62
03	Investimentos dos <i>dekasseguis</i> .....	63
04	Profissões anteriores à migração.....	69
05	Salários anteriores à migração.....	70
06	Bens que possuía antes da viagem ao Japão.....	70
07	Faixas de percentuais dos salários poupados pelos <i>dekasseguis</i> no Japão.....	71
08	Períodos de saídas para o Japão.....	71
09	Idade dos <i>dekasseguis</i> .....	73
10	Estrangeiros no Japão provenientes da América do Sul .....	73
11	Objetivos da migração.....	75
12	Formas de recrutamento de trabalhadores.....	76
13	Formas de pagamento das passagens.....	77
14	Graus de descendência japonesa.....;	80
15	Domínio da língua japonesa.....	81
16	Diferenças entre o Brasil e o Japão.....	86
17	Formas e freqüência de contato dos <i>dekasseguis</i> .....	88
18	Tipos de moradias no Japão.....	93
19	Escolaridade dos <i>dekasseguis</i> .....	101
20	Salário mensal recebido pelos <i>dekasseguis</i> no Japão.....	103
21	Ocupação exercida pelos <i>dekasseguis</i> no Japão.....	106
22	Quantidade de viagens ao Japão na condição de <i>dekasseguis</i> .....	110
23	Diferenças apontadas com o retorno.....	119
24	Ocupações recentes dos <i>dekasseguis</i> .....	121

## LISTA DE QUADROS

Quadro		Pág.
01	Entrada de imigrantes japoneses no Brasil (1908 – 1986).....	44
02	Proprietários de terras no município até dezembro de 1938.....	47
03	Anuidades pagas pelos membros dos <i>kumis</i> .....	55
04	Número de famílias que fazem parte dos <i>kumis</i> .....	56
05	Números de entrevistas realizadas por <i>kumis</i> .....	61

### LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico		Pág.
01	Entrada de imigrantes japoneses no Brasil (1908 – 1986).....	45
02	Distribuição dos entrevistados segundo tipo de alimentação.....	96

## LISTA DE FIGURAS

Fig..		Pág.
01	Representação esquemática do ciclo migratório – Japão – Brasil - Japão.....	17
02	Localização dos <i>kumis</i> e locais das entrevistas.....	57
03	Anúncios dos Classificados da Folha de Londrina, 2001.....	64
04	Anúncio Jornal.....	de 68
03	Províncias de destino dos <i>dekasseguis</i> Londrina.....	de 74

## LISTA DE FOTOS

Foto		Pág.
01	Londrina-PR, 1934.....	48
02	Londrina-PR, 1948.....	51
03	Exemplo de alojamento mantido por empreiteira. Shiga-Ken – Japão.....	92
04	Exemplo de apartamento alugado por <i>dekassegui</i> . Ibaraki-ken – Japão.....	95
05	Exemplos de <i>dekasseguis</i> trabalhando em linhas de produção japonesa Shiga-ken – Japão.....	104
06	Exemplos de <i>dekasseguis</i> trabalhando em linhas de produção japonesa Shiga-ken – Japão.....	104
07	Exemplos de <i>dekasseguis</i> trabalhando em linhas de produção japonesa Shiga-ken –	104

	Japão.....	
08	Exemplos de <i>dekasseguis</i> trabalhando em linhas de produção japonesa Shiga-ken –	
	Japão.....	104

## APRESENTAÇÃO

A idéia da dissertação foi elaborada a partir de estudos realizados por ocasião da pesquisa executada como bolsista de IC-CNPq nos anos de 1997/98, que tratou da questão migratória enfocando os *dekasseguis*, em que se suscitaram algumas inquietações que estimularam a realização de estudos mais aprofundados para compreender as facetas diferenciadas da mobilidade populacional.

Na etapa inicial do curso de mestrado encontramos algumas dificuldades de cunho institucional, mas que foram superadas com a nossa transferência, em julho de 2001, para a Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente-SP, fato que pode ser considerado decisivo para a conclusão deste curso, pois foi o momento em que estreitamos relações com nossa orientadora.

Com a transferência, portanto, a pesquisa pode ser iniciada, com um ano e meio de atraso, o que dificultou, em alguns momentos, pela falta de tempo para a realização de algumas etapas da pesquisa. No entanto, através de colóquios com a orientadora e da redefinição do recorte da pesquisa iniciamos o trabalho de campo junto à comunidade nipônica de Londrina, a qual, só foi possível devido aos primeiros contatos realizados com o senhor Kiyoshi Yoshikawa, pessoa atuante junto a tal comunidade e chefe do *Kumi 20*. Assim, fomos tomando conhecimento dos chefes dos *kumis* e travando o contato para as demais entrevistas realizadas. Após isto, as demais etapas foram se sucedendo na medida que surgia a necessidade metodológica.

A seguir, apontaremos os itens que analisamos e discutimos nos seis capítulos desta dissertação de mestrado.

No primeiro capítulo, estaremos analisando os imigrantes japoneses e os *dekasseguis* enquanto trabalhadores que se deslocaram de seus países de origem para buscarem melhores condições de vida em outros países com a perspectiva do trabalho temporário, ou seja, partem decididos a trabalhar fora de seu país para, posteriormente, regressarem com uma quantidade de dinheiro que os possibilite melhores condições materiais. As análises perpassam pela propriedade da mobilidade da força-de-trabalho, como sendo o elemento que propicia as migrações.

No segundo capítulo, tentamos evidenciar quais foram as causas e os fatores que acabaram por impulsionar o movimento migratório de ambas as partes, ou

seja, buscamos as condições econômicas e os contextos históricos em que estavam inseridos o Brasil e o Japão no início do século XX, quando houve a imigração de japoneses para o Brasil e no final do século XX, quando começa a ocorrer o fluxo inverso da migração, ou seja, os brasileiros se deslocam para o Japão.

No terceiro capítulo, abordamos, com maior enfoque, a imigração para o Brasil, contextualizando a chegada dos imigrantes no país e analisando como foi a chegada dos primeiros japoneses ao município de Londrina, nossa área de estudo. Neste capítulo, demonstramos algumas tradições da “colônia” japonesa que são desenvolvidas até hoje na cidade e quais são as perspectivas da tradição para as gerações futuras.

No quarto capítulo, trazemos para a discussão a migração dos *dekasseguis* para o Japão: por que partem? Quais seus objetivos? Como se inserem na comunidade japonesa e qual sua relação com os naturais daquele país? Trata-se de uma migração étnica?

No quinto capítulo, tratamos das expectativas dos *dekasseguis* no novo país e quais são as dificuldades que passam no Japão. Analisamos a questão da identidade dos *nikkeis* e como enfrentaram os momentos de crise no Japão.

No sexto capítulo, analisamos o retorno dos *nikkeis* ao Brasil, como vivem atualmente, se alcançaram seus objetivos com a migração para o Japão e se existe a intenção de um futuro retorno ao Japão. Desta forma, procuramos entender como os *dekasseguis* vêem o Brasil: será que este é um país inviável que não consegue oferecer mínimas condições de sobrevivência à sua população?

Com este trabalho, tentamos esclarecer algumas dúvidas sobre a questão migratória e entender um pouco mais as condições de vida do migrante, analisando seus anseios e suas realizações.

## 1. INTRODUÇÃO.

Os deslocamentos populacionais expressam as dificuldades e/ou as impossibilidades da sobrevivência econômica em um determinado país. O emigrante, segundo Sayad (2000), carrega consigo uma única finalidade: o trabalho (um fim em si mesmo); e não teria razão de ser se não fosse pela perspectiva de trabalhar e poder retornar “rico”.

Entendemos, portanto, que as pessoas somente se mobilizam pela falta de oportunidades de empregos, sujeitando-se a todo tipo de trabalho em outros países, pela segurança de uma fonte de renda, mesmo que isto signifique trabalhar aquém de suas habilidades, em serviços pouco atrativos e prazerosos. A imigração da força de trabalho é essencialmente provisória e é tolerada, pela sociedade que recebe imigrantes, como um mal menor, porque se dará por tempo limitado. Ou seja, é um instrumento que o capital utiliza para garantir diminuição de custos na esfera produtiva, mesmo que desagrade a população local.

A imigração de japoneses no início do século, trazia pessoas cheias de esperanças para trabalhar como colonos nas lavouras de café e conseguirem fazer sua fortuna no Brasil, podendo retornar como vitoriosos à sua terra natal e, assim, ajudar na reconstrução do seu país.

*Para o Japão, a importância do Brasil como país receptor foi crescendo na medida em que outras nações tradicionalmente imigrantistas foram fechando suas portas aos japoneses. Conhecia o país do sol nascente o problema da densidade populacional crescente, em um solo apenas em parte cultivável, ao mesmo tempo em que se atravessava uma situação sócio-econômica toda particular. Todos estes fatores, impeliram o japonês para o exterior. A partir do solo pátrio (como de resto, todo emigrante), levava consigo a esperança de uma migração temporária, pois sonhava com um enriquecimento a curto prazo e volta à terra natal.*

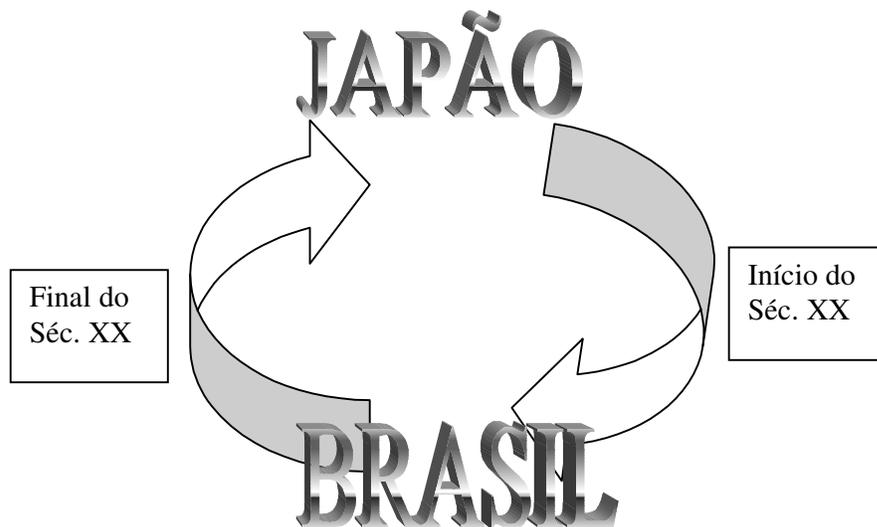
(NOGUEIRA, 1973, p. 57)  
(Grifos nossos)

Assim como os imigrantes japoneses, hoje, seus descendentes partem para o Japão com a mesma perspectiva, ou seja, deixam seu país e se dirigem em direção ao Japão com a esperança de trabalhar alguns anos e poder retornar ao Brasil,

após ter acumulado alguma quantia que lhes possibilitem a aquisição de uma casa, um carro ou montar o seu próprio negócio.

Embora tenhamos trabalhado com o termo ciclo migratório, no título da dissertação, pelo fato de tratar da imigração e emigração de japoneses e seus descendentes, gostaríamos de ressaltar que se trata de um ciclo que se fecha, uma vez que a situação não parece ser algo que venha se repetir, pois não há nenhuma tendência no atual quadro sócio-político-econômico brasileiro e japonês, que conduza a um novo processo migratório no sentido Japão – Brasil. É, também, importante salientar que a idéia de ciclo deve ser entendida de forma relativizada, pois o retorno se dá por parte dos descendentes de japoneses que aqui residem e não por parte dos primeiros que aqui chegaram, ainda que existam casos de alguns *isseis*<sup>1</sup> que aproveitam a oportunidade do fenômeno *dekassegui*, para retornar e visitar a sua terra de origem.

Figura 01. REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO CICLO MIGRATÓRIO – JAPÃO-BRASIL-JAPÃO



Verificamos que esta realidade migratória não permeia apenas o grupo de descendência nipônica, mas outros fluxos em direção ao exterior também se mostram constantes para a realidade brasileira, como a intensa migração para os EUA, Paraguai,

<sup>1</sup> Imigrantes japoneses residentes no Brasil

Portugal, Itália, Espanha. Segundo os dados do Itamaraty/97, mais de 1,5 milhão de brasileiros estão no exterior.(Tabela 1).

Tabela 1. Países com maior concentração de migrantes brasileiros

País	Nº de Brasileiros	Percentual
EUA	598.526	38.36
Paraguai	460.846	29.54
Japão	201.139	12.89
Itália	40.118	2.57
Alemanha	36.092	2.31
Portugal	32.068	2.06
Uruguai	19.986	1.28
Inglaterra	19.510	1.25
Espanha	10.361	0.66
Outros países	141.149	9,08
<b>Total</b>	<b>1.559.795</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Departamento de Controle de Imigração do Ministério da Justiça (12/97)

Comprendemos, portanto, que as migrações refletem a situação econômica de uma dada região, com suas variações espaciais e temporais, levando as pessoas para outras regiões que possibilitem o alcance de melhores condições, determinando áreas de “atração ou de expulsão” de trabalhadores. Desta forma, procuramos entender os fluxos migratórios, que se caracterizam como migrações temporárias por motivo de trabalho e por remunerações que possibilitem uma vida mais digna quando retornarem ao seu país de origem. Entendemos este fenômeno dentro de um contexto político, econômico e social que propicia e estimula a mobilidade espacial de trabalhadores, como o conceito desenvolvido por Gaudemar (1977) e discutido por Vainer (1996), a respeito da mobilidade e da imobilidade forçada da força de trabalho, enquanto formas de garantir a maximização da (re)produção do capital, evidenciando que os deslocamentos populacionais não ocorrem por meio de iniciativas individuais, mas sempre, por uma conjuntura de fatos e acontecimentos que representam a necessidade da reprodução capitalista, como percebemos nos dois momentos que esta dissertação visa discutir.

A situação econômica e social desde os anos de 1980, chamada por alguns economistas de “década perdida” geraram problemas para a população brasileira. Neste período, em que se encerrava o falso desenvolvimento do chamado “Milagre

brasileiro”, o país passou a ter que pagar juros da dívida externa e acabou por ingressar numa crise, que provocou um aumento significativo das taxas inflacionárias e da população desempregada, sendo que a solução encontrada por milhares de brasileiros, foi deixar o Brasil em busca de maiores ganhos em outros países que necessitem de mão-de-obra desqualificada. Quanto a isto, Teresa Sales afirma que,

*Estamos fugindo de nossa década perdida pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais. As migrações recentes de brasileiros para os Estados Unidos, para o Japão, para Portugal, para Itália e até para o Paraguai, são o retrato cruel de um Brasil que, se na passagem do século passado e primeiras décadas do atual recebia imigrantes que para aqui trouxeram seu legado de técnica e cultura, agora, na passagem para um novo século, começa a exportar o que há de melhor em seu território: o seu povo.*

(SALES, 1995a, p.5)

E Klagsbrunn,

*Em outros termos, a emigração vai se consolidando como a mais importante fonte individual de divisas de nossa pauta de “exportações”.*

(KLAGSBRUNN, 1996, p. 45)

Desta forma, verificamos que as migrações internacionais resultam de uma realidade econômica pela qual o país vem passando, que acaba por incentivar estes movimentos de pessoas que buscam melhores oportunidades em outros países. Mas sabemos, também, que se tratam de migrações temporárias que repercutem num sentimento de dualidade do migrante, que parte pensando em voltar, e que permanece no país de destino, sem sentir que está no seu devido lugar. Quanto a este sentimento, Martins ressalta que:

*Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições com duplicidade, é ser duas pessoas ao mesmo tempo, (...) é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É até mesmo, partir sempre e não chegar nunca.*

(MARTINS, 1986, p.45)

Segundo Sayad (2000), o sentimento do retorno está intrínseco ao migrante, uma vez que ele parte já pensando na sua volta, o que vem a corroborar a afirmação acima de Martins, o migrante não se sente em casa quando migra, e por mais demorada que seja esta sua migração, em que por mais que não ocorra um retorno, o sentimento da volta, a nostalgia da terra natal estará sempre atrelada ao migrante.

Nesta perspectiva de migrantes temporários em busca de empregos é que estaremos abordando as migrações internacionais e mais precisamente a migração do e para o Japão.

Para tanto, temos como objetivo geral da pesquisa, analisar o processo migratório dos imigrantes japoneses residentes em Londrina, bem como, a migração de seus descendentes (*dekasseguis*) que vivenciam o movimento inverso do deslocamento populacional, com destino ao Japão para trabalhar temporariamente em serviços pouco qualificados e muito penosos.

Analisaremos, também, a contribuição sócio-econômica e cultural dos imigrantes japoneses na colonização da cidade de Londrina, bem como, suas interpretações quanto ao movimento que seus descendentes hoje realizam.

Investigaremos a trajetória de vida dos indivíduos que já se deslocaram para o Japão, temporariamente, na qualidade de trabalhadores não especializados, tendo em vista as motivações e os fatores condicionantes dos deslocamentos realizados. Tentaremos, assim, identificar as condições de vida enfrentadas pelos *dekasseguis* no novo país, verificando as mudanças ocorridas após algum tempo de trabalho no Japão e analisando o processo de adaptação/readaptação dos *dekasseguis* londrinenses.

Com este trabalho, procuramos caracterizar a dinâmica migratória japonesa no contexto das políticas migratórias nacionais e internacionais; procurando compreender através deste estudo de caso, as migrações laborais de uma forma geral, verificando a mobilidade social inerente à dinâmica migratória japonesa no Brasil.

Assim, tentaremos compreender as migrações temporárias, enquanto um produto do sistema capitalista que propicia e estimula este deslocamento de acordo com o interesse do mercado.

## 2. A MOBILIDADE DO TRABALHO. BRASIL E JAPÃO

Abordaremos a questão dos deslocamentos populacionais no contexto do trabalho, ou seja, procuraremos entender a mobilidade populacional impulsionada pela busca de melhores condições de vida ou pela perspectiva de maiores rendimentos. Neste sentido, analisaremos as migrações internacionais entre Brasil e Japão em dois momentos diferentes - no início do século XX e no período entre o final dos anos de 1980 aos dias atuais - período em que se registra uma forte inversão no sentido do fluxo migratório, pois, o Brasil que, no início do século, recebia um grande contingente de imigrantes (japoneses) por ser considerado um país promissor, torna-se, no momento posterior, um exportador de mão-de-obra para outros países, a partir da intensificação das crises política e econômica.

Assim, entendemos que a migração está vinculada à mobilidade do trabalho, ou seja, a propriedade que todo homem possui enquanto trabalhador (ou mercadoria) de vender sua força de trabalho e se deslocar de acordo com as regras ditadas pelo capital. Sobre isto Gaudemar afirma que:

*A circulação das forças de trabalho é o momento da submissão do trabalhador às exigências do mercado, aquele em que o trabalhador, à mercê do capital e das crises periódicas, se desloca de uma esfera de atividade para outra; ou por vezes aquele em que sucede o trabalhador ser “sensível” a toda variação da sua força de trabalho e da sua atividade, que lhe deixa antever um melhor salário.*

GAUDEMAR (1977, p.194)

O autor afirma, ainda, que a mercadoria proveniente do trabalhador (a força de trabalho), deve ser livre sob dois pontos de vista:

*Liberdade positiva: a força de trabalho é uma mercadoria que pertence, como bem particular, ao trabalhador, que pode dela dispor à sua vontade; o trabalhador é então considerado como actor da sua própria liberdade. Liberdade negativa: o trabalhador não tem diante de si outra hipótese que não seja vender ou não a sua força de trabalho; não tem mais nada para vender, e na prática, ou vende a sua força de trabalho para viver, ou não a vende e morre.*

(GAUDEMAR, 1977, p.190)

Portanto, ao trabalhador não sobram muitas alternativas a não ser se sujeitar às regras ditadas pelo capital, e se mobilizar em busca de melhores oportunidades, não importando muito o emprego, mas sim, os ganhos que podem ser obtidos com ele.

*Como esta “liberdade” do trabalhador não existiria sem a mobilidade do trabalho, somos então levados a concluir que o conceito de mobilidade do trabalho participa na determinação específica da economia capitalista no seio das determinações gerais de toda economia mercantil.*

(GAUDEMAR, 1977, p. 195)

Sayad (2000), afirma ainda que:

*(...) a busca do trabalho – no sentido conhecido em nossa economia, no sentido entendido pela teoria econômica, que é a teoria moderna (isto é, busca, grosso modo, do trabalho assalariado, já que a população concernente, população de proletários, no sentido primeiro do termo, ele é o único meio do qual ela dispõe para se suprir de dinheiro) – tem se ampliado na medida mesma da expansão da economia da qual ela é o vetor da economia capitalista, a única aliás existente, de vocação mundial, impondo-se em todos os lugares por si mesma, e pelo simples fato de se propor.*

(SAYAD, 2000, p.8)

Assim, acreditamos que a busca por melhores empregos, e por melhores oportunidades em se conseguir maiores rendimentos, foi o que impulsionou a imigração dos japoneses para o Brasil no início do século, bem como a emigração de seus descendentes em direção ao Japão no final do século XX.

No período entre a primeira migração até meados dos anos de 1980, mais de 255 mil japoneses chegaram no Brasil e, hoje, calcula-se que 1% da população brasileira seja de origem nipônica, ocupando todos os ramos de atividades do país, ressaltando, desta forma, a importância desta comunidade na vida política, econômica e social do Brasil. Porém, com as transformações econômicas brasileiras e japonesas, o fluxo se inverte, sendo que entre as décadas de 80 e 90 mais de 200 mil brasileiros deixaram o Brasil em direção ao Japão, décadas estas, marcadas pela intensificação das crises política e econômica do país (como o aumento da inflação e do desemprego), o que favoreceu a emigração dos *dekasseguis*.

A dificuldade em se arrumar empregos estáveis com bons salários, leva

cada vez mais pessoas a deixarem seus países e se sujeitarem a qualquer tipo de trabalho em outros, pela garantia de um salário melhor e de uma possibilidade de retorno com condições de vida mais digna.

O mundo globalizado facilitou bastante a entrada dos *nikkeis*<sup>2</sup> no Japão, pois:

*O mundo está sendo progressivamente integrado e homogeneizado pelas comunicações, pela tecnologia, pelo fluxo aceleradíssimo de capitais, pelos padrões culturais e comportamentais. Mas, sobretudo, está sendo padronizado pela adoção universal da economia de mercado.*

(MARTINE, 1994, p. 55)

Sendo assim, com a internacionalização do mercado de trabalho, as relações internacionais acontecem de forma mais rápida e simples, facilitando as comunicações e conseqüentemente as migrações internacionais, porém, estas possuirão sempre um caráter temporário e os migrantes serão apenas trabalhadores para atender a demanda dos países desenvolvidos, o que acaba por gerar uma certa discriminação por parte dos naturais dos países, uma vez que estes migrantes se dirigem para realizar trabalhos que são desprezados pelos primeiros. Bógus, comenta que:

*Do ponto de vista da chamada “globalização”, pode-se afirmar que a internacionalização da economia e o conseqüente enfraquecimento das fronteiras nacionais agiram como um estímulo às correntes migratórias, acarretando, em contrapartida, nos países de destino, comportamentos restritivos à presença dos migrantes, seja por meio de manifestações de racismo e xenofobia, seja pela adoção de legislação restritiva à presença de estrangeiros.*

(BÓGUS, 1996, p. 111)

Esta realidade permeia todas as migrações internacionais, pois conforme estudos realizados por Margolis (1995) e por Sales (1999), sobre a migração de brasileiros para os EUA, por Sayad (2000) sobre a migração de argelinos para a França, e outros estudos referentes à migração de brasileiros para o Japão: Asari (1992), Yoshioka (1995), Rossini (1996), Sasaki (1998), Oliveira (1999), Kawamura (1999), Toma (2000), Catanio (2000), o sentimento quanto ao preconceito dos imigrantes é

---

<sup>2</sup> Palavra japonesa utilizada para designar todos os descendentes de japoneses.

muito evidente<sup>3</sup>.

Assim, entendemos que as migrações não ocorrem sem deixar marcas, tanto nos países de atração como nos de expulsão destes migrantes e que a análise destes fluxos podem diagnosticar a situação política, econômica e social dos países em determinados períodos históricos. Desta forma, estaremos analisando no capítulo seguinte a situação que se encontrava o Brasil e o Japão, no início do século XX, na época da entrada dos imigrantes japoneses e, atualmente, quando ocorre o movimento inverso dos seus descendentes.

## 2.1. As transformações político-econômicas no século XX e suas implicações na inversão do sentido dos fluxos migratórios entre Brasil e Japão

Neste capítulo iremos abordar os diferentes momentos do processo migratório Japão-Brasil-Japão, onde enfocaremos as transformações políticas e econômicas com variações espaciais e temporais. Para tanto, trataremos da situação japonesa e brasileira em dois momentos: - final do século XIX e início do século XX; - final do século XX e início do século XXI. Levaremos, também, em consideração as modificações na cadeia produtiva em escala internacional que se refletem em ambos países analisados.

### 2.1.1. Situação japonesa que propiciou a saída de trabalhadores no final do século XIX e início do século XX

Durante o período Meiji (1867 – 1912), houve o estabelecimento de uma nova forma de governo centralizada no imperador e o Japão tornou-se um verdadeiro Estado unificado. Passou a seguir a meta de conquistar a prosperidade nacional e o

---

<sup>3</sup> Esta realidade enfrentada pelos *dekasseguis* no Japão, será discutida com mais afinco em capítulo posterior.

poder militar, para tanto, iniciou um alinhamento junto às nações desenvolvidas do ocidente. As instituições e a tecnologia ocidental passaram a servir de modelo ao desenvolvimento japonês, que alcança um rápido progresso para se tornar uma nação industrial moderna, sendo que o progresso interno e o sucesso no exterior, possibilitaram ao Japão um desenvolvimento da sua infra-estrutura nos transportes e comunicação, como: trens a vapor, navios e bondes elétricos, luz elétrica e telefone. (Bath, 1993)

Porém, este desenvolvimento rápido não era capaz de absorver toda a população japonesa, o que levou o governo japonês a incentivar a saída de parte da população para outras partes do mundo, a exemplo de regiões de influência japonesa na Ásia, como a Coreia e, ainda, o Brasil, que estava num momento bastante particular de sua história, que necessitava da entrada de mão-de-obra, para o trabalho nas lavouras de café, o qual, detalharemos em momento posterior. (Bath, 1993)

Como o Japão inicia uma política de rápido desenvolvimento industrial, que foi baseada na organização dos *Zaibatsu*, que eram enormes monopólios empresariais, controlados por influentes famílias japonesas, que concentravam praticamente todas as indústrias, este país, conquistou um significativo avanço imperialista, tendo um interesse especial nos países do leste asiático, por tal motivo, participou de disputas por território com a Coreia, com a Rússia, com a China e outros.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o Japão lutou contra a Alemanha, ao lado de Inglaterra e França e, por isso, muitos mercados na Ásia foram rapidamente absorvidos pelo Japão, tais como as áreas que eram dominadas pela Alemanha, o que aumentou muito o poder econômico e incentivou o crescimento de seu poderio militar. Este fato coloca o Japão envolvido com a Segunda Guerra Mundial, na qual apoiou a Alemanha e foi derrotado, sendo atingido por duas bombas atômicas lançadas pelos Estados Unidos. A Segunda Guerra Mundial deixou arrasada a economia japonesa: a produção industrial caiu para um sétimo do que fora em 1941.

Por tal motivo, inicia-se, novamente, um processo de saída de trabalhadores para o Brasil, principalmente, após os anos de 1950, pois nos anos que perduraram a Segunda Guerra Mundial não era permitida a entrada de japoneses no Brasil, pois estavam em lados opostos na guerra.

### 2.1.2. Situação brasileira que propiciou entrada de trabalhadores no final do século XIX e início do século XX

Mesmo com a emancipação política de 1822, as características da economia brasileira não mudaram no decorrer do Primeiro Reinado e durante o período regencial; a inexistência de um produto de grande expressão comercial dificultava a manutenção da economia agrária, exportadora e escravista. Entretanto, a partir de 1840, a economia cafeeira emerge com vigor, facilitando a consolidação do Estado monárquico, controlado pela aristocracia rural e escravista, estabelecendo bases para o Segundo Reinado. (Costa, 1977)

A procura pelo café era intensa na Europa, por isso, tornou-se bastante rentável sua produção, que em curto período se tornou a principal cultura a ser produzida no Brasil. Esta cultura foi introduzida no Brasil a partir de 1808, com o estabelecimento da Corte no Rio de Janeiro, tendo se expandido para Angra dos Reis e Mangaratiba, em 1830, para o Vale do Paraíba, quando assumiu o caráter de grande lavoura para exportação e após 1850, para o Oeste do Estado de São Paulo e, posteriormente, para o Norte do Paraná, onde houve uma rápida adaptação da cultura devido a presença do tipo de solo Latossolo estruturado – chamado de Terra Roxa. (Costa, 1977)

A partir de 1850, intensificam-se as pressões inglesas para que o Brasil acabasse com o regime da escravidão, pois a Inglaterra tinha como meta o extermínio de tal prática para a definitiva integração ao capitalismo que estava se desenvolvendo em ritmo acelerado. Neste ano, o governo brasileiro cede às pressões inglesas, país de quem dependia economicamente, e promulga a Lei Eusébio de Queirós, que extinguiu definitivamente o tráfico de escravos para o Brasil. Porém, pelo fato de que no Brasil não havia mercado de trabalho livre que pudesse substituir o trabalho escravo, muitos fazendeiros, passaram a buscar alternativas para a definitiva abolição da escravatura, que aconteceria, de vez, em 1888, mas que em 1850, já se sabia que tal episódio seria deflagrado, pois não seria mais permitida a entrada de escravos negros no país. (Costa, 1977; Stolcke, 1986)

Esta situação é relatada por Stolcke:

*País de terras abundantes e uma população relativamente escassa, o Brasil se defrontou com problemas específicos na criação de uma força de trabalho. Até os anos de 1850, os escravos compunham a grande maioria da força de trabalho necessária a uma agricultura de exportação em grande escala. Em meados do século XIX, à medida que a escravidão vinha sendo cada vez mais atacada, alguns cafeicultores de São Paulo começaram a fazer experiências com o trabalho livre.*

(STOLCKE, 1986, p. 17)

Na ausência de uma reserva de mão-de-obra local prontamente disponível, os fazendeiros paulistas recorreram aos trabalhadores imigrantes.

Porém, como os fazendeiros estavam acostumados ao trato dos escravos, procuravam formas de melhor controlar os trabalhadores imigrantes, buscando alternativas para o tipo de relação de trabalho que seria estabelecida. No primeiro momento, pensou-se na mão-de-obra assalariada, mas logo foi descartada, pois necessitaria de um investimento muito alto em curto prazo e com elevado nível de risco, pois não se sabia como seriam os novos trabalhadores. Pensou-se, então, no sistema de parceria, no qual, de acordo com o contrato, o fazendeiro financiava o transporte dos imigrantes de seu país de origem até o porto de Santos, adiantava o custo do transporte de Santos até a fazenda, e os gêneros e instrumentos necessários aos imigrantes, até que pudessem pagar com os produtos das primeiras colheitas<sup>4</sup>.

Segundo Stolcke, alguns outros acontecimentos levaram a uma crise na utilização da parceria, conforme se segue:

*Reduzindo custos da mão-de-obra por unidade, em comparação com o trabalho assalariado, a parceria deve inicialmente ter-se apresentado aos fazendeiros como o substituto mais adequado para o trabalho escravo. O elemento de incentivo deve ter parecido uma alternativa satisfatória à coerção que obrigava os escravos ao trabalho. A questão não era simplesmente a de resolver problemas potenciais na oferta de mão-de-obra, mas de fazê-lo de forma lucrativa. Contudo, os imigrantes eram trabalhadores livres. Como parceiros, em princípio, eram livres para decidir sobre a alocação e a intensidade do trabalho. Logo, sua dedicação e sua produtividade no café dependiam de sua própria avaliação dos ganhos. Os fazendeiros e os agentes de imigração tentaram criar a ilusão de que os imigrantes poderiam rapidamente quitar suas dívidas e adquirir terra própria. Na prática, porém, os imigrantes geralmente tinham de esperar pelo menos dois anos, antes de receberem retornos*

---

<sup>4</sup> O primeiro fazendeiro a utilizar a prática da parceria foi o Senador Vergueiro, no ano de 1845, que era proprietário de uma grande fazenda próxima à cidade de Limeira, na província de São Paulo, que recebeu um grupo de imigrantes alemães (Stolcke, 1986).

*significativos por seus esforços. A parcela que lhes cabia da primeira colheita levava quase um ano para lhes ser paga, devido aos atrasos na comercialização do café; mas visto que os contratos estipulavam que metade dos ganhos anuais dos trabalhadores, derivados do café, seria retida para cobrir suas dívidas, e como nesse ínterim eles haviam acumulado novas dívidas por outros adiantamentos, somente no terceiro ano é que poderiam esperar receber algum dinheiro.*

(STOLCKE, 1986, p. 27)

Com isso, não tardou a ocorrência de revoltas dos imigrantes, como as de 1856 e 1860. Outro fator que serviu de complicador, foi o fato de que por se tratar de trabalho livre, os imigrantes decidiam a intensidade de seu trabalho, e pela dificuldade em receber os rendimentos, não se sentiam motivados para o trabalho, o que diminuiu a produtividade das lavouras. Portanto, os fazendeiros passaram a ter um limitado poder de controle sobre os imigrantes, pois não poderiam utilizar o mecanismo da pressão através da demissão, pois, correriam riscos de perderem seus investimentos iniciais (em passagens) e, tampouco, poderiam obrigar os imigrantes a trabalharem mais.

Após algumas tentativas de forçar os imigrantes a trabalharem e de conterem suas revoltas, com a ameaça de prisões, os fazendeiros, nos anos de 1880, chegaram a conclusão de que não poderia existir mão-de-obra barata sem violência, sendo que haviam muitos braços e muitos com interesse em contratá-los.

A afirmação de Stolcke, traz elementos que auxiliam nosso raciocínio, de modo que:

*Após 1884, em vez de coagir os trabalhadores diretamente, o Estado procurou obter mão-de-obra barata e disciplinada para as fazendas, inundando o mercado de trabalho com imigrantes subvencionados. Em 1886, o governo provincial havia encontrado uma forma eficaz de fornecer subsídio integral aos imigrantes, e o resultado foi praticamente imediato. Em maio de 1887, entre 60000 e 70000 imigrantes, agora predominantemente italianos, já haviam sido assentados nos estabelecimentos agrícolas de São Paulo. Essa cifra excede a estimativa de 50000 escravos que estavam empregados nas fazendas cafeeiras paulistas em 1885. A política de imigração se manteve basicamente inalterada até a Primeira Guerra Mundial. Entre 1884 e 1914, chegaram a São Paulo cerca de 900000 imigrantes, a maioria como mão-de-obra barata para as fazendas de café.*

(STOLCKE, 1986, p. 47)

(Grifos nossos)

Ou seja, os imigrantes vieram com outra relação de trabalho, mas logo se chegou ao sistema de colonato, com o qual se resolveriam os problemas, pois não só os fazendeiros não precisavam mais investir nos custos iniciais referentes à mão-de-obra, como não precisavam mais arcar com os custos de viagem, pois a imigração passou a ser subvencionada pelo Estado.

Foi nesse contexto que, no início do século XX, chegaram a São Paulo, os primeiros imigrantes japoneses, embarcados no navio a vapor *Kasato Maru*, que foram atraídos com promessas de que conseguiriam comprar terras com bastante facilidade, desde que trabalhassem muito. Esta tendência foi mantida até que fossem introduzidas quantidades de mão-de-obra suficientes para abastecer as lavouras de café, que começaram a entrar em declínio com a transição do Brasil de uma economia agrário-exportadora para urbano-industrial, no momento de ascensão de Getúlio Vargas, em 1930, fato que desenvolveremos em momento posterior.

### 2.1.3. Momento de transição. a recuperação japonesa

Após o período de profunda crise que o Japão ingressa, com a derrota na Segunda Guerra Mundial, com as modificações na geopolítica mundial, com o advento da Guerra Fria, os Estados Unidos, então, “preocupados com os destinos da Ásia”, onde as relações de proximidade com a ex-União Soviética eram muito grandes, iniciou um projeto de cooperação econômica com o Japão para conquistar um aliado do capitalismo no continente asiático.

Com o auxílio econômico dos Estados Unidos (incluindo os gastos durante a ocupação militar, sob a direção do general MacArthur) e com o esforço dos próprios japoneses, o Japão inicia um processo de recuperação econômica.

Novas instalações industriais foram erigidas e as cidades devastadas, reconstruídas. Teve grande importância a atuação do americano W. Edwards Deming, um especialista em estatística e controle de qualidade que, a partir de 1949, treinou milhares de engenheiros japoneses, difundindo a noção de que só com padrões elevados a indústria japonesa poderia competir com os países ocidentais. (Bath, 1993)

Em menos de vinte anos, o Japão não só conseguiu alcançar o mesmo

patamar dos mais adiantados países ocidentais, como chegou a ultrapassá-los. Na década de 1960, superou os suíços na produção de relógios e os alemães na produção de aparelhos fotográficos. Na década de 1980, deixou para trás os EUA na produção de aço, robôs e automóveis. Em 1997, seu PIB chegou a 4,2 trilhões de dólares, o dobro do PIB da Alemanha e sua renda per capita alcançou a marca de 38160 dólares, tendo sua economia superada somente pelos Estados Unidos. (Bath, 1993)

#### 2.1.3.1. Da rigidez da filosofia do fordismo a flexibilidade do toyotismo

Para uma contextualização do processo de recuperação da economia do Japão consideramos necessário discutir a construção do sistema de acumulação flexível, chamado por alguns autores de toyotismo, que foi criado no Japão nos anos de 1970 e que foi uma das alternativas para o momento de crise internacional. Este sistema foi adotado/copiado por muitas empresas ocidentais que passaram a utilizar a flexibilidade e abandonaram a rigidez do fordismo.

O desenvolvimento do fordismo, nos Estados Unidos, no início do século XX, que se expandiu para várias partes do mundo a partir do final da Segunda Guerra Mundial, significou uma grande modificação nas formas de produção, sendo que considerava explicitamente que a produção de massa constituía o consumo de massa, criando uma nova política de controle e gerência de trabalho. Houve a criação do dia de oito horas de trabalho, e a conseqüente liberação do trabalhador para ter oito horas de descanso e oito horas de lazer, o que significaria, tempo para o consumo.

A construção de carros, navios, a fabricação de equipamentos de transportes, aço, produtos petroquímicos, a borracha, os eletrodomésticos e a construção civil se tornaram os propulsores do crescimento econômico, concentrando-se numa série de regiões de grande produção da economia mundial - Meio Oeste dos Estados Unidos, a região do Rhur-Reno, Terras Médias do Oeste da Grã-Bretanha e as regiões de produção de Tóquio-Yokohama – coordenadas por centros financeiros interligados, tendo como ápice da hierarquia os Estados Unidos e Nova Iorque. (Harvey, 1996)

Assim, a expansão internacional do fordismo ocorreu numa conjuntura particular de regulamentação político-econômica mundial e uma configuração

geopolítica em que os Estados Unidos dominavam por meio de um sistema bem distinto de alianças e relações de poder.

Ressaltamos que a organização sindical teve um papel muito importante na garantia dos direitos trabalhistas, na reivindicação salarial e no estabelecimento das práticas do Estado do Bem Estar Social.

Porém, muitas pessoas passaram a se tornar excluídas desse sistema de produção, a exemplo das minorias étnicas dos países desenvolvidos, as mulheres e os habitantes dos países subdesenvolvidos, o que acabou por inflamar revoltas em várias partes do mundo, sobretudo nos anos de 1960.

Harvey, sintetiza bem o período de expansão do fordismo:

*(...) a despeito de todos os descontentamentos e de todas as tensões manifestas, o núcleo essencial do regime fordista manteve-se firme ao menos até 1973, e, no processo, até conseguiu manter a expansão do período pós-guerra – que favorecia o trabalho sindicalizado e, em alguma medida, estendia os “benefícios” da produção e do consumo de massa de modo significativo – intacta. Os padrões materiais de vida para a massa da população nos países capitalistas avançados se elevaram e um ambiente relativamente estável para os lucros corporativos prevalecia. Só quando a aguda recessão de 1973 abalou esse quadro, um processo de transição rápido, mas ainda não bem entendido, do regime de acumulação teve início.*

(HARVEY, 1996, p. 134)

A partir dos anos de 1960 algumas modificações no panorama internacional começam a dar sinais de que haveria uma transformação substancial no sistema em vigência, desde o momento em que países da América Latina iniciam um processo de industrialização por substituição de importações, associadas ao primeiro grande volume de multinacionais que se deslocam para áreas subdesenvolvidas, sobretudo no Sudeste Asiático, onde o contrato social era fracamente respeitado, iniciando uma novidade no processo de produção industrial com características fordistas.

A afirmação de Harvey levanta novos pontos para a reflexão, de modo que,

*(...) daí por diante, a competição internacional se intensificou à medida que a Europa Ocidental e o Japão, seguidos por toda uma gama de países recém-industrializados, desafiaram a hegemonia estadunidense no âmbito do fordismo a ponto de fazer cair por terra o acordo de Bretton Woods e de produzir a desvalorização do dólar. A partir de então, taxas de câmbio flutuantes e, muitas vezes, sobretudo voláteis substituíram as taxas fixas da expansão do pós-guerra.*

(HARVEY, 1996, p. 135)

Deste modo, a economia internacional de 1965 até 1973 evidencia uma incapacidade do fordismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo, pois sua rigidez não permitia que houvesse modificações nos investimentos, nos sistemas de produção, nas formas de planejamento, na relação com a classe trabalhadora (forte onda de greves de 1968 a 1972), nos compromissos do Estado (seguridade social, direitos de pensão etc), o que levou a uma forte onda inflacionária que veio a encerrar o período de ascensão capitalista do pós-guerra e iniciar um período de crise. Tudo isso acrescentado aos impactos da crise do petróleo que se estabeleceu após a decisão da OPEP de aumentar os preços do petróleo e da decisão árabe de embargar as exportações de petróleo para o ocidente durante a guerra árabe-israelense de 1973. (Harvey, 1996; Benko, 1999)

Para Benko as novas formas de flexibilidade aparecem relacionadas às técnicas de produção flexíveis, às estruturas industriais flexíveis, à estrutura do capital, às práticas flexíveis na esfera do trabalho e do mercado de trabalho, aos modos de consumo e à intervenção mínima do Estado. Conforme podemos verificar,

*Na esfera da produção e do trabalho, a utilização de novas tecnologias se materializa pelo desenvolvimento e difusão de máquinas e sistemas de equipamentos mais flexíveis. Com o desenvolvimento da eletrônica e das tecnologias da informação, as máquinas especializadas (assim como trabalhadores qualificados) podem ser substituídas por robôs capazes de efetuar um conjunto de operações diferentes, podendo passar rapidamente de uma operação para outra.*

(BENKO, 1999, p. 116)

Para Harvey (1993),

*A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas ...*

(HARVEY, 1993, p. 140)

Pelo fato destas transformações terem sido operacionalizadas, em primeiro momento, nas empresas japonesas, passou a ser chamada no meio acadêmico de Toyotismo, como observamos em Castells:

*Uma terceira evolução diz respeito a novos métodos de gerenciamento, a maior parte deles oriunda de empresas japonesas (...)*

*O enorme sucesso em produtividade e competitividade obtido pelas companhias automobilísticas japonesas foi, em grande medida, atribuído a essa revolução administrativa, de forma que na literatura empresarial 'toyotismo' opõe-se a 'fordismo', como a nova fórmula de sucesso, adaptada à economia global e ao sistema produtivo flexível. O modelo original japonês tem sido muito imitado por outras empresas, bem como transplantado pelas companhias japonesas para suas instalações do exterior, freqüentemente levando a enorme melhoria no desempenho dessas empresas em comparação ao sistema industrial tradicional.*

(CASTELLS, 2000, p. 178)

Portanto, encontramos conjecturas que se alinham na determinação de uma nova filosofia no comando do processo de produção e comercialização, e as práticas que foram originadas nas fábricas japonesas no período de recuperação e reestruturação, atribuíram às empresas japonesas uma liderança em vários setores produtivos e lhes garantiu uma facilidade maior de ganhos e crescimento nos anos de 1980, que foram de intensa crise em vários países do mundo. Desta forma, o Japão inicia um processo de crescimento econômico que, aliado a intensos investimentos no setor da educação, levaram o cidadão japonês a um elevado índice de especialização do trabalho, causando uma carência de mão-de-obra para trabalho braçal, ou seja, para o trabalho "desqualificado", que passou, a partir do final dos anos de 1980 até os dias atuais, a ter uma grande demanda desta *mercadoria*, pois era o reflexo das transformações em marcha. Com isso, havia necessidade de atrair mão-de-obra para o

país. Para resolver este problema, optou-se pelo uso da mão-de-obra dos descendentes de japoneses de países que haviam sido destino da migração de japoneses em períodos anteriores, como o caso do Brasil, fato que iniciou o chamado fenômeno *dekassegui*, que estamos considerando como uma migração de retorno, que fecha o ciclo migratório – Japão, Brasil, Japão.

#### 2.1.4. A crise que se instala no Brasil a partir dos anos de 1980

As transformações que ocorreram no plano internacional não excluíram o Brasil, que apresentou uma modificação bastante significativa a partir dos anos de 1960, sendo que o processo de internacionalização da economia iniciado no governo de Juscelino Kubitschek, representou um aumento significativo de indústrias no Brasil, sobretudo, de multinacionais, que entram no país exigindo a implantação de uma série de infra-estruturas de suporte para suas unidades de produção.

Segundo Oliveira,

*Nesses negócios, boas perspectivas foram oferecidas e garantidas pelo Brasil. Entre elas estava, em primeiro lugar, a abundante disponibilidade de mão-de-obra barata de baixo custo e sem as impertinentes exigências ou a liberdade de exprimi-las, que tornaram tão incômodas e onerosas as relações de trabalho no mundo capitalista industrializado. Em segundo lugar estavam as aspirações de uma minoria de consumidores potenciais mais bem aquinhoados e aspirantes sedentos aos padrões da sociedade de consumo norte-americana e européia.*

(OLIVEIRA, 1998, p. 293)

Portanto, temos um período de crescimento da produção no país e de um suposto “desenvolvimento” que chegou a ser chamado de milagre brasileiro, parafraseando o desenvolvimento japonês de pós-guerra, que ficou conhecido como “milagre japonês”. Podemos, ainda, acrescentar que durante a ditadura militar (1964 – 1984), muitos investimentos foram feitos através do uso de empréstimos feitos no exterior, na construção de várias obras faraônicas, que serviriam para melhorar a atuação das empresas que estavam se instalando e, também, como símbolos do suposto

milagre.

Compartilhamos com Oliveira quando afirma o seguinte,

*Estes são os fatores que impulsionaram o fluxo de capitais (a poupança externa, como dizem os economistas) e de tecnologia dos grandes centros por muitos países do chamado Terceiro Mundo, imprimindo-lhes o surto de crescimento industrial, do qual o Brasil é um exemplo. Esse surto promoveu o país, como dizem os tecnocratas, de “subdesenvolvido” a “país em desenvolvimento”. Foi a isso que se assistiu nas décadas de 60 e 70, quando surgiu no país uma “milagrosa” evolução econômica. Esse modelo consistiu, essencialmente, em preparar, facilitar, recepcionar, acomodar e favorecer mais e da melhor forma possível a entrada do capital internacional no Brasil.*

(OLIVEIRA, 1998, p. 293)

Neste momento, final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, em que o governo brasileiro vendia a imagem de “economia milagrosa” o capitalismo internacional estava caminhando para uma severa crise, que seria deflagrada em 1973, conforme já discutimos em momento anterior. A esta crise internacional somaram-se os efeitos da alta demasiada dos preços do petróleo e uma dificuldade na obtenção desta fonte imprescindível das unidades de produção industrial. Uma das saídas para resolver o problema da crise estrutural do capitalismo, foi o resgate do montante de capital que havia sido emprestado, com a cobrança exorbitante de juros e multas.

Como o Brasil estava se industrializando de forma bastante acelerada, e necessitava do petróleo, já que sua produção não era suficiente para a demanda, teve que realizar novos empréstimos, para poder sustentar as unidades produtivas, o que terminou por se transformar numa gigantesca bola de neve que acabou por diluir a capacidade de investimento do país, conduziu a uma onda inflacionária sem precedentes e uma estagnação do crescimento. A partir de então, o Brasil teve suas receitas comprometidas com o pagamento dos juros da dívida externa, que chegou em alguns momentos a significar um terço de seu produto interno, conforme se depreende da afirmação de Oliveira,

*O crescimento da remuneração do capital externo aplicado no Brasil é considerável. Para fazer face a ele, uma vez que o país não tem contado com recursos próprios, não houve outro meio senão o do comprometimento ainda maior através de novas e crescentes aplicações de capital estrangeiro. Por exemplo: em 1965 teve-se um total de 433 milhões de dólares entre investimentos e empréstimos estrangeiros no Brasil; em 1971 passou-se para 2,206 bilhões de dólares; em 1974 atingiram-se 7,8 bilhões de dólares; em 1980 chegou-se a 12,6 bilhões de dólares; em 1985 a 14,2 bilhões de dólares; e em 1990 a 15 bilhões de dólares.*

(OLIVEIRA, 1998, p. 296)

Este comprometimento da economia brasileira teve sérias conseqüências sociais, pois causou retrações no consumo e na produção, produzindo uma onda de desemprego e uma redução de poder aquisitivo, que levou ao aparecimento de algumas facetas perversas da introdução do Brasil no capitalismo internacional.

Após os anos de 1990, o país ingressa na onda neoliberal e estes quadros sociais tendem a se agravar, pois as políticas recessivas que passaram a ser implementadas pelos governos seguintes diminuíram o poder aquisitivo da população, conseqüentemente, reduzindo o padrão de vida da maioria da população.

A abertura econômica e a introdução de políticas neoliberais foram iniciadas no governo de Fernando Collor, recebendo uma continuidade nos demais mandatos seguintes de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, de modo que há no país, atualmente, uma forte recessão econômica que impede o desenvolvimento e destrói o poder aquisitivo do brasileiro, isto aliado a um forte percentual de desemprego.

Oliveira comenta sobre a situação do país neste período:

*Juntamente com a redemocratização do país, instala-se no Brasil um período de profundo rebaixamento social e econômico, principalmente nos setores médios da sociedade. Essa crise, que, sem dúvida, já se originara em períodos anteriores toma proporções insustentáveis nos governos Sarney e Collor. O descontrole da inflação chega a níveis insuportáveis em alguns períodos, fazendo com que a população perca gradativamente o seu padrão de vida. .*

OLIVEIRA (1998, p.289)

Brito, referindo-se aos países “mais pobres” considera que estes foram penalizados pelas novas formas assumidas pelo capitalismo e afirma que:

*Os países mais pobres, como o Brasil, tiveram a década de 80, marcada por tentativas, mal sucedidas, de ajuste econômico e financeiro, visando a nova realidade do capitalismo internacional e as necessidades de quitação dos compromissos de pagamento da dívida externa. O resultado foi uma década de crise econômica, de profunda dimensão social, onde as taxas de desemprego se aproximaram dos 15% e a miséria se generalizou para 20% da população.*

(BRITO, 1996, p.61)

Neste sentido, podemos compreender a intensa saída de trabalhadores brasileiros para outros países, na realização de trabalhos pouco qualificados. Assim, Sasaki, comenta que:

*Tal massificação pode ser explicada por um conjunto de fatores entrelaçados entre si: a crise da 'década perdida' de 80, o desencanto e o descontentamento diante do andamento político-econômico do Brasil, bem como a desvalorização do dólar e a inflação distanciando o ganho salarial do Brasil com o de países desenvolvidos e aumentando a atratividade sobre os migrantes. Precisava-se de mão-de-obra no setor manufatureiro e em serviços subalternos nesses países desenvolvidos, e como os nativos se recusavam a fazê-los, tinham de ser preenchidos por mão-de-obra barata, estrangeira/migrante.*

(SASAKI, 1998, p.11)

Esta situação, se deve ao grande diferencial de salários que recebe a população emigrante em relação aos salários recebidos no Brasil, o que acaba por justificar a sujeição a trabalhos inferiores ao que realizavam em seu país.

Portanto, foram criadas condições que favorecem o descontentamento da população brasileira e permite colocar os trabalhadores brasileiros à disposição da demanda de mão-de-obra do capital internacional, desenvolvendo a possibilidade da mobilidade da força de trabalho. De acordo com a conjuntura econômica japonesa, havia uma necessidade de absorção de trabalhadores para fazer trabalhos de ordem braçal – não especializada – o que veio a estimular a saída de trabalhadores descendentes de japoneses para o Japão, uma vez que a lei de Imigração Japonesa, só permitia que os *nikkeis* realizassem esta migração, acreditando que a estes seria mais fácil a adaptação ao sistema de trabalho japonês.

### 3. IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

A imigração japonesa para o Brasil está completando 94 anos, pois foi em 18 de junho de 1908 que o *Kasato Maru*, navio japonês, adentrou o porto de Santos trazendo o primeiro grupo de imigrantes japoneses para o Brasil. Segundo Handa (1987) e Oguido (1988), a chegada deste navio ao porto de Santos, ocorreu na noite do dia 17 de junho. Os 800 imigrantes receberam a informação que ao amanhecer já poderiam enxergar as terras brasileiras; o sentimento de alívio deveria ser tanto, (ao final de 52 dias de viagem) que ao avistarem os fogos de artifícios, que comemoravam as festas juninas, os japoneses pensaram que os brasileiros estavam fazendo uma saudação de boas vindas. Daquele navio desceram, portanto, famílias que traziam em suas mãos bandeiras do Brasil e do Japão, simbolizando respeito e consideração, cheias de esperanças em poder trabalhar e retornar o quanto antes ao seu país, onde poderiam iniciar uma vida melhor com o dinheiro que poupassem no Brasil.

A imigração japonesa foi fruto de uma crise econômica, em que a falta de empregos e o elevado contingente populacional traziam problemas para o país. Sobre isto Handa, afirma que:

*Na fase de transição da era feudal para a capitalista, a economia mercadológica e monetária trouxe reflexos de várias ordens para a comunidade rural, até então submetida a velhos padrões. Uns perderam terras, outros ficaram desempregados, e quando a estrutura da sociedade até então vigente começou a desmoronar, passou a aumentar o número dos que saíam para tentar ganhar dinheiro em outras localidades ou se afastavam das regiões em que moravam em busca de novos empregos na metrópole. E se a industrialização de um país se mostrava insuficiente, incapaz de absorver os trabalhadores saídos do meio rural, então era imperioso deixar a família no interior e tentar ganhar dinheiro em outras localidades. Quando se ia para o exterior, a emigração se caracterizava pelo objetivo de ganhar dinheiro.*

HANDA (1987, p.72)

Sendo assim, os imigrantes vieram para o Brasil com a esperança de uma vida nova, que os libertassem da situação precária imposta pelo novo sistema. Handa afirma ainda:

*Assim, se um grande número de emigrantes buscava o exterior era porque, em termos de expansão das sociedades modernas, ocorriam variadas distorções ocasionando o surgimento do desemprego.*  
(HANDA, 1987, p.73)

Este fluxo migratório, era portanto, fruto de uma política de emigração financiada pelo governo japonês, para aliviar o seu mercado de trabalho, e brasileiro, que precisava de trabalhadores para a lavoura cafeeira. Asari, (1992), comenta que os imigrantes japoneses, aqueles não acostumados à vida na lavoura, costumavam fazer estágios nas propriedades rurais no Japão, para quando chegarem aqui não estranharem tanto o trabalho; também era preciso enviar junto à documentação para o Brasil, uma foto da família, na qual era recomendado que eles se portassem como agricultores, uma vez que teriam destino certo no Brasil: as lavouras de café.

Assim, quando os japoneses chegaram ao Brasil, além das diferenças culturais e étnicas que tiveram de enfrentar, ainda eram movidos por um espírito totalmente nacionalista, fruto da era Meiji, e com eles o forte desejo de regressarem ao Japão, fazendo do Brasil apenas um território de passagem (Oliveira, 1999).

A migração de japoneses para o Brasil deu-se tardiamente, já que a migração de europeus para o Novo Mundo se iniciou no começo do século XIX, uma vez que os fazendeiros foram privados da mão-de-obra escrava. Tal fato se deve a uma certa resistência do governo brasileiro pois:

*Como consta inclusive da legislação brasileira (Vainer, 1995), asiáticos e africanos estavam fora dos planos de seleção de população imigrante para a composição ‘sadia’ do país, e não eram permitidas tais entradas. O assim chamado “elemento amarelo” não era desejável na nossa formação nacional, havendo, portanto uma série de polêmicas que envolveram a sociedade brasileira neste período a respeito dos problemas causados pela admissão dessas pessoas. (...) Essa polêmica envolveu doses bastante elevadas de preconceito contra a população japonesa e asiática em geral, caracterizando desde o início o distinto tratamento que essa população passaria a incorporar. Sendo assim, enquanto a imigração européia era desejada e incentivada, pois fazia parte do ideal de eugenia disseminado pelo governo brasileiro, a imigração japonesa sofreu fortes ataques, até que obteve a sua permissão, fato que só foi possível em decorrência da conjunção de uma série de fatores coincidentes.*  
(OLIVEIRA, 1999, p. 283)

Vainer, comenta, que:

*O japonês foi visto, simultaneamente, como o melhor trabalhador dentre os que se podia importar e o mais inassimilável de todos os estrangeiros – o mais estrangeiro dos estrangeiros. Temos aqui um ilustrativo exemplo de choque – sempre possível – entre a ‘razão racial/nacional’ e a ‘razão econômica’.*

(VAINER, 1996, p. 47)

Os imigrantes italianos que até então, haviam sido muito requisitados para lavouras cafeeiras, passam a não migrar mais para o Brasil para este tipo de trabalho, uma vez que o governo italiano recebeu denúncias de maus tratos a estes imigrantes por parte dos fazendeiros de café. Ocorre uma certa restrição à migração, não só de italianos, mas de europeus ao Brasil. (Yoshioka, 1995)

Nogueira comenta sobre os fatores que acabaram por permitir a imigração de japoneses para o Brasil:

*Três fatores ao meu ver contribuíram para esta resolução:*

- *Primeiro a dificuldade em angariar na Europa os elementos necessários. A Itália desde 1902, havia proibido a saída de seus nacionais para o Brasil, em imigração subvencionada;*
- *Segundo, a esperança do governo em conseguir fixar os japoneses nas fazendas. Considerava-se que este elemento, vindo de tão longe, sem conhecer a língua, etc., não apresentasse a tendência ou encontrasse mais dificuldade em abandonar a fazenda, e assim se fixasse mais, o que viria a contribuir para resolver o problema da falta de mão-de-obra na lavoura cafeeira;*
- *Terceiro, desde a reunião dos presidentes dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, visando tomar uma atitude para revalorizar nosso produto-rei, que se encontrava numa fase de superprodução, reunião esta que passou para a História com nome de Convênio de Taubaté (por ter se realizado nessa cidade em 1906), uma das metas principais dos três estados foi ampliar o mercado consumidor da rubiácea. São Paulo considerou que com a imigração seriam facilitados os intercâmbios comerciais com o Oriente e com isto seria aberto um novo mercado para o café. Aliás, nesse sentido o governo paulista assinou um contrato para a propaganda do seu produto no Japão logo a 27 de junho de 1908.*

(NOGUEIRA, 1973, p. 60)

Desta forma, chegaram ao Brasil os imigrantes japoneses, que foram encaminhados à Hospedaria do Imigrante e na manhã seguinte foram levados às fazendas de café. Na chegada às fazendas, o sentimento de euforia certamente começou a ser tomado pelo sentimento de decepção:

*Os alojamentos a eles destinados eram de péssima qualidade, construídos há dezenas de anos, com cheiro de suor impregnado nas paredes, sem mobília e, sobretudo, mal conservados e sujos, agravava ainda a inexistência de instalações sanitárias adequadas, sem contar outras deficiências.*

*No tocante à alimentação, desde o tipo de arroz utilizado (solto), o feijão com toucinho, o bacalhau, a carne seca salgada, tudo isto era totalmente estranho ao paladar dos nipônicos.*

(YOSHIOKA, 1995, p. 33)

Tomie Nagakawa, hoje com 95 anos, moradora da cidade de Londrina-PR, uma das últimas imigrantes vivas do navio *Kasato Maru*, em entrevista ao Jornal Paraná Shimbun, em 1997, comenta as dificuldades à época da chegada a fazenda na região de Mogiana-SP.:

*“O trabalho não dava para comida, lembra. Chegamos em Santos e fomos levados para a fazenda em Mogiana. Lá ficamos só um ano. Meu pai ficou devendo, vendeu até roupa para comer, apesar de trabalhar de escuro até escuro.”*

(Paraná Shimbun, 1997)

E completa dizendo:

*“O Brasil era muito triste. Era só trabalhar, trabalhar. Lá no Japão trabalhava-se menos e a comida era boa. Aqui nem arroz tinha na fazenda era preciso comprar na cidade.”*

(Paraná Shimbun, 1997)

Um pioneiro entrevistado nos conta que seu pai comprou terras no Brasil antes de partirem do Japão, no entanto, chegando aqui, as terras não eram boas e passaram por muitas dificuldades.

*O povo compra terra no Japão tudo meio enganado, porque chega aqui a terra não vale nada, falam lá que o lugar é bom e quando chegamos o lugar era só água. Foram tempos difíceis, porque a terra era muito ruim, tanto que quando a gente veio para Londrina não conseguimos vender a terra de Registro e perdemos tudo, mas a gente tinha umas economias de ter vendido uma saca de arroz, para poder comprar terra aqui. Quando pagou a 1ª prestação já acabou o dinheiro, e tivemos ajuda do pessoal que já estava aqui.*

(M. N., 75 anos)

Desta forma, podemos compreender, em que situações viviam os imigrantes japoneses no Brasil, uma vez que tinham uma cultura tão diferente, falavam uma língua incompreensível aos nossos ouvidos, e além disto não eram de uma nacionalidade que fosse simpática a todos. Sabemos também que estes imigrantes vieram ao Brasil com a intenção de enriquecer e retornar a sua pátria, uma vez que ainda tinham, intrínseco a eles, o sentimento de nacionalismo e de forte apego a sua terra natal.

*Ao invés de ganho fácil, os imigrantes passam por dificuldades jamais imaginadas no Japão. Mesmo arrependidos, retornar ao país é praticamente impossível, por um lado, porque tem dívidas a saldar e, por outro, retornar como derrotado é inadmissível para um japonês. Desta forma, não é difícil supor que houve um quadro de desolação, choros de arrependimentos, desajustamentos psíquicos, suicídios, que a literatura comum não traz à baila.*

(YOSHIOKA, 1995, p. 20)

E, Handa afirma ainda que:

*A propaganda exageradamente positiva (enganosa), prometendo ganhos que na realidade eram impraticáveis, possibilitou a criação de fantasias (justas) de enriquecimento rápido por parte dos migrantes, e muitos fizeram enormes esforços e contraíram dívidas para poder fazer parte do grupo que partiu rumo ao Brasil. Ao contabilizar os “ganhos” depois do primeiro ano, viram que, mesmo para aqueles que conseguiram trabalhar mais e contabilizar mais “não dava nem para pagar a passagem de retorno ao Japão”.*

(HANDA 1980, p. 70)

Assim, após os primeiros anos de sofrimento em terras brasileiras, os imigrantes japoneses foram se habituando ao novo país e deixando de lado a idéia de retornar ao Japão, construindo sua família e edificando suas vidas no Brasil.

Em entrevista realizada com um pioneiro na cidade de Londrina, ele conta o sofrimento de seus pais ao chegarem no país:

*A viagem foi muito longa, dois meses de viagem de navio, naquele tempo o navio era meio de carga meio de passageiro. Quando chegaram no Brasil era um sofrimento danado, não sabiam falar, eram do outro lado do mundo e vieram para uma terra desconhecida, então sofreram muito na fazenda, trabalhando quase doze horas por dia, com chuva ou com sol. Meus pais estranharam muito o trabalho na lavoura de café que era um trabalho muito pesado. A comunicação era muito difícil, mas dava-se um jeito e o tempo foi passando e eles acabaram morando no Brasil o resto da vida. e desta forma, se iniciou toda colônia japonesa no Brasil, porque todo mundo com a dificuldade que estava no Japão, vinham para trabalhar uns 5 anos ou 10 no máximo pra ganhar dinheiro pra voltar pra terra natal, mas quando chegou no Brasil a coisa era outra da propaganda que era feita no Japão, falavam que no Brasil iam ganhar muito dinheiro, era só juntar cisco que vinha dinheiro. Mas quando chegou aqui a coisa era muito diferente. Depois veio a 2ª Guerra Mundial aí não deu pra voltar mais mesmo e ficou eternamente aqui no Brasil, e ninguém pensa em voltar mais.*

(K. A., 82 anos)

Quanto a esta situação de intenção de retorno ao Japão, um imigrante que entrevistamos que veio para o Brasil com 14 anos, nos conta ainda sob uma fala truncada, quase difícil de entender, que sua família nunca teve intenção de retornar ao Japão, vieram para trabalhar e viver no Brasil. Naquela época o trabalho no Japão estava muito difícil e, como havia muitas propagandas de que no Brasil poderia se ganhar muito dinheiro com a plantação de café, vieram com a perspectiva de enriquecer e aqui permanecerem:

*Vimos incentivados pela lavoura, porque lá no Japão, não estava com a situação boa, porque aquele tempo, lá no Japão, muito tempo ruim, não tem para ganhar dinheiro, então, Brasil, tem espaço muito grande, uma pessoa veio e ganhou bastante riqueza e voltou para o Japão. Então veio para o Brasil para ganhar dinheiro. Naquele tempo o Brasil estava chamando, o governo do Brasil estava chamando japonês para trabalhar. A maior parte o governo japonês que pagou para gente..*

*Todo mundo queria ganhar aqui e depois voltar para Nihon. Mas o papai não, nós não, a gente sabia que o Japão terra era pequena, naquele tempo da guerra mundial, 90% queria vender a terra e ir embora para o Japão, mas nós não, eu não queria mais ir para o Japão. Lá no Japão o terreno é muito pequeno, o Japão inteiro é do tamanho do estado de São Paulo, então não adianta voltar lá para trabalhar, aqui no Brasil tem bastante terreno e dá para trabalhar a vontade.*

*Lá no Japão a situação estava feia, não dava para ganhar nada, então teve um cara que veio pra o Brasil e ficou rico e voltou para lá, e isto incentivou a gente vir também.*

(T. S., 90 anos)

É importante ressaltar que a maior colônia japonesa, fora do Japão, está no Brasil representando quase 1% da população total brasileira, ou seja estima-se, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 1996 e através do levantamento realizado pelo Centro de Estudos Japoneses, que 1.280.000 pessoas sejam descendentes de japoneses (Sasaki, 1998, p.20). O quadro a seguir demonstra o número de japoneses que entraram no Brasil de 1908 – 1986.

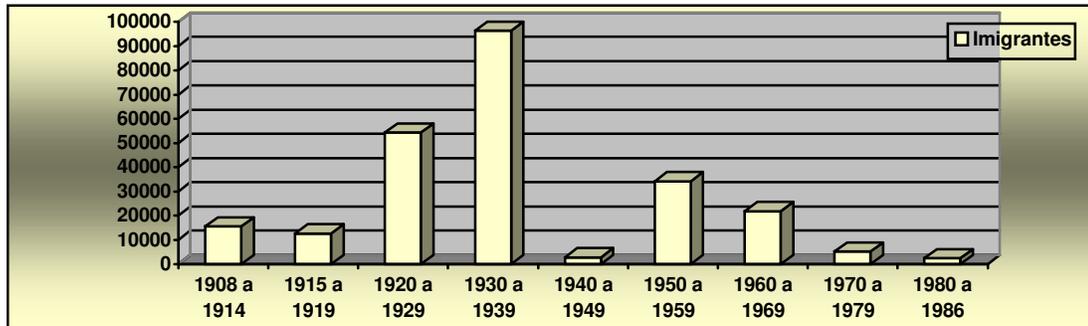
Quadro 01. Entrada de imigrantes japoneses no Brasil (1908 – 1986)

Ano	Imigrantes	Ano	Imigrantes	Ano	Imigrantes
1908	830	1935	6611	1963	2124
1909	31	1936	3306	1964	1138
1910	948	1937	4557	1965	903
1911	28	1938	2524	1966	937
1912	2909	1939	1414	1967	1070
1913	7122	1940	1268	1968	597
1914	3675	1941	1548	1969	496
1915	65	1942	0	1970	435
1916	165	1943	0	1971	452
1917	3899	1944	0	1972	452
1918	5599	1945	0	1973	492
1919	3022	1946	6	1974	239
1920	1013	1947	1	1975	254
1921	840	1948	1	1976	1126
1922	0	1949	4	1977	682
1923	895	1950	33	1978	584
1924	2673	1951	106	1979	500
1925	6330	1952	261	1980	562
1926	8407	1953	1928	1981	417
1927	9084	1954	3119	1982	329
1928	11169	1955	4051	1983	289
1929	16648	1956	4912	1984	261
1930	14076	1957	6147	1985	258
1931	5632	1958	6586	1986	363
1932	11678	1959	7123		
1933	24494	1960	7746		
1934	21930	1961	6824	TOTAL	255580

Fonte: Consulado Geral do Japão. In: Revista SAGA. Jun., 1988. extraído de: ASARI, 1992, p.40

Para uma melhor visualização, observando o gráfico podemos perceber a ocorrência dos fluxos com maior nitidez.

Gráfico 01. Entrada de imigrantes japoneses no Brasil (1908 – 1986).



Fonte: Consulado Geral do Japão. In: Revista SAGA. Jun., 1988. extraído de: ASARI, 1992, p.40

(Períodos selecionados)

Percebemos que o fluxo de imigrantes japoneses para o Brasil foi bastante intenso até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando o Japão se aliou à Alemanha, entrando na guerra contra o lado em que o Brasil estava inserido, por isso, a imigração para o Brasil foi proibida., - assim como, muitas escolas da língua japonesa foram fechadas e os próprios imigrantes que já viviam aqui não poderiam falar sua língua em público. Os fluxos se mantiveram reduzidos até o final de 1949, quando foram regularizadas todas as situações do pós-guerra. Após este período, em que o Japão estava destruído pela guerra, o fluxo reinicia e muitos japoneses migraram para o Brasil tentando recomeçar suas vidas aqui, porém, na medida que o país (Japão) se recuperava, os fluxos diminuíram significativamente.

### 3.1. A chegada ao Paraná e à Londrina.

Os imigrantes japoneses, portanto, vieram para o Brasil para trabalhar com a plantação de café; e com a expansão cafeeira, o Norte do Paraná sendo ocupado, trouxe para a região um grande número de migrantes.

*A ocupação e colonização do Norte do Paraná, é vista como uma continuidade da expansão cafeeira paulista, sendo ainda bastante ressaltada pelas mais variadas publicações, a fertilidade do solo e o papel desempenhado por uma companhia inglesa que parcelou e implantou um sistema de colonização numa área de mais de 500 mil alqueires. A Companhia de Terras Norte do Paraná, realmente teve um papel de grande importância no processo de povoamento do Norte do Paraná, pois esta colonizou (desde 1929), um área de 546.078 alqueires de terra, ou seja, 13.166 Km<sup>2</sup>, fundou 63 cidades e patrimônios, vendeu lotes e chácaras a 41.741 compradores, de área variável de 5 a 30 alqueires e cerca de 70 mil lotes urbanos (CMNP, 1975).*

*Observe-se ainda que nesta área, “colonos” nacionais (paulistas, mineiros e nordestinos) e estrangeiros, tiveram condições de adquirir terras, por causa das facilidades de pagamento, pois bastava possuir condições para pagar os 30% do valor total como entrada, tendo ainda quatro anos para amortizar sua dívida, já com os lucros auferidos com a produção.*

*Assim, a partir da década de 1930, observou-se um afluxo muito grande de população, assim como surgiram outros empreendimentos particulares e oficiais, que visaram a ocupação e o povoamento do Norte do Paraná.*

(ASARI, 1992, p.13)

O interesse pelo Norte do Paraná veio depois de 1932, quando o governo do Estado de São Paulo, cria uma lei que restringe o plantio de café. Assim, muitos agricultores começaram a se dirigir ao Paraná onde não havia leis desta natureza. (Handa, 1987). Segundo o mesmo autor, a região de Londrina era chamada pelos imigrantes japoneses de *colônia internacional*, devido ao fato da CTNP (Companhia de Terras Norte do Paraná) ser dirigida por ingleses e possuir sítios de 30 nacionalidades diferentes, entre eles, alemães, italianos, japoneses e brasileiros comprando os lotes de terras na região. Assim em 1938, o levantamento feito pela companhia colonizadora apontou que 61,7% dos lotes estavam nas mãos de imigrantes de 30 origens diferentes. (ver quadro 2)

Quadro 02. Proprietários de terras no município até dezembro de 1938

Nacionalidade	Nº. de Proprietários	Nacionalidade	Nº. de Proprietários
01- Brasileiros	1823	17- Ingleses	7
02- Italianos	611	18- Sírios	5
03- Japoneses	533	19- Argentinos	5
04- Alemães	510	20- Dinamarqueses	3
05- Espanhóis	303	21- Australianos	2
06- Portugueses	218	22- Norte-Americanos	2
07- Poloneses	193	23- Suecos	2
08- Ucrânianos	172	24- Franceses	2
09- Húngaros	138	25- Búlgaros	2
10- Tchechoslovacos	51	26- Belgas	2
11- Russos	44	27- Liechtensteinianos	2
12- Suíços	34	28- Lethos	2
13- Austríacos	29	29- Norueguês	1
14- Lituânios	21	30- Índiano	1
15- Iuguslavos	15	31- Estoniano	1
16- Romenos	12	TOTAL	4746

Fonte: OGUIDO, 1988, p. 96

Observamos que, em Londrina, o primeiro grupo de japoneses chegou em 1930 e em 1935, já havia cerca de 100 famílias instaladas no município, face às condições oferecidas pela CTNP e a construção da estrada de ferro. Observamos ainda que a região Norte do Paraná (onde se localiza Londrina) foi destino de migrantes de vários países, reimigrados do Estado de São Paulo, onde trabalharam na lavoura cafeeira e puderam adquirir lotes rurais (de 5 a 15 alqueires) junto a CTNP que parcelou as terras e as vendeu a prazo (até cinco anos). Os imigrantes japoneses fizeram parte desse contingente populacional que rapidamente ocupou e provocou o desenvolvimento da chamada “frente pioneira” do Norte do Paraná, que é considerado um prolongamento do Estado de São Paulo. Hoje o grupo étnico formado por imigrantes japoneses apresenta grande destaque na vida econômica e social da cidade.

*Os caminhões de mudança se enfileiravam em frente ao escritório da Companhia e desapareciam um após outro em diversas direções da mata. Só se viam rostos de japoneses na época da colonização. De fato, foram os japoneses os primeiros a entrar e desmatar a nova terra. E enquanto eram vendidos lotes rurais, a cidade começava também a crescer, com os comerciantes abrindo seus negócios e fazendo surgir os primeiros armazéns e botequins. Em 1932, Londrina já tinha 150 casas. No ano seguinte, eram 400 casas. O*

*ritmo de crescimento da cidade impressionava até a própria Companhia Colonizadora.*

(OGUIDO, 1988, p. 97)

Este fato também pode ser relatado pelo pioneiro que entrevistamos na cidade de Londrina, pois K. A. chegou na cidade com 27 anos no ano de 1940. Desde então foi trabalhar no comércio com a esposa. Relata que quando chegou em Londrina “*era tudo mato*”, ele morava na Rua Sergipe, esquina com a Duque de Caxias, (centro da cidade) tinha um bar e ficou uns três/quatro anos lá, depois comprou um terreno na Vila Casoni, onde mora, mas ainda era uma região “cheia de mato” (ver foto 1). Sempre trabalhou no comércio (armazém de secos e molhados) em Londrina. Assim ele relata que:



Foto 1. Londrina-PR, 1934. Trecho da atual Avenida Paraná, onde, hoje, se localiza o calçadão. É possível visualizar apenas algumas casas ao meio das árvores.

*A gente veio para o Paraná, porque tinha ganância, e onde a gente morava era litoral, mexíamos com plantação de arroz. E um dia um amigo do meu pai disse que tinha uma colônia inglesa que estava vendendo terras aqui no norte do Paraná. Então a gente veio pra cá, porque falaram que a terra era boa, e compramos uma chácara e começamos a trabalhar na lavoura em Rolândia. Depois de 10 anos viemos para Londrina, eu comecei a trabalhar no comércio junto com a esposa. A vida era muito difícil e foi todo mundo estudando e trabalhando pra conseguir alguma coisa.*

(K. A. , 82 anos)

Outro pioneiro, que chegou ao Brasil em 1926 e em Londrina em 1933, nos contou como foram os primeiros tempos:

*Em 1933 cheguei em Londrina, em setembro. Acabou a colheita e já viemos para cá. Quando cheguei aqui, só o centro estava desmatado, rua só algumas, as casas eram de palmito.*

*Meu pai comprou terra, 15 alqueires da Companhia (C. T. N. P.). Ele veio antes e em setembro nós viemos para cá, e já mandamos derrubar a mata. A intenção era plantar café. E fomos morar na água do Lindóia.. Porque antigamente a maioria do japoneses vieram para o Brasil para plantar café. Naquele tempo não tinha estrada, então tinha que abrir picada e trazia a mudança toda nas costas*

(T. S., 90 anos)

Entrevistamos ainda com outro pioneiro que nos contou que possuíam uma situação de vida boa no Japão, seu pai era dono de um fábrica de biscoitos e iludidos com a propaganda do “ouro verde” e que todas as terras do Brasil eram muito produtivas, venderam a fábrica no Japão e vieram para o Brasil. No entanto, compraram, ainda no Japão, lotes de terras numa região do estado de São Paulo que não era propícia para a agricultura. Chegaram a pensar em voltar para o Japão, mas já não tinham mais dinheiro porque ninguém queria comprar aquelas terras; foi quando surgiu a oportunidade e vir para Londrina e aqui se estabeleceram desde 1934 onde conseguiram cultivar a terra plantando de tudo. Desta forma comenta que:

*Meu pai falava que a vida era boa no Japão. Mas veio para o Brasil porque falavam que aqui ganhava muito dinheiro com o café, mas não deu nada. Ficou com um pouco de raiva de vir para cá, mas depois que veio para o Paraná, em Londrina, como a terra era muito boa, tudo o que plantou dava, aí não faltou nada. Porque a terra era boa. Na terra tinha batata doce, cará, feijão, milho, não falhou nada. Vendia tudo o que plantava.*

*Aqui em Londrina, meu pai também começou a fazer biscoito, pediu para irmã que estava no Japão mandar máquina e ele que fez o 1º biscoito fabricado em Londrina. Fazia em casa, e vendia tudo, aquilo ajudou bastante, e depois de três anos já tinha comprado 20 alqueires de terra em Marialva. O trabalho era pesado, mas a gente estava muito contente.”*

(M. N., 75 anos, chegou em Londrina em 1934, ano de emancipação da cidade)

Sabemos, também, que o Paraná abriga o segundo maior contingente de imigrantes japoneses do país, representando cerca de 1,5 % da população total do estado e respondem aproximadamente por 9% da produção agrícola estadual. (OGUIDO, 1988)

No quadro a seguir, demonstramos uma cronologia da chegada dos imigrantes japoneses em Londrina, onde procuramos evidenciar a importância da comunidade japonesa para a colonização e construção da cidade.

#### Cronologia da entrada dos japoneses em Londrina

1930 – os imigrantes chegam ao Patrimônio para comprar terras, liderados por Hikoma Udihara. De um grupo de 11, seis adquirem lotes num total de 80 alqueires.

1931 – Chegam três famílias japonesas e começam a desmatar suas terras, localizadas nas proximidades do atual aeroporto, mais tarde denominada Colônia Ikku.

1932 – A estrada de ferro chega a Jataizinho. Londrina já possuía 150 casas e o comércio começa a se instalar com o pioneiro David Dequech.

1933 – Londrina já tem 400 residências e a colônia nipônica é numerosa. No dia 18 de junho comemoram-se os 25 anos da imigração e os japoneses se reúnem na casa de Hikoma Udihara. Fundam a primeira associação cultural japonesa e uma escola, o que é um marco para a comunidade, já que inexistiam escolas.

1934 – Londrina é elevada à categoria de município, no dia 10 de dezembro. O primeiro prefeito, nomeado foi Joaquim Vicente de Castro. O imigrante Goro Oya abre uma fábrica de carroças e implementos agrícolas na cidade. Em junho é realizada a primeira exposição agrícola de Londrina, promovida pela associação japonesa. Guissaku Nishioka abre uma loja Casa Azul, com registro 156, já existiam 600 residências.

1935 – O trem chega a Londrina em junho, quando também é inaugurada a ponte sobre o Rio Tibagi. O comércio se amplia com a instalação das Casas Fuganti e Pernambucanas. Sakaguti, Doi, Okabayashi, Akatsu, Morimitsu, Nishioka e Oya são os japoneses comerciantes.

1936 – Londrina tem 950 residências, surge o primeiro tabelionato

1937 – Já existem 1441 residências. É fundada a Associação Comercial em junho e criado o Serviço de Água e Esgoto da cidade. Com a presença do Cônsul do Japão, é inaugurada a primeira máquina de café, algodão e arroz, de Soichi Taruma.

1938 – O interventor Manoel Ribas vem à Londrina para instalar a Comarca, no dia 27 de janeiro. A cidade agora tem 1700 residências, é instalada a Coletoria Estadual no dia 27 de agosto.

1940 – A colônia japonesa já é numerosa e comemora os 10 anos de sua chegada à Londrina. já existem 500 famílias de imigrantes, na cidade e na zona rural. É proibido o uso da língua japonesa e as escolas são fechadas. O Japão comemora 2600 anos de existência e os japoneses de Londrina festejam. Uma fábrica de shoyu é inaugurada na cidade.

1941 – Os imigrantes que estavam ganhando dinheiro com algodão no Estado de São Paulo começam a vir para o Norte do Paraná, atraídos pelo alto rendimento do café. O número de famílias japonesas aumenta para 700.

1950 – Numa tournée internacional, que no Brasil objetivou dar novo ânimo à colônia há muito afastada do Japão, os japoneses campeões olímpicos de natação fazem uma demonstração em Londrina.

1958 – Membro da Família Imperial do Japão visita Londrina. Ele vem para as comemorações do 50º aniversário da Imigração Japonesa”.

(OGUIDO, 1988, p. 98 – 99)

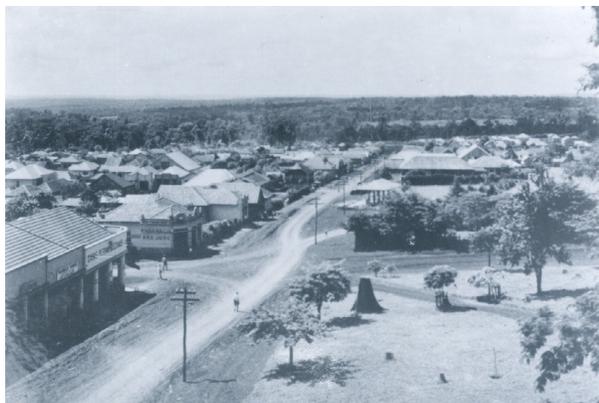


Foto 2. Londrina-PR, 1948. Trecho da atual Avenida Paraná, onde, hoje, se localiza o calçadão. Já é possível perceber um crescimento e um adensamento dos estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços. Verificamos, em primeiro plano, as Casas Pernambucanas.

Assim, podemos analisar, que a comunidade japonesa teve um papel de muita importância na colonização da cidade, trabalhando efetivamente para sua construção, evidenciando, portanto, o papel que esta comunidade desempenha na vida econômica, política e social da cidade.

O pioneiro T. S., diz que a cidade cresceu muito nestes quase setenta anos, mas que poderia ter crescido muito mais devido ao potencial que tinha época:

*O governo roubou muito, se o governo não tivesse roubado tanto, a cidade poderia ter crescido bem mais. Porque a cidade de Londrina era capital do café, então com o café que enriqueceu. Faltou incentivo por parte do governo para incentivar a produção do café que dava muito dinheiro naquela época. Porque a gente praticamente entrou na mata virgem aqui, usou machado, para abrir caminhos, era tudo braçal. Década de 50 até 70, aqui no norte do Paraná, era tudo café, e isto que dava riqueza. Se tivesse uma política melhor em cima do café, se o governo ajudasse mais, para exportar, porque teve uma época que eles queimaram muito café não tinha como vender, se tivesse a ajuda do governo a cidade teria crescido mais rápido ainda. Porque a cidade só cresceu rápido por causa da riqueza do café.*

(T. S., 90 anos)

Este pioneiro se mostra um tanto indignado com a falta de participação do governo no incentivo da plantação de café, o que poderia ter gerado muito mais progresso para cidade, já que esta era a capital do café.

Percebemos assim, que a comunidade nipônica sempre teve uma participação muito ativa na cidade e que se empenhou para que esta fosse construída, desmatando, construindo casas e estabelecimentos comerciais e ainda auxiliando na produção de riquezas para o município.

### 3.2. As tradições da colônia japonesa em Londrina

Para a realização desta fase da pesquisa entramos em contato com os chefes de *Kumis* da cidade de Londrina. Para tanto, tivemos uma primeira indicação da orientadora da pesquisa, que nos apresentou o senhor K. Yoshikawa, líder da seção 20.

Desta forma, foi possível conhecer de que forma estes *Kumis* estavam estruturados e também conseguir uma lista com a relação de chefes dos demais *Kumis*. Assim, fazer um contato prévio por telefone com cada um deles e posteriormente fazer uma entrevista nas suas residências, onde além de compreender a realidade de cada *Kumi* nos permitiu obter a relação de famílias que fazem parte de cada um destes. Portanto, através destas, pudemos entrar em contato com os *dekasseguis* procurando a maior diversidade de histórias e moradores de diferentes regiões da cidade<sup>5</sup>.

Os *kumis*, portanto, representam uma forma de organização da comunidade japonesa. Quando um certo número de famílias se concentrava numa determinada área, configurava-se uma colônia, que era uma reprodução da estrutura comunitária japonesa. Estas possuem o objetivo de estreitar as relações entre os patrícios e cuidar de assuntos de interesse coletivo. Para isto, são eleitos presidentes das seções (*kumis*), os quais junto com o vice-presidente, tesoureiro e demais secretários se responsabilizam por levar as informações a todos os membros da colônia. Assim, compreendemos que os *kumis* (ou *muras* como são chamados na área rural), têm um papel muito importante para a transmissão das informações da comunidade japonesa.

*Todos os assuntos de interesse coletivo ou “assuntos públicos”, como eram chamados, tais como festas de aniversários, casamentos ou cerimônias fúnebres, seguiam o modelo adotado pelo ‘mura’ no Japão. Graças a esse relacionamento do tipo aldeão (‘mura’), estabelecia-se uma ordem social entre os colonos.*

(COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, 1992, p.92)

Assim, na década de 1930, os pioneiros que chegaram a Londrina, organizaram-se de tal maneira que, para proporcionar um método eficiente de comunicação e também de confraternização, dividiram a cidade em seções (*kumis*). Desta forma, todas as informações ou acontecimentos dentro dos *kumis*, são repassados a todas as famílias que dele fazem parte através dos chefes de *kumis* (*kumityôs*). Assim, verificamos a importância dos *kumis* como uma forma de manter as tradições da colônia japonesa, entendendo que

---

<sup>5</sup> Este tema será debatido com maior precisão no próximo capítulo.

*Em tempos de internet, os antigos kumis (seções) mantêm viva uma antiga tradição entre os nipo-brasileiros. Em Londrina, as famílias de origem japonesa, são divididas em seções, que se encarregam de transmitir informações com rapidez e eficiência a um baixo custo. Na era da comunicação virtual, o velho bate-papo pessoal ou por telefone ainda é capaz de informar os participantes sobre todos os assuntos.*

(Jornal Paraná Shimbun, 06/03/1999.)

No início, a cidade de Londrina era dividida em 29 *kumis*, hoje a cidade conta com 19 *kumis*, dos quais 15 funcionam e 4 não estão funcionando efetivamente, pois não realizam nenhum tipo de atividade. Segundo os chefes de *kumis*, isto acontece porque as novas gerações estão perdendo o interesse pelas tradições. Um dos entrevistados nos falou que:

*a tendência do Kumi é um dia acabar, porque hoje as pessoas possuem cada uma seu interesse e não se importam em estar assumindo ou fazendo parte do grupo.*

(S.K, *kumityô* 11)

Nesta pesquisa, tivemos oportunidade de conversar com os chefes dos 15 *kumis* ativos, em que pudemos perceber que o interesse por esta prática da cultura japonesa, ainda é uma dinâmica que traz muita satisfação aos seus membros, uma vez que é através destas que eles ficam sabendo dos acontecimentos da comunidade nipônica, pois adoecimentos, mortes, são comunicados a todos, os quais através de uma antiga prática japonesa, visitam as famílias levando os envelopes com contribuições para as despesas e ao mesmo tempo expressando solidariedade. Os chefes ressaltam a importância dos *kumis*:

*Os Kumis são muito importantes, pois se eles acabassem as pessoas ficariam isoladas e assim não teriam notícias sobre as outras famílias (doenças ou falecimentos)*

(S. M. *kumityô* 18)

*È bom para reunir as pessoas e mantê-las informadas, favorecer contatos rápidos.*

(H. I. *kumityô* 4)

*Os kumis são lembranças da colonização, é a união dos japoneses há 40/50 anos, e os Kumis unem as pessoas.*

(E. K. *kumityô* 6)

Nos *kumis* também são realizadas festas e confraternizações para os seus membros; para isto, eles pagam anuidades que variam de R\$ 10,00 ao mês à R\$ 40,00 anuais. Ressaltamos que o *kumi 5* é o único que funciona com a cobrança de mensalidades, os demais fazem o pagamento anual, que são utilizadas para a realização destas festas (quadro 3). Além das festas particulares de cada *kumi*, também são realizadas as grandes festas promovidas pela ACEL (Associação Cultural e Esportiva de Londrina), clube mantido pela comunidade nipônica de Londrina, local de realização de *undokais* (competições poli-esportivas), *karaokês* (concursos de canto), além da Exposição Agrícola, que consiste numa grande feira, onde a comunidade japonesa se reúne para demonstrar e vender seus produtos agrícolas, além da venda de comidas típicas japonesas, apresentação de grupos teatrais japoneses, de elementos da cultura japonesa tais como: caligrafia, arranjo de flores (*ikebana*), danças, cerimônia do chá etc. Esta exposição, realizada anualmente na cidade, antigamente era realizada na sua sede social, atualmente é realizada no Centro de Exposições de Londrina, devido ao grande demanda não só para exposição de produtos, como também de frequência de pessoas que vão visitá-la.

Quadro 3: Anuidades pagas pelos membros dos *kumis*

KUMI	VALOR (R\$) ANUIDADES
01	40,00
02	20,00
04	15,00
05	10,00*
06	30,00
11	NÃO PAGAM
15	20,00
16	20,00
18	20,00
19	40,00
20	NAO INFORMOU
21	20,00
23	15,00
26	15,00
27	40,00

\* O *kumi* 05 possui mensalidades.

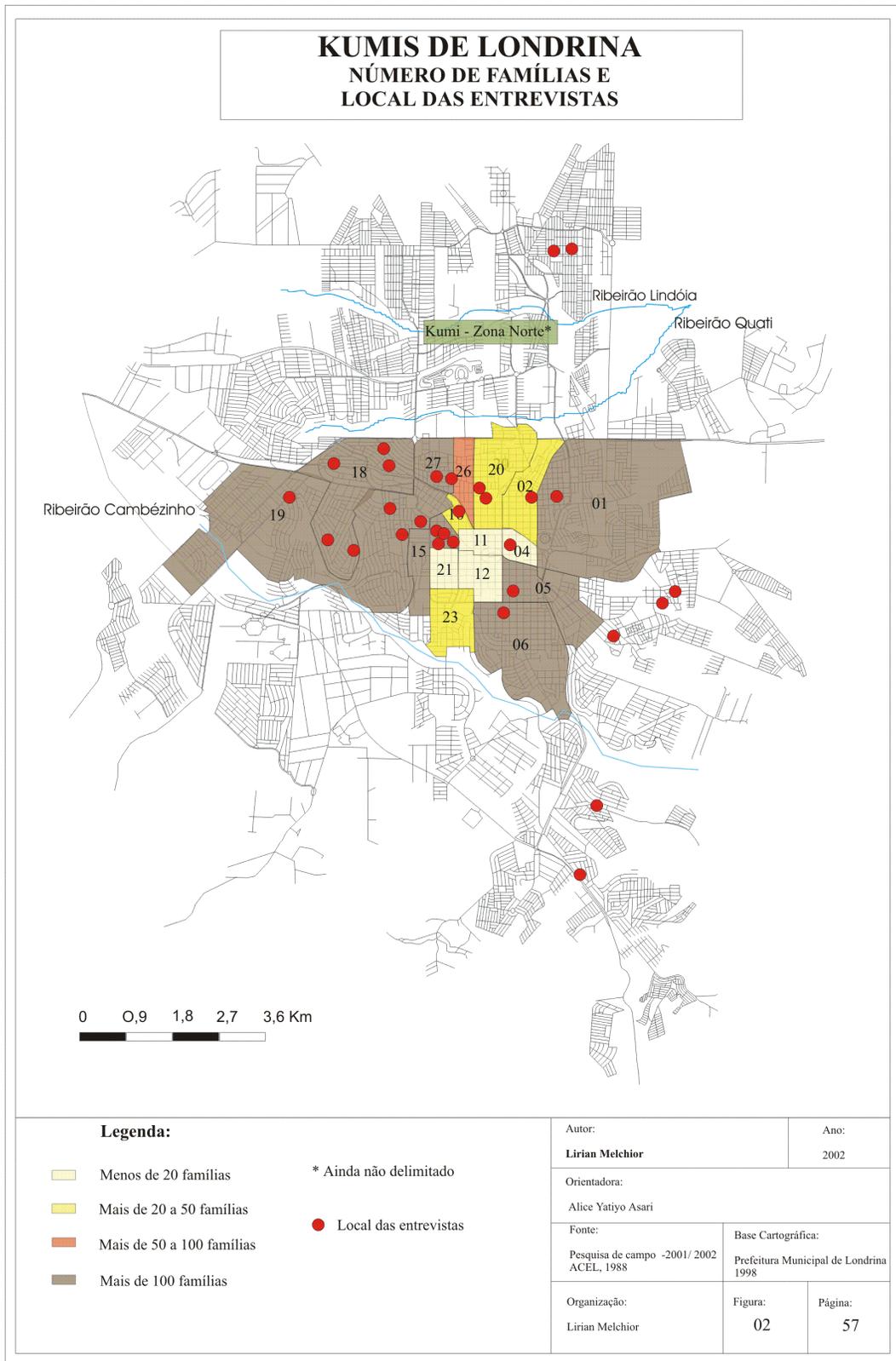
Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Os *kumityôs*, ressentem-se da falta de participação dos membros dos *kumis* nas festas particulares, ressaltando que apenas 30% ou 40% das famílias participam das confraternizações, que geralmente acontecem em chácaras alugadas para o evento. As festas que os *kumis* realizam consistem em gincanas particulares, churrascos, piqueniques, festas para os idosos, festas para o dia das mães, e a confraternização de final de ano, além das reuniões de senhoras, em que participam apenas as mulheres dos *kumis*. Hoje os *kumis* contam com 1222 famílias (quadro 4) que estão distribuídas por toda cidade de Londrina; a figura 2 a seguir informa a localização destes *kumis* atualmente.

Quadro 4. - Número de famílias que fazem parte dos *kumis*

KUMI	FAMÍLIAS
01	160
02	38
04	13
05	115
06	145
11	07
12	08
15	150
16	35
18	120
19	116
20	40
21	14
23	22
26	75
27	146
28	05
Zona Norte	13
Total	1222

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002



Os chefes de *kumis*, deveriam ser eleitos anualmente, mas como ocorre o desinteresse pela manutenção desta tradição por parte dos mais jovens, muitos senhores permanecem como chefes por mais de dois anos, a exemplo de S. K. *kumityô* 11, que já está como chefe há 20 anos. Informou que ninguém mais quer assumir e que sua seção também é uma das que está em fase de desativação, contando com apenas 7 famílias, e está situada no centro da cidade onde ocorrem muitas mudanças de residência, e muitos acabam abandonando o *kumi* devido a isto. Esta na verdade é uma realidade que se apresenta em todos os *kumis*, uma vez que várias famílias, ao se mudarem, para não terem de se vincular à outra seção, que faça parte da região onde agora reside, continua fazendo parte do antigo *kumi*, por já possuir laços de amizade neste. Isto acaba fazendo com que o *kumi* perca o seu caráter de regionalização da cidade, pois uma pessoa que mora na zona sul pode fazer parte do *kumi* da zona leste, e assim por diante. Mas, esta é a forma encontrada pelos chefes para que os *kumis* não se desativem de vez, pois se caso não fosse permitido esta prática muitos abandonariam os *kumis*, e assim perderiam o elo que mantêm esta tradição ainda viva. Conforme já foi anteriormente citado, a cidade antigamente contava com 29 seções, hoje são 18, sendo que apenas 15 ainda se mantêm ativas.

Aos chefes de *kumis* cabe a função de estar sempre mantendo os seus membros informados sobre os acontecimentos da colônia, ou seja eles participam de reuniões na ACEL, e também são responsáveis pela organização das atividades que lá ocorrem; também é comunicado a eles quando ocorre o falecimento ou o adoecimento de alguma pessoa residente em sua área de jurisdição. Como alguns *kumis* são bastante numerosos, como pudemos observar no quadro acima, alguns chefes, contam com os subchefes, ou seja, os *kumis* são divididos em algumas subseções e cada uma delas conta com um responsável; assim, o chefe quando precisa comunicar algo, telefona para estes subchefes, e estes, por sua vez, se encarregam de comunicar as famílias circunscritas de sua área (isto pode ser verificado no anexo – lista de famílias dos *kumis*). Assim, são os chefes de *kumis* que acabam por manter viva esta ligação entre os membros da colônia.

Percebemos ainda que os *kumis* são geralmente formados e presididos por pessoas de idade, senhores e senhoras que ainda se preocupam em manter as tradições da comunidade nipônica. Desta forma, não é toda a comunidade nipônica londrinense que faz parte dos *kumis*, pois em contagem feita na lista telefônica, a cidade

conta com 6453 famílias, o que significa que 80% dos descendentes de japoneses não participam desta tradição, pois como já citado acima os *kumis* contam com 1222 famílias. Mas as festas realizadas na cidade pela ACEL, costumam contar com a participação efetiva da comunidade *nikkei*, assim como grande parte da população londrinense que não possui descendência.

A cidade de Londrina conta também com a edição de um jornal destinado à comunidade nipo-brasileira. O Paraná *Shimbun*, criado em 1949, que já circula há 53 anos na cidade e em 78 municípios do Estado do Paraná, sendo que as informações nele contidas são escritas em português e em japonês, manifestando desta forma, a importância que a colônia nipônica exerce sobre a cidade.

## 4. A MIGRAÇÃO AO JAPÃO

Neste capítulo trataremos do processo de saída de brasileiros, descendentes de japoneses, na qualidade de *dekasseguis*, em que centraremos as discussões na utilização de mão-de-obra não especializada.

### 4.1. Recorte analítico e territorial.

Para a realização da análise sobre os *dekasseguis* da cidade de Londrina, a princípio, nos utilizaríamos da contagem em lista telefônica<sup>6</sup>, em que estaríamos aplicando questionários em parcela representativa da população. Nesta contagem, chegamos a um total de 6.453 famílias nipônicas na cidade. Considerando que, segundo o Censo do IBGE de 1991, a média de pessoas por domicílio na cidade de Londrina é de 3,85, então, temos uma população de 24.844 *nikkeis*, o que representa 5,55 % da população da cidade.

No entanto, para aplicação de questionários que possibilitassem uma análise quantitativa, não dispúnhamos de tempo suficiente, por isto, nos utilizamos dos *kumis* para chegar aos *dekasseguis*. Assim, através do contato com os *kumityôs*, conseguimos a listagem de famílias que fazem parte de cada um deles e desta forma entramos em contato com as pessoas através destas listas (que se encontram em anexo). Ressaltamos que os contatos eram feitos previamente pelo telefone e depois eram

---

<sup>6</sup>É importante mencionar que esta metodologia para contagem do número de japoneses e/ou descendentes de japoneses através da lista telefônica de Londrina, deve ser relativizada, pois não se trata um dado preciso, pois várias são as situações de possíveis equívocos, como: o fato de que a triagem se fez na busca de sobrenomes que seriam característicos dos japoneses, desta forma, excluindo da contagem os que, porventura, tenham trocado de sobrenome em virtude de matrimônio ou que sejam mestiços que não tenham mais o sobrenome japonês; o fato de poder excluir algumas pessoas, que eventualmente, não possuam linha telefônica ou que não permitam que seus números sejam publicados em linha telefônica. Porém, como não há outro meio de verificar o universo de *nikkeis* em Londrina, pelo fato de não haver registros de nenhuma fonte secundária, e também, pelo fato de que em Londrina, segundo dados do Serviço de Comunicações Telefônicas de Londrina – SERCOMTEL – existem 160.972 terminais fixos instalados, o que representa uma média de 30,74 terminais por 100 habitantes, que é um índice elevado, podendo atingir um número representativo, já que a média de pessoas por domicílio de Londrina, segundo o IBGE é de 3,85. ou seja, um número muito próximo, sendo, portanto, a melhor fonte encontrada para tal contagem.

marcadas as entrevistas nas residências das pessoas. Através desta forma de contato, muita recusa foi encontrada, pois não havia nenhuma forma de indicação ou referência para as pessoas aceitarem conversar, e, também, como os chefes das famílias que fazem parte dos *kumis* geralmente são idosos, muitos não apresentavam, em suas casas, *dekasseguis*. Assim, deu-se um pequeno atraso na realização da pesquisa, uma vez que gostaríamos de ter aplicado 54 questionários (ver esquema de aplicação de questionários por *kumis*) e foram aplicados apenas 31, mas consideramos que conseguimos atingir parcela significativa da população que se dirige ao Japão, uma vez que encontramos histórias diversificadas, com situações bastante peculiares de experiências vividas no Japão, visto que entrevistamos pessoas que moram em áreas diferenciadas da cidade (ver figura 2). Como optamos por uma análise qualitativa das entrevistas, acreditamos que a representatividade numérica apresentada mostrou-se suficiente para as análises sobre a problemática dos *dekasseguis*.

Quadro 5. Número de entrevistas realizadas por *kumis*

<i>Kumis</i>	Nº de famílias	Nº de entrevistas aplicadas.
1	160	4
2	38	1
4	13	1
5	115	3
6	145	1
11	07	1
15	150	7
16	35	1
18	120	1
19	116	2
20	40	1
21	14	1
23	22	1
26	75	2
27	146	4
Total	1.196	31

#### 4.2. A mobilidade dos trabalhadores *nikkeis*

A partir dos anos de 1980, o Brasil começa a conhecer um movimento inverso nos fluxos migratórios (como já comentado anteriormente). Segundo os dados do Itamaraty do ano de 1997, mais de 1,5 milhão de brasileiros estavam no exterior, sendo os principais países receptores EUA (38%), Paraguai (30%) e Japão (13%). Desta forma, mais de 200 mil brasileiros deixaram o Brasil em direção ao Japão na qualidade de trabalhadores temporários, sendo que o auge desta migração corresponde ao período de 1988 a 1991, quando a taxa de crescimento anual de brasileiros registrados no Japão chegou a mais de 200%, segundo o Departamento de Controle de Imigração do Ministério da Justiça do Japão (2001).

Tabela 2 . Taxa de crescimento anual de brasileiros registrados no Japão de 1985 a 1997.

Ano	Número de brasileiros	Taxa de crescimento (%)
1985	1.955	----
1986	2.135	9,21
1987	2.250	5,39
1988	4.159	84,84
1989	14.528	249,31
1990	56.429	288,42
1991	119.333	111,47
1992	147.803	23,86
1993	154.650	4,63
1994	159.619	3,21
1995	176.440	10,54
1996	201.795	14,37
1997	233.254	15,58
1998	222.217	-4,73
1999	224.299	0,93
2000	254.394	13,41

Fonte: Departamento de Controle de Imigração do Ministério da Justiça-Japão (2001)

Podemos perceber que após 1991 houve uma relativa queda percentual na taxa de crescimento, registrada pelo Ministério da Justiça do Japão, na migração realizada pelos descendentes de japoneses. No entanto, esta migração ainda possui um caráter marcante na sociedade brasileira, o que pode ser constatado pela grande

quantidade de anúncios de empregos, nas agências (chamadas de empreiteiras de mão-de-obra) que realizam os contratos trabalhistas entre os *dekasseguis* e as empresas japonesas, que são publicados nos classificados dos jornais, todas as semanas. Durante o ano de 2001, no período compreendido entre os dias 07 de janeiro e 30 de dezembro, selecionamos 30 jornais de domingo, da Folha de Londrina, com anúncios de classificados (ver exemplos na Figura 3). Nestes, somamos 322 anúncios, o que representa uma média de 10,8 anúncios de propostas de empregos no Japão, para descendentes de japoneses, por jornal. Ou seja, apesar do fluxo ter diminuído, ainda existe uma migração bastante intensa para o Japão, decorrente da significativa oferta de postos de trabalho.

Esta busca por novas oportunidades de emprego, por parte dos descendentes de japoneses, começou na segunda metade dos anos de 1980 e atingiu seu ápice no início dos anos 90, momento de profunda crise no Brasil, conforme exposto em capítulo anterior. Em entrevista realizada em Londrina, no ano de 2002, detectamos que 84% dos *dekasseguis* manifestaram o motivo econômico como impulsionador da migração, sendo que aqueles que disseram ter ido com o objetivo de conhecer um novo país, ou a terra de seus pais, também trabalharam e retornaram com algum dinheiro que acabaram por investir, principalmente, em casas ou carros (ver tabela 3).

Tabela 3 – Investimentos dos *dekasseguis*

Investimentos	Nº. de respostas	Percentual
Compra de casa para moradia	15	26,32
Compra de automóvel	15	26,32
Investimento em imóveis e terrenos	8	14,04
Aquisição de comércio	6	10,53
Pagamento de dívidas	5	8,77
Reforma da Casa	4	7,02
Investimento em produção agrícola	3	5,26
Nada	1	1,75
<b>Total</b>	<b>57*</b>	<b>100,00</b>

Ressaltamos que a soma é superior ao número de entrevistados pelo fato de alguns terem realizado mais de um investimento

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Assim, compreendemos que com a oferta de receberem salários muito superiores aos recebidos no Brasil e a possibilidade de retornarem e realizarem investimentos que, no Brasil, levariam anos de trabalho para serem obtidos, os *dekasseguis*, partem em busca de melhores oportunidades. Margolis, sobre esta situação afirma que:

*A combinação de salários relativamente baixos, os preços que mudam constantemente devido a inflação galopante e a desnoriente incerteza sobre o que o amanhã trará, provocaram entre muitos brasileiros, uma melancolia inusitada acerca do futuro econômico do país e o seu lugar no mesmo. Este pessimismo preocupante também estimulou a emigração. No final dos 1980 e começo dos 1990, as condições econômicas no Brasil eram descritas como “as piores do século”.*

(MARGOLIS, 1995, p. 10)

Em entrevista, um *dekassegui*, diz que:

*“O meu objetivo era: curto e grosso, é porque eu estava desempregado, não tinha mais recurso, a minha gordura já tinha ido tudo, daí eu fiz dívida aqui, daí eu precisava pagar a dívida, e se possível retornar de lá podendo fazer alguma coisa aqui depois. Meu objetivo era este de pagar as dívidas e de montar alguma coisa aqui depois, eu já fui com o objetivo mais ou menos definido”.*

(S. O., *nissei*<sup>7</sup>, 48 anos)

Uma outra *dekassegui* afirma, ainda:

*“Minha preocupação inicial foi a financeira – tinha 3 anos que estava casada não me acertava em emprego nenhum, meu marido tinha acabado de ser mandado embora do banco que trabalhava ficou uns 6 ou 8 meses sem arrumar emprego!!! Antes de ir eu ganhava em torno de 1 salário – era professora – primária de escola pública. E foi a melhor opção!!!! Foi a única opção. Todo mundo falava pra ir e ganhar dinheiro – estava com vinte anos na época e realmente foi compensador. Valeu a pena”.*

(E. N., *sansei*<sup>8</sup>, 32 anos)

Um terceiro, afirma ainda que:

*“Foi pela possibilidade de estar conseguindo mais coisas materiais, ter meu carro, ter minha casa, porque eu pensava assim, se eu for*

<sup>7</sup> Palavra japonesa que referencia o filho de imigrante japonês

<sup>8</sup> Palavra japonesa que referencia o neto de imigrante japonês

*entrar numa faculdade, até 20 estudando legal, eu estaria entrando numa faculdade, com 24 - 25 anos eu estaria me formando, provavelmente se eu começar a trabalhar e me dar bem com uns 35 anos mais ou menos, aí eu vou ter minha casa, meu carrinho, daí eu falei assim, bom para eu conseguir estas coisas que eu quero antes do tempo, a solução que eu achei foi ir para o Japão. Para estar conseguindo a experiência que eu queria”*

(R. T, *sansei*, 28 anos)

Assim, percebemos que os problemas econômicos enfrentados pelo país influenciaram, muito, a decisão da partida dos *dekasseguis*. Ressaltamos, porém, que para a comunidade nipo-brasileira, esta condição de migrante não era muito aceita no início dos anos de 1990, tanto que havia um certo receio em se comentar sobre o assunto e muitas famílias que possuíam parentes que haviam partido, não falavam sobre o fato, como se sentissem “vergonha” do acontecimento, pois os *nikkeis* partiam na qualidade de trabalhadores temporários, aceitando empregos que os naturais não mais se submetiam a realizar, por os considerarem como depreciativos, desprezíveis, desqualificados e desqualificantes.

Esta visão, de certa forma, desqualificava os trabalhadores que migraram ao Japão e considerava que fossem pessoas que estavam desistindo de viver no Brasil, por não possuírem um sentimento de nacionalismo arraigado. Tal fato podia ser percebido, nesta época, até mesmo no meio acadêmico, conforme percebemos a seguir:

*‘Nós, cidadãos brasileiros, não alcançamos ainda aquilo que já está arraigado em países culturalmente organizados, que é exatamente o orgulho da nossa nacionalidade, algo que só ocorrerá quando a nossa sociedade amadurecer. E isso será conquistado através de gerações – aí, como o Brasil é um país do futuro, de certa forma livre de preconceitos sociais, aberto, creio que não mais assistiremos a situações como esta dos dekassegus’.*

(Yoshiya Nakagawara, professora do Departamento de Geociências da UEL, em entrevista à Folha de Londrina, p. 28, 04 de fevereiro de 1990)

Acreditamos que esta postura considera que o nacionalismo/patriotismo poderia resolver os problemas econômicos, no entanto, consideramos que esta mobilidade da força de trabalho é um dos mecanismos relacionados à (re)produção do capital e ocorre de maneira forçada, conforme Gaudemar (1977) e Vainer (1996), pois constitui-se na última alternativa de fuga dos problemas enfrentados em seu país.

A afirmação de Asari (1992) complementa nosso raciocínio, do modo que analisa a questão da aceitação social dos migrantes perante a comunidade nipo-brasileira, pois,

*No momento em que consideravam ter sua vida (econômica, social, cultural) estabilizada, ou, então com evidências de uma significativa adaptação ao país (Brasil), estes migrantes são envolvidos por outra onda migratória, esta em sentido inverso, como se fosse um “retorno” ao país que os havia liberado décadas atrás. Porém, este “retorno” não se dá nas condições desejadas pelos “velhos imigrantes”; uma vez que, no Japão, estes dekasseguis trabalharão em atividades não especializadas e desgastantes. Isto mostra a condição de “vencidos” no Brasil, porque necessitam voltar ao país dos pais e avós para lá conseguir acumular algum capital embora “marginalizados”. Lá, farão parte de um contingente de mão-de-obra que ocupa funções não aceitas pelos naturais do país, que não tem domínio da língua japonesa, possuem costumes diferenciados e principalmente, não são japoneses.*

(ASARI, 1992, p. 106)

Observamos ainda que, nesta época, muitos representantes das empresas vinham ao Brasil para oferecer os empregos nas fábricas, lotando os salões de eventos dos hotéis, com as propostas de empregos, explicando o trabalho, os ganhos e as formas de acomodações. No entanto, apesar do interesse ser grande, pouca gente efetivamente procurava os agenciadores depois deste contato (ver anúncio na Figura 4). Sussumu Nakabayashi, responsável pela captação de mão-de-obra, no Brasil, para uma fábrica japonesa, em entrevista à Folha de Londrina, do dia 2 de fevereiro de 1990, comenta que:

*‘Somente cinco ou seis pessoas se inscreveram, até agora. Vêm muitos curiosos pedir informações, mas trabalho pesado eles não querem’.*

(Folha de Londrina, p. 28, 02/02/1990)

Porém, desde os anos de 1986 e 1987, já são relatados casos de pessoas que se dirigiam ao Japão para realizarem os trabalhos temporários, ainda que nesta época apenas os *isseis* ou *nisseis* eram aceitos e partiam com vistos de turistas que renovavam por mais um ano e, depois, por mais três, porém, eram contratados de forma ilegal, uma vez que não existia o visto para trabalho de *dekasseguis*, mas somente de turista. Somente com a reforma de 1990 da Lei de Imigração Japonesa é que a situação dos migrantes laborais passou a ser regularizada.

Em pesquisa de campo, mantivemos contato com pessoas que estiveram no Japão desde o ano de 1986 até dezembro de 2002, ou seja, conversamos com pessoas que estiveram naquele país em momentos bastante diferenciados, tornando possível identificar distintas vivências no Japão e que será melhor detalhado em capítulos posteriores.

#### 4.3. Condições sócio-econômicas anteriores à migração.

A possibilidade de trabalhar alguns anos no Japão e retornar com dinheiro suficiente para satisfazer seus anseios, atraiu muitos *nikkeis* ao Japão. Nesta pesquisa percebemos que não partem apenas pessoas desempregadas, mas também pessoas que já possuem formação superior e buscam capital para iniciar seus próprios negócios, ou aqueles que, insatisfeitos com o salário que recebem no Brasil procuram obter melhores oportunidades e, ainda, aposentados que procuram aumentar seus rendimentos. As tabelas 4 e 5, a seguir, mostram as ocupações exercidas e os salários recebidos pelos entrevistados em períodos anteriores à migração e os rendimentos mensais dos mesmos.

Tabela 4. Profissões anteriores à migração

Ocupações	Entrevistados	Percentual
Funcionário de estab. Comercial/prestação de serviços	12	38,71
Agricultor	5	16,13
Estudante	4	12,90
Proprietário de estab. Comercial/prestação de serviços	4	12,90
Aposentado	3	9,68
Desempregado	3	9,68
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Tabela 5. Salários anteriores à migração

Faixa salarial	Entrevistados	Percentual
De menos de 1 à 2 salários min.	5	16,13
Acima de 2 a 5 salários mín.	7	22,58
Acima de 5 a 10 salários min.	7	22,58
Acima de 20 salários mínimos	1	3,23
Sem renda	7	22,58
Não informou	4	12,90
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Assim, percebemos que 77,42% dos entrevistados possuíam algum tipo de ocupação rentável e que apenas 22,58% não possuíam renda nenhuma envolvendo nesta classe estudantes e desempregados. Porém a expectativa de salários superiores à US\$1.500,00 acabou atraindo muitos descendentes de japoneses que se utilizaram desta oferta de emprego como uma forma de acelerar o processo de aquisição de bens no Brasil, como pudemos observar através da tabela 3 que informava os investimentos dos *nikkies* ao retornarem. Percebemos, também, que alguns dos entrevistados também já possuíam algum tipo de bem no Brasil mesmo antes de ir ao Japão, conforme podemos analisar na tabela a seguir.

Tabela 6 - Bens que possuía antes da viagem ao Japão

Bens	Entrevistados	Percentual
Automóvel	10	32,26
Casa	10	32,26
Propriedade agrícola	1	3,23
Terreno sem construção	1	3,23
Nenhum	9	29,03
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Dos 29,03% dos entrevistados que informaram não possuírem nenhum tipo de bem antes da migração também se incluem os três estudantes entrevistados, ou seja, não possuíam bens pois eram jovens e ainda moravam com seus pais, porém, os seus pais já possuíam casa e carro, o que significa que estes jovens foram trabalhar no Japão em busca de seus benefícios próprios pois os pais já apresentavam uma situação econômica privilegiada para a realidade vivenciada por grande parte dos brasileiros.

No entanto, para conseguirem alcançar seus objetivos, os *dekasseguis* tiveram de fazer muitas economias não desfrutando de todos os atrativos oferecidos no Japão, assunto este que será comentado posteriormente e, desta forma, 22,6% dos entrevistados conseguiram poupar cerca de 80% do salário que recebiam no Japão, ou seja, apenas 20% do que recebiam era destinado às despesas no Japão. Estes informaram que mesmo vivendo com tão pouco percentual do salário, nunca chegaram a passar necessidades e que sabiam que somente desta forma poderiam usufruir melhor do seu dinheiro em seu país (ver tabela 7).

Tabela 7. Faixas de percentuais dos salários poupados pelos *dekasseguis* no Japão

Percentual do salário poupado	Entrevistados	Percentual
80%	7	22,58
70%	6	19,35
60%	6	19,35
50%	6	19,35
40%	3	9,68
Não poupava	1	3,23
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Analisando a tabela 8 que mostra os períodos de partida dos *dekasseguis*; podemos perceber através desta tabela que o período que houve uma migração mais intensa foi no período de 1990 a 1997 - o início dos anos de 1990, corresponde ao auge do fluxo migratório e o período posterior, no ano de 1997, há um declínio nas migrações, decorrente do período de crise do Japão. Notamos também, que a soma é superior ao número de *dekasseguis* entrevistados devido ao fato destes terem realizado várias viagens ao Japão, o que será discutido posteriormente.

Tabela 8 - Períodos de saídas para o Japão

Períodos da migração	Nº. de saídas	Percentual
De 1986 a 1989	6	12,24
De 1990 a 1993	20	40,82
De 1994 a 1997	21	42,86
De 1998/2001	13	26,53
2002	1	2,04
<b>Total</b>	<b>49*</b>	<b>100,00</b>

Ressaltamos que a soma é superior ao número de entrevistados pelo fato de alguns terem realizado várias viagens ao Japão

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Ao observar a tabela 9, que nos mostra a idade dos *dekasseguis* entrevistados, podemos perceber que foram contempladas pessoas pertencentes a variadas faixas de idade, por isso, encontramos maiores diversidades de experiências e de expectativas com a viagem. Verificamos com esta pesquisa, que há a contratação de muitos idosos para os serviços temporários no Japão e que muitas vezes, estes realizaram serviços pesados que exigiam muito esforço físico dos mesmos, pois não eram atividades que estavam acostumados no Brasil, como nos contou uma das entrevistadas que foi trabalhar numa granja no Japão:

*Eu me sentia humilhada de fazer isso!! Era muito ruim pois aqui no Brasil eu nunca iria fazer um serviço destes!!! Era difícil!!! Era muito feio!!! Sujo, fedido!! Trabalhava, eu e meu marido!!!! Como peões!!! Tinha que pegar frangos e mandar para o abate!! E também tinha que fazer limpeza!!!!*

(M. K., *nissei*, 68 anos)

Uma outra senhora de 71 anos que trabalhava em residências cuidando de doentes nos relatou das dificuldades:

*Na residência a gente fazia comida para eles. Cuida da casa também. Este serviço não é pesado, mais a gente fica estressada com o paciente, se tem paciente que não dorme de noite, tem que acompanhar, então é cansativo na mente. Eu passei este ano que eu fiquei na casa de uma só pessoa porque ela já era acostumada comigo.*

*A gente trabalha 24 horas, tem noite que a gente não dorme, acorda toda hora quando o paciente não dorme, porque ele anda, sai pra fora, mas tem paciente que deixa a gente dormir, então, nosso serviço é de 24 horas não sabe que horas que tem que acordar para ver o paciente, quem usa fralda, tem que trocar a fralda a noite e uma pessoa que fica direto na cama a gente tem que mudar a posição para não sair ferida nas costas, cada três horas muda de posição, então não dá pra dormir um sono direto, tem sempre que estar acordando. Este que cuidava antes de vir, possuía uma doença mental, não sabia o que estava fazendo, foi perdendo memória, como ela andava demais, não tinha um minuto de sossego, a gente fechava a porta da casa, mas ela abria e saía fora, de primeiro ela se alimentava sozinha, agora não, não anda mais, quase o tempo todo sentada, ela vai se acabando, é uma doença que não tem cura. É muito triste para quem está trabalhando porque se envolve com a pessoa, pega amor.*

(T. Y., *issei*, 71 anos)

Tabela 9. Idade dos *dekasseguis*

Faixa etária	Entrevistados	Percentual
20 a 30 anos	8	25,81
30 a 40 anos	5	16,13
40 a 50 anos	7	22,58
Acima de 60 anos	11	35,48
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

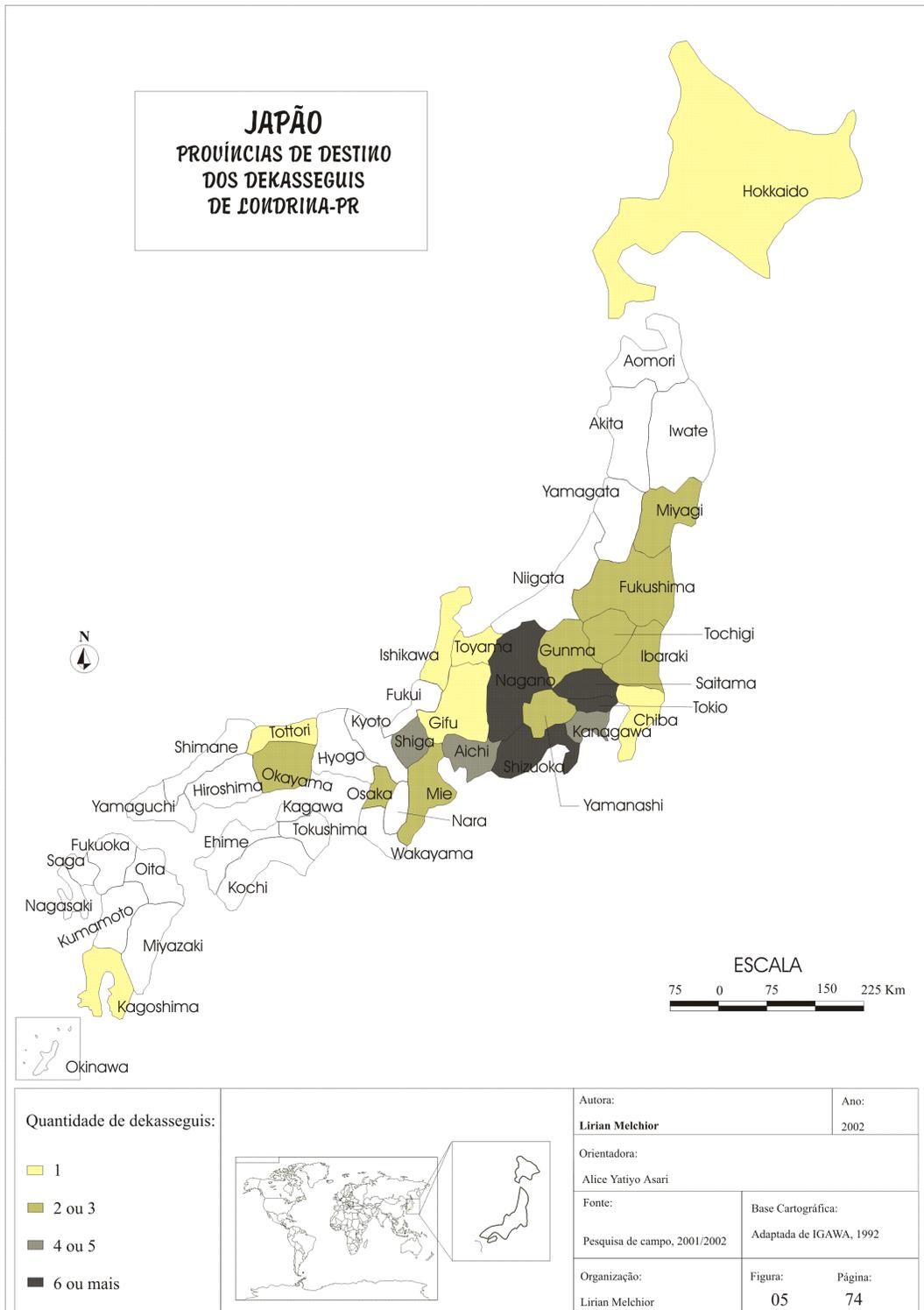
Assim, percebemos que 35,48% dos entrevistados são idosos, aposentados e que de alguma forma já deram sua contribuição econômica ao país, no entanto, pela falta de uma aposentadoria digna ainda se submetem à realização de serviços bastante penosos que lhes garantam uma velhice mais tranqüila.

Analisando a Figura 5 podemos perceber que os migrantes *nikkeis* se dirigem para regiões diferenciadas do Japão; sabemos, também, que atualmente, é possível encontrar brasileiros em todas as províncias japonesas e que estes representam a maioria dos imigrantes latinos no Japão, seguidos pelos peruanos e bolivianos, que possuem respectivamente: 46.171 e 3.915 migrantes vivendo no Japão. (conforme a tabela 10).

Tabela 10. Estrangeiros no Japão provenientes da América do Sul

País	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000.
Argentina	2.796	2.910	3.079	3.300	2.962	2.924	3.072
Bolívia	2.917	2.765	2.913	3.337	3.461	3.578	3.915
Brasil	159.619	176.440	201.795	233.254	22.217	224.299	254.394
Chile	458	495	537	598	598	611	652
Colômbia	1.121	1.367	1.575	1.835	1.965	2.071	2.496
Equador	115	124	126	132	131	136	154
Guiana	9	10	8	6	6	5	8
Paraguai	1.129	1.176	1.301	1.466	1.441	1.464	1.676
Peru	35.382	36.269	37.099	40.394	41.317	42.773	46.171
Suriname	11	12	13	15	13	10	10
Uruguai	109	108	115	113	100	97	113
Venezuela	174	189	219	241	231	240	258
Total	203.840	221.865	248.780	284.691	274.442	278.209	312.921

Fonte: Ministério da Justiça do Japão (1995 a 2001)



#### 4.4. A viagem para o Japão

Como já citado anteriormente, o *nikkei* deixa o Brasil em busca de melhores oportunidades na terra de seus ancestrais e, desta forma, muitos partem com os objetivos muito bem traçados, já definindo o tempo que pretendem permanecer no Japão e qual a quantia que pretendem estar economizando para realizarem seus investimentos no Brasil.

Tabela 11. Objetivos da migração dos *dekasseguis* de Londrina

Objetivos	Entrevistados	Percentual
Adquirir imóveis	11	28,95
Fazer uma poupança	6	15,79
Conhecer o país	6	15,79
Pagar dívidas	4	10,53
Custear estudos após o retorno	4	10,53
Montar um negócio	3	7,89
Adquirir carro	3	7,89
Sustentar a família	1	2,63
Total	38	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Para a realização da migração, os *dekasseguis* precisam preparar alguns documentos que comprove seu parentesco com os japoneses e, para isto, muitos recorrem as agências de turismo ou aos recrutadores de mão-de-obra no Brasil. Estes recrutadores costumam intermediar a contratação dos trabalhadores com as agências, chamadas de empreiteiras no Japão. Também existem aqueles que procuram os parentes ou amigos que estão no Japão, para se informarem sobre o trabalho e para que estes intermedeiem sua contratação junto às empreiteiras daquele país. Na tabela a seguir temos a formas de contratação que os *dekasseguis* se utilizaram para arrumarem seus empregos.

Tabela 12. Formas de recrutamento dos trabalhadores de Londrina

Formas	Entrevistados	Percentual
Agência de Londrina	10	32,26
Agência de São Paulo	7	22,58
Recrutadores individuais	7	22,58
Parentes e amigos no Japão	7	22,58
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Podemos observar na tabela 12, que 22,6% dos entrevistados, se utilizaram de contatos com indivíduos que faziam a contratação mas que não possuíam agências, em geral, estes são pessoas que já estiveram no Japão, falam muito bem a língua japonesa e mantém contato com as empreiteiras japonesas e por elas são pagos para recrutarem trabalhadores aqui no Brasil. K. A. de 82 anos, pioneiro no município de Londrina, já esteve no Japão sete vezes acompanhando pessoas do Brasil. Ele nos contou que lá ele os apresentava às empreiteiras, explicava o trabalho para os *nikkeis* e voltava para o Brasil. Ele relata que:

*‘Muitos dekasseguis sofreram com ofertas enganosas de empregos, assim como os japoneses sofreram aqui no Brasil. Depois muitos vinham reclamar comigo, mas eu não tinha culpa porque às vezes a empresa também me dizia que o emprego era uma coisa e quando eu vinha embora, colocavam as pessoas para trabalhar em outra coisa. Por isto deixei de fazer este trabalho.’*

(K. A., *nissei*, 82 anos)

Percebemos através desta pesquisa que as pessoas que migram, ainda que realizem a viagem, sozinhas, sempre possuem alguma forma de contato no Japão, com parentes ou amigos, pessoas que de alguma forma possam servir como referência naquele país. No entanto, por mais que tentem se informar sobre o serviço que irão realizar no Japão, isto não garante que os *dekasseguis* receberão tudo o que lhe foi oferecido. Os *nikkeis* entrevistados nos relatam que:

*No emprego não tinha noção do que ia fazer, eles mostram um vídeo aqui no Brasil sobre o que era o serviço e depois, lá no Japão, não tinha nada a ver, porque lá é completamente diferente do hospital daqui, e eu fui num hospital que só tinha japonesada e eu não conhecia ninguém, nossa, sofri demais. O vídeo mostra um hospital bonito, aquelas bandejas todas de inox, as toalhas tudo do hospital, e ensina você arrumar a cama, limpar o banheiro, fazer uma higiene, mas na realidade é tudo muito diferente.*

(A. Y, nissei, 62 anos)

*O que eu senti, no meu caso particular, é a desonestidade na informação que dão pra gente, então eu tive um impacto psicológico muito violento*

*(...) Então acho que eles deviam ser mais honestos, dizendo olha você vai para um hospital, numa cidade pequena, se você quiser tem comida japonesa, dentro do hospital tem tudo, só que você tem que levar pelo menos o básico, o necessário para passar um mês ou quinze dias. E disseram que não precisava levar nada! Quando cheguei lá não era nada do que tinham falado pra gente, a gente tinha que passar por uma empreiteira, e a empreiteira que levou a gente é assim tão dinheirista que todo mês vinha descontado alguma a mais do salário.*

(G. F., sansei, 54 anos)

Uma outra questão a ser definida pelos *dekasseguis* antes da partida é a forma de pagamento das passagens. A tabela a seguir nos mostra que 42% dos entrevistados optaram por pagar suas passagens com seus recursos próprios; para isto alguns venderam seus pertences, emprestaram dinheiro de amigos, se utilizaram de poupanças ou do dinheiro recebido na rescisão de seus contratos de trabalho. Isto tudo para não terem de ficar presos a uma empreiteira até que o financiamento de suas passagens fosse quitado.

Tabela 13. Formas de pagamento das passagens

Formas de pagamento	Entrevistados	Percentual
Financiadas por empreiteira	18	58,06
Pagas com recursos próprios	13	41,94
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002.

As formas de pagamento das passagens, portanto, determinam mais uma das decisões que precisam ser tomadas pelos *dekasseguis* antes de sua partida, pois, muitas empreiteiras costumam reter os passaportes até que as despesas da viagem estejam pagas, obrigando, às vezes, o *nikkei* a realizar serviços que lhe desagrade, o que pode durar de três a seis meses, dependendo da forma de financiamento.

#### 4.5. A presença brasileira no Japão

O fenômeno migratório, iniciado na segunda metade da década de 1980, assume uma característica muito peculiar, uma vez que não migram indistintamente brasileiros, mas apenas os descendentes de japoneses ou *nikkeis*, ou seja, acaba por ser uma migração de trabalhadores que assume um caráter étnico, fato que só se torna possível por existir um número tão significativo de pessoas com descendência japonesa em outras partes do mundo, sobretudo, no Brasil, onde se encontra a maior quantidade de pessoas nesta condição. Para os japoneses, com a migração de seus descendentes seria mais fácil a adaptação ao país e a cultura e, com isto, também seria mantida a homogeneidade étnica do país. Yamanaka, citado por Sasaki, confirma que

*Os documentos oficiais, que datam de antes da reforma de 1989/90 (da Lei de Imigração Japonesa), sugerem que a manutenção da homogeneidade cultural e 'racial' é a maior preocupação dos políticos e dos regimentos do Partido Democrata Liberal. Tais documentos sempre se referem à posse do Japão de um 'grupo étnico, uma língua' como um fator crucial que contribuiu para o milagre econômico pós-guerra. Os nikkeis são aceitáveis porque, como parentes de japoneses, eles seriam capazes de assimilar a sociedade japonesa sem considerar a nacionalidade.*

(SASAKI, 1999, p. 253)

Esta exigência, no entanto, só é possível pelo fato de muitos japoneses terem deixado o Japão no início do século (também vendendo sua força de trabalho) para países que se demonstravam promissores e que, atualmente, como países subdesenvolvidos possuem grande parte de sua população desempregada ou

subempregada, dentre os quais, muitos são descendentes de japoneses e possibilitam que este tipo de “determinação” do governo japonês possa ser cumprida.

Kawamura, complementa afirmando:

*A política imigratória restrita aos descendentes, adotada pelo governo japonês, condiz com a valorização da consangüinidade na definição do parentesco – nacionalidade e com a postura cultural de busca do consenso, homogeneidade e continuísmo; e afastamento do conflito, desarmonia e diferença, em uma ótica funcional e positiva da sociedade. Nessa abordagem, a sociedade deve ser preservada de elementos estranhos e nocivos, não funcionais em relação ao desenvolvimento harmônico da nação, concepção esta com forte teor nacionalista, historicamente construída.*

(KAWAMURA, 2000, P. 205)

Assim, entendemos que, esta forma de agir do governo japonês e do povo japonês, reflete um comportamento que possui raízes na fase da história japonesa do Período Tokugawa (1600-1867), em que houve a formação de uma nacionalidade que buscou atingir a auto-suficiência, dentro de práticas isolacionistas, o que se apresenta, ainda hoje, na práxis do povo japonês, mesmo com as transformações posteriores que conduziram a uma considerável ocidentalização, com a Revolução Meiji e com os acontecimentos contemporâneos, conforme verificamos na passagem de Darcy Carvalho,

*O período Tokugawa., 1600-1867, coincide com a era de isolamento do país, sob o governo militar e administrativo da família Tokugawa. Esta fase, também referida como a Era do xogunato constitui, do ponto de vista psicossocial, um dos períodos mais importantes na geração de certas características peculiares ao povo japonês, tais como a busca da auto-suficiência econômica, a ojeriza ao estrangeiro, a hierarquização das relações sociais, o culto da educação e a cooperação social. Os Tokugawa promoveram uma grande limpeza étnica, expulsando estrangeiros, exilando mestiços e promovendo a volta de todos os japoneses dispersos pela Ásia, dentro de um período relativamente curto. O país fecha-se assim econômica e culturalmente ao exterior.*

(...)

*Cessa o comércio internacional, estratifica-se a sociedade numa rígida estrutura de classes sociais com papéis bem determinados.*

(CARVALHO, s/d, p. 48)

(grifos nossos)

Compreendemos, assim, que esta posição do governo japonês em abrir as portas do seu mercado de trabalho somente para descendentes, reflete uma situação histórica de relacionamento com outras etnias. No entanto, consideramos que só migram descendentes para o Japão, porque o governo sabe que esta exigência tem como ser cumprida, caso contrário, migrariam trabalhadores ao Japão, sem importar a etnia de que era originário.

#### 4.5.1. O *nikkei* e sua relação com o Japão.

A determinação do governo japonês em somente permitir a contratação de descendentes de japoneses para o trabalho, acaba por transformar todo *nikkei* em um migrante em potencial, pois por mais que muitos jamais tenham migrado ou nem pensem nesta possibilidade, sabem que se por algum motivo a sua situação econômica no país piorar, o Japão sempre será uma saída para conseguir se levantar recursos financeiros em um curto período de tempo. Na tabela 14 verificamos os níveis de descendência dos *dekasseguis* entrevistados; foram entrevistadas duas pessoas nascidas no Japão, ou seja, imigrantes no Brasil e, hoje, possuem dupla nacionalidade e se sentem mais brasileiros do que japoneses. Verificamos, também, que 50% dos entrevistados são *sanseis*, ou seja, são netos dos imigrantes japoneses.

Tabela 14- Graus de descendência japonesa

Graus de descendência	Entrevistados	Percentual
Issei	3	9,68
Nissei	14	45,16
Sansei	14	45,16
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

No entanto, a semelhança entre os *dekasseguis* e os japoneses se restringe à aparência física, pois se encontram muito distantes da cultura de trabalho japonesa da atualidade, contrariando as expectativas dos empresários e do governo japonês; os trabalhadores brasileiros possuem hábitos e costumes bastante diferenciados dos japoneses e, por isso, sofrem muito preconceito por parte dos mesmos. A presença nessa nova sociedade, porém, não é pensada de outra forma, senão, como temporária e, assim, é concebida tanto pelos imigrantes quanto pelos naturais daquela sociedade, havendo uma divisão entre quem é nacional e quem é estrangeiro, constituindo desta maneira, privilégios que são negados aos estrangeiros.

Quanto a esse preconceito sentido pelos *dekasseguis*, alguns relataram que por mais que soubessem a língua e se comunicassem bem no Japão, a diferença sempre existia, os descendentes de japoneses sempre serão considerados nipo-brasileiros no Japão e, desta forma, não são tratados como japoneses, mas como estrangeiros *nikkei*, e, como tais, não possuem os mesmos direitos de cidadãos. (ver tabela 15).

Tabela 15. Domínio da língua japonesa

Domínio da língua	Número de <i>dekasseguis</i>	Percentual
Falava bem	17	54,84
Falava mais ou menos (não teve dificuldades)	3	9,68
Falava pouco	8	25,81
Não falava nada	3	9,68
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Percebemos, assim, que 55% dos entrevistados afirmaram falar bem a língua japonesa, pois haviam frequentado a escola deste idioma no Brasil ou por estarem habituados a utilizar a língua em suas casas, não apresentando dificuldades para se comunicar no Japão. Porém, estes também passaram por situações discriminatórias por serem brasileiros, sendo assim, contam as histórias por quais passaram:

*Eu lembro uma vez que eu fui alugar uma casa, porque a gente ficava em alojamento, e era assim um apartamento de 2 quartos e cada um fica num quarto, e daí a empresa começou a falar de ficar duas pessoas em cada quarto e como eu não estava muito animado para dividir quarto, eu resolvi alugar um apartamento para mim, e quando eu fui alugar a mulher não percebeu que eu era estrangeiro, daí ela falou assim: eu senti um pouquinho, mas não parecia, pensei*

*que você era de outra região, ah mais você não vai poder, porque isto, porque aquilo. A maneira que ela falou para mim me machucou, pelo fato de eu estar falando bem, as coisas ali tudo certinho. Eu fiquei muito chateado porque esta é uma forma de discriminação.*

(R. T, sansei, 28 anos)

Ou, ainda,

*Uma vez eu fui num salão de cabeleireiro – marquei hora, fui cortar o cabelo – cheguei na hora e o dono me disse que naquela hora não daria, depois voltei em outro horário e ele me disse de novo que não daria, voltei de novo disse que não dava!!! Voltei outro dia e disse que não daria de novo! Aí e perguntei: - o que acontece de errado? Ele me respondeu: - você está com cara de estrangeiro e eu não corto cabelo de estrangeiro! – Daí fui em outro - e já cheguei falando que era estrangeiro e sujo! Daí não tive problema! Engrossei! Eu queria brigar com o outro mas como ele não saiu de dentro do salão eu não briguei!*

(Y. S., nissei, 64 anos)

Um terceiro ainda conta que:

*Explicava as coisas até para os japoneses! Eles se espantavam! Mas não valorizam não! Quando eles perdem, eles ficam quietos! Não valorizam a gente lá não! Eles não gostam que a gente saiba mais que eles! Eles gostam que você só responda o que eles perguntam, nada mais! Quando estava para voltar, eu comecei a falar mais – e falar o que eu queria! Mostrar que sabia das coisas!  
Eles não gostam que o inferior saiba mais do que ele! Eles fazem pouco caso de nós – ou não sei se querem me fazer de palhaço! Eu muitas vezes me recusei a responder coisas absurdas! Eles me perguntavam muitas vezes as mesmas coisas!  
(...) Eu acho que direito de falar todo mundo tem! Mas ninguém tem direito de ofender ninguém – de fazer pouco caso das pessoas! Não sei qual é a intenção deles ao fazer isto! Por isso eu sempre tentava dar respostas para que eles não se atrevessem a fazer pouco caso! Eu faço isso porque eu entendo japonês – eu sei quando eles estão com gozação!!*

(M. J., nissei, 67 anos)

Assim, o migrante sente na pele aquilo que a sociedade brasileira não lhe garante economicamente e que sociedade japonesa não lhe confere politicamente pela condição de estrangeiro, mesmo que legalmente instalado. E, além do aspecto legal, por não terem os mesmos direitos de cidadãos japoneses, a sociedade japonesa ainda

discrimina o *dekassegui* pelo tipo de trabalho que realiza. Sayad (2000) afirma que a presença deslocada do imigrante lhe obriga a aceitar a sua exclusão política da sociedade. Os imigrantes por serem considerados apenas portadores da força de trabalho para o capital, são revestidos de uma neutralidade política, perdendo o direito de exercer sua cidadania em qualquer lugar onde estiverem.

*A imigração é centralizadora politicamente, ela é despojada de sua natureza política pela extrema tecnicização da qual ela é objeto; ela não é senão um instrumento, uma técnica a serviço da economia e não outra função.*

(SAYAD, 2000, p.22)

Vainer comenta que:

*Não podemos, afinal, esquecer que, se a emigração denuncia a sociedade e o Estado de origem, não é menos verdade que ela denuncia, também, a sociedade e o Estado receptores. Como põe a nu, num mundo contemporâneo que se quer globalizado e sem fronteiras, relações assimétricas entre Estados nacionais que, transpostas para a experiência quotidiana dos imigrados, são vividas como discriminação, exploração e dominação.*

(VAINER, 1996, p. 50)

Santos explana o seguinte:

*A noção tradicional de Estado empalidece nas condições político-econômicas do período tecnológico; comando da economia mundial à escala mundial; política internacional fundamentada em interesses econômicos a curto e a longo prazo; desconhecimentos das verdadeiras riquezas nacionais pela maior parte dos países; papel das minorias no interior de cada região; insatisfação crescente das populações principalmente das populações pobres, provocada contraditoriamente pelas condições do sistema atual. Tudo isso contribuiu ao mesmo tempo para retirar do Estado uma parcela importante de suas funções, de sua força, mas também fazem dele um instrumento indispensável.*

(SANTOS, 1980, p. 179)

Desta forma, o Estado capitalista deve ser entendido como um agente regulador do capital e não como um aparelho que deveria zelar pelo bem estar social, uma vez que não atua enquanto um instrumento capaz de regulamentar, em favor dos trabalhadores, a situação em que se inserem os migrantes nos países de destino.

O Estado se reveste de uma falsa neutralidade, mas atua na busca de garantias para a facilitação da (re)produção do capital, sendo que possui instrumentos e ações pertinentes com tais determinações. Sendo assim, percebemos que o Estado capitalista, que permite uma interpenetração entre as esferas econômicas e políticas, auxilia e cria melhores condições para a (re) produção do capital, pois, mesmo não aceitando que a convivência com os estrangeiros, regulamenta a Lei de imigração de 1990, que permite que o *issei* possa ter um visto para o trabalho de três anos, com direito a renovação, com o intuito de atender as pressões do setor produtivo japonês que necessitava de mão-de-obra.

Concordamos com Yoshioka quando afirma que,

*As leis de imigração, por outro lado, são elaboradas e aprovadas de acordo com o interesse do capital, no passado representado pelos cafeicultores do estado de São Paulo. A mesma lógica se aplica no sentido inverso, para o capital industrial, no qual o Estado é mero coadjuvante nessa farsa do agente aplicador da justiça, para reduzir o conflito entre o capital e trabalho.*

(YOSHIOKA, 1995. p. 163)

O autor acima citado ainda sugere algumas formas para se resolver ou amenizar o referido problema, onde afirma,

*Nestes tempos em que as fronteiras são meras demarcações, desrespeitadas a todo momento, quando se fala na divisão internacional do trabalho, nada melhor que a universalização do sistema previdenciário, da contagem recíproca de tempo de serviço e de outras conquistas dos direitos humanos.*

(YOSHIOKA, 1995. p. 165)

Porém, o que se verifica na tendência mundial das políticas neoliberais é a desregulamentação progressiva dos direitos, previdenciários e trabalhistas, o que revela que este problema tende a se perpetuar, garantindo as vantagens à (re)produção do capital em detrimento dos trabalhadores, sobretudo, dos estrangeiros, que em tempos “pós -11 de setembro” passam a ser, “legalmente” discriminados, como verificamos nas recentes práticas do governo estadunidense.

Assim, compreendemos que o trabalhador *nikkei* se insere no mercado de trabalho japonês, para realizar trabalhos pouco qualificados e temporários e ainda que ganhem bons salários, comparados ao padrão salarial brasileiro e sejam descendentes de

japoneses, não perdem a característica de mão-de-obra estrangeira e desqualificada e que só está inserida naquele mercado devido a carência deste tipo de trabalhador, desta forma, tendo que se sujeitar à falta de direitos de aposentadoria, de seguro saúde etc, que não lhes são atribuídos e, ainda, ao preconceito da sociedade local.

#### 4.5.2. A familiarização com o país

O Japão, ainda que seja um país com o qual os descendentes possuem alguma relação, pelo fato de ser a terra de seus antepassados, é um país muito diferente de tudo aquilo que o *nikkei* está acostumado. Desta forma, o *dekassegui* parte rumo a uma terra da qual só possui informações veiculadas pela mídia ou, ainda, através de relatos de seus parentes, no entanto, o Japão deixado por estes no início do século está muito distante do atual. Assim, os trabalhadores nos contam que:

*Meu pai veio pequeno do Japão, e meus avós falavam muito pouco, porque moravam em cidade do interior, hoje a modernização lá já ocorreu rápido, então não dava para comparar, além da cultura e da educação. A gente falava assim: o Japão é um país milenar de 50 anos, porque eles fizeram tudo pós-guerra, então a modernidade, a cidade limpinha, e a educação do povo é tudo novidade.*

(S. O., *nissei*, 48 anos)

*O Japão mudou muito. Na época que imigrei para cá o Japão estava iniciando o crescimento, não tinha muito serviço, agora qualquer canto é cheio de indústria, quando eu imigrei para cá não era assim, tinha algumas fábricas grandes. Estranhei bastante isto, cheguei em Tóquio e o movimento é muito rápido, é muito grande, assustei.*

(T. N., *issei*, 58 anos, veio para o Brasil em 1973)

Assim, percebemos que por mais que os *dekasseguis* tentem se informar sobre o novo país antes da partida, algumas coisas lhes chamam a atenção ao chegar ao Japão, como podemos perceber através dos comentários de mais três entrevistados:

*Eu achava que era de um jeito. Achava que era tudo como Tóquio, não sabia de como era o interior!!! O jeito do povo!! É muito mais avançado - mas ao mesmo tempo é bem diferente do que a gente tem.*

*É bem parecido com tudo que tem de moderno hoje no mundo todo!! Mas guarda os traços da cultura milenar!!!*

(F. K., sansei, 25 anos)

*Nunca tinha ido ao Japão. Quando cheguei lá achei que era pior que favela, do que a favela do Rio!! Os prédios são de concreto, mas as casas (sobrados) são de madeira com mais de cem anos!!! Pretas de velhas, finas - quase favela!!!! Uma primeira impressão não boa!!!!*

(Y. S., nissei, 64 anos)

*O que mais me causou surpresa foi ver tanta área verde, tanta plantação de arroz, porque eu tinha uma idéia bem futurista do Japão, com muita luz, e me decepcionou muito isto, porque só Tóquio era como eu pensava as ruas lá não são iluminadas como aqui.*

(A. P. T., sansei, 26 anos)

Neste sentido, os *dekasseguis* nos apresentaram as maiores diferenças que puderam perceber entre o Brasil e o Japão, como podemos verificar na tabela a seguir:

Tabela 16. Diferenças entre o Brasil e Japão apontadas pelos entrevistados

Diferenças	Entrevistados	Percentual
Cultura	8	17,78
Organização e horários rígidos	7	15,56
Economia	6	13,33
Segurança	6	13,33
Educação	5	11,11
Hábitos e aparências das pessoas	4	8,89
Limpeza dos espaços públicos	4	8,89
Menor diferença social	2	4,44
Modernidade/tecnologia	2	4,44
Tamanho do país	1	2,22
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100,00</b>

Ressaltamos que a soma é superior ao número de entrevistados pelo fato de alguns terem elencado mais de uma diferença

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Ressaltamos que, para superar a saudade do Brasil e ajudar no processo de familiarização com aquele país, muitos estabelecimentos comerciais com produtos brasileiros estão surgindo no Japão, sem contar os caminhões que circulam semanalmente pelas cidades menores, onde há uma certa concentração de brasileiros para vender os produtos da terra natal. Estes trazem de tudo: enlatados, sucos, bolachas,

produtos nacionais que faziam parte do cotidiano das pessoas no Brasil. Os *nikkeis* afirmam que a presença deste tipo de comércio ajudava a minimizar, pelo menos no sentido do consumo, a saudade do Brasil. Sendo assim, muitos brasileiros, de empregados no Japão, passaram a se tornar pequenos empresários do ramo comercial, como comenta Kawamura:

*É significativa a presença de brasileiros nesse espaço periférico da economia japonesa, não só como empregados, mas também como pequenos empreendedores, os quais conseguiram incrustar na sociedade japonesa não só o objeto cultural, mas a maneira peculiar de utilizá-lo. Assim, por exemplo, os mercadinhos, restaurantes, as casas de samba, os serviços de cabeleireiro e manicure repetem a mesma coreografia dos similares no Brasil.*

(...)

*Alguns migrantes brasileiros chegaram mesmo a aproveitar as brechas da economia informal, em expansão no mundo, para montar suas barraquinhas de vendas de produtos artesanais, bugigangas etc, nas ruas de grandes centros urbanos.*

(KAWAMURA, 1999, p. 103)

Entretanto, ainda que haja este aparato comercial para dar estrutura aos *dekasseguis*, todos manifestaram que no início, a saudade do Brasil e dos entes aqui deixados é muito grande, sendo que, em muitos momentos, a vontade de largar tudo e vir embora era muito grande, como podemos observar nas falas dos entrevistados:

*Claro que sofre, porque você sai daqui em uma situação e chega lá em outra, você tem que carregar peso, você tem que fazer serviço de operário. Eu não tinha vontade de voltar, eu tinha vontade de chorar, bate o sentimento de saudade do pessoal que você deixou aqui.*

(D. N., *sansei*, 37 anos)

*O que mais doía era a saudade! Quando cheguei estranhei, comecei a pensar: 'O que estou fazendo aqui! Aqui não é o meu lugar! Mas temos que por na cabeça: Vim para trabalhar, ganhar dinheiro e voltar'. Tem dias que chega a dar tremedeira de vontade de voltar! A vontade de vir embora é muita! Chorei muito, durante uma semana inteira!*

(A. H., *sansei*, 24 anos)

Assim, percebemos que a questão afetiva, ocasionou muitas dificuldades no período em que os *nikkeis* se encontram no Japão, sendo que os primeiros meses são os cruciais até ocorrer uma certa adaptação. Sendo assim, para não se sentirem tão

isolados, os *dekasseguis* costumam manter contato com as pessoas aqui deixadas através de cartas e telefonemas. A tabela a seguir nos mostra quais as formas e a frequência com que os *dekasseguis* costumavam se comunicar.

Tabela 17. Formas e frequência de contato dos *dekasseguis*

Alternativas	<i>Dekasseguis</i>	Percentual
Cartas e telefonemas (sem periodicidade)	6	19,35
Telefonemas (uma vez por semana)	11	35,48
Telefonemas (duas vezes ao mês)	8	25,81
Telefonemas (uma vez ao mês)	4	12,90
Migrou com a família*	2	6,45
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

\* Os *dekasseguis* que migraram com a família praticamente não mantinham contato com pessoas do Brasil, apenas para alguma necessidade ou com pessoas de parentesco mais distante.

Percebemos, com a tabela que duas pessoas disseram ter viajado para o Japão com toda a família, ou seja, as pessoas mais próximas a quem telefonariam ou de quem sentiram mais falta, estavam juntas, trabalhando no Japão. Desta forma não havia uma frequência de contatos com os amigos e parentes deixados no Brasil.

A saudade dos amigos e familiares que ficaram no Brasil, se agrava ainda mais quando os *dekasseguis* não conseguem novas amizades no Japão; são comuns os casos de depressão e suicídios ocorridos no Japão por conta da carência e isolamento a que os *nikkeis* se submetem. Os entrevistados ainda comentaram que o relacionamento com os japoneses é muito frio e as relações que desenvolvem com os *dekasseguis* brasileiros são muito superficiais, pois afirmam que estes, no Japão, se tornam muito egoístas e extremamente materialistas. Sendo assim, comentam que:

*A maioria dos brasileiros que vão para o Japão se tornam egoístas, fazem de tudo para subir na empresa, tentam agarrar o seu com unhas e dentes! Não importa se é parente ou amigo! Eu sentia muita falta de amigos e da família! Não tinha muita relação de amizade*  
(E. N., *sansei*, 32 anos)

*Fora do trabalho a gente não tinha contato com ninguém, não tem o pós serviço, que nem nós aqui, ir no barzinho tomar uma cerveja não tem nada disto. Não tem relação de amizade, pelo menos eu não tive com eles, aí no dia a dia dentro da empresa a gente conversava, mas*

*acabou o expediente é cada um pro seu lado. As amizades ficavam restritas ao serviço. Porque japonês não tem o costume de convidar para ir à sua casa, no máximo vai com você a um bar. Fiz amizades com poucos, mas tudo brasileiro.*

(S. O., nissei, 48 anos)

*Tive problemas de relacionamento! Os brasileiros são o povo mais desunido dos estrangeiros e os mais egoístas, principalmente lá! Isso gerava desavenças, mas era passageira!! Os brasileiros querem ficar somente pensando em melhores salários, em melhores cargos, montam em cima dos outros! Os brasileiros lá se transformam! Eu já tive problemas com os japoneses! Eles são muito falsos! Quando você pensa que eles estão te tratando bem, eles te ferram por trás!! Eu nunca tive amigos lá! Somente colegas!*

(H. A., sansei, 28 anos)

Outra *nikkei* em entrevista ao jornal Folha de Londrina, fala sobre a saudade que se sente quando se está numa terra que possui costumes tão diferenciados, onde se esperava que o tratamento dispensado aos *dekasseguis* fosse de receptividade, uma vez que são de descendência nipônica, mas, decepcionados, eram tratados como estrangeiros e isto causava uma certa decepção:

*É complicado separar os dois lados. O sofrimento envolve não apenas o trabalho braçal, o cansaço físico. A saudade dos amigos e familiares nos faz continuar chorando por muitos meses. É quando se conhece o verdadeiro significado da carência afetiva. (...) Havia dias em que o desespero, a vontade de vir embora batia de uma forma tão violenta que eu tinha a impressão de que não agüentaria por muito tempo. A vontade era largar tudo e voltar. Creio que uma das piores passagens foi esta saudade e o enorme preconceito enfrentado numa terra de estranhos. Dificuldade maior foi deparar com uma realidade desconhecida, que mostrou-se completamente diferente de tudo o que eu imaginava.*

(...)

*O japonês sabe distinguir um gaijin (estrangeiro) entre uma multidão. Mesmo depois que eu aprendi a conversar, não houve como escapar do desprezo em relação aos estrangeiros. Eu tenho cara de japonesa, tenho nome de japonês, falo japonês. Mas sou brasileira. Meu modo de andar, de me vestir, de me portar, de agir são típicos da minha terra.”*

(Estela Midori Matsumoto, em entrevista à Folha de Londrina, p. 4, 6 de setembro de 1998)

Assim, percebemos que mesmo tendo se informado sobre o novo país antes da partida, mesmo tendo um pouco de conhecimento da língua, a convivência com as outras pessoas no Japão é muito complicada, dificultando ainda mais no processo de adaptação dos brasileiros naquele país e confirmando ainda mais o caráter temporário da migração.

#### 4.5.3. A adaptação ao Japão.

Tanto como a emigração, a imigração também não ocorre sem deixar marcas; afinal, o imigrante, tendo que viver em outras terras, em uma outra sociedade, precisa a elas se integrar e por menos que queira, precisa assimilar um pouco da cultura deste país, deixando por vezes, de lado, suas concepções, para viver de forma (aparentemente) harmoniosa entre eles. Não só o migrante tem que se adaptar à terra de destino, mas, também, aquele país acaba por sofrer algumas transformações com a chegada de muitos imigrantes. Um exemplo disto é a infinidade de lojas existentes no Japão, geralmente de propriedade de brasileiros, que vendem produtos do Brasil, facilitando, desta forma, a estadia dos brasileiros no Japão, como já comentado anteriormente. Sayad comenta que,

*Assim como a ausência, a presença também tem seus próprios efeitos. Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos seus efeitos.*

(SAYAD, 2000, p. 14)

Através desta passagem de Sayad, podemos afirmar que os *dekasseguis* também acabam por influenciar na vida social do Japão e são comuns relatos de casais comentando que os japoneses estranhavam quando estes trocavam beijos ou andavam de mãos dadas, mas que hoje, os próprios japoneses já estão mais afetivos e deixando transparecer mais suas emoções. Os entrevistados nos contam que:

*Agora percebo que mudaram muitas coisas desde a primeira vez que fui! As coisas mudaram com a chegada dos brasileiros, as pessoas se tornaram mais receptivas, o que não costumam fazer com estrangeiros! Há uma interação maior! Eles sabem muito mais do Brasil, da Amazônia, do carnaval! Muito mais do que há 15 anos atrás!! Antes me perguntavam se tinha índio na região onde eu morava! Perguntavam como nós nos locomovemos no Brasil (de carro oras). Cada pergunta absurda que hoje não existe mais, pois eles passaram a ver mais na tv e ter mais contato com os brasileiros. (E. N., sansei, 32 anos, a primeira vez que estive no Japão foi em 1991)*

*Noto que o brasileiro levou muita alegria para o Japão, muita descontração, muita abertura para a sociedade japonesa, porque os brasileiros são muito alegres, onde tem gritos, tem bagunça (no bom sentido) são brasileiros. Se você vai numa reunião, onde estão dando risadas mais alto é brasileiro, eles são muito fechados (os japoneses), não o jovem que hoje é diferente, ele está bem americanizado, mas no geral os japoneses são meio tímidos, mais quietos, não fazem aquela bagunça que nós fazemos com descontração, alegria, manifestações. Acho que o japonês está aprendendo muita coisa boa neste sentido com o dekassegui brasileiro.*

(J. K., nissei, 58 anos)

Assim, os *dekasseguis* brasileiros, procuram viver da melhor forma possível naquele país, trabalhando muito - passam de 10 a 12 horas no emprego – privando-se do conforto - porque vivem em pequenos alojamentos ou apartamentos - procurando gastar o menos possível - para poder acumular o máximo e trazer para o Brasil – mas, procuram não abdicar da sua cultura, dos seus costumes e principalmente do bom humor característico ao brasileiro.

#### 4.5.3.1. Os alojamentos

Quando chegam no Japão, os *dekasseguis* são levados aos alojamentos das empreiteiras. Estes, em geral, são pequenos e divididos com mais pessoas. No entanto, os *dekasseguis* podem optar por alugar apartamentos por conta própria, arcando, portanto, com despesas maiores, já que os preços dos aluguéis de moradias locadas pelas empreiteiras, em geral, são irrisórios considerando o salário que recebem naquele país. Geralmente, quem aluga apartamentos por conta própria são casais, ou famílias que não estão dispostas a dividir sua casa com pessoas estranhas. Um entrevistado nos conta como eram as condições de moradia no Japão.

*Nós morávamos num apartamento pequeno, porque no Japão tudo é pequeno, apartamento de quarto, sala, cozinha e banheiro, pagava 700 dólares. Naquela época você não tinha muita opção, ou você alugava por conta própria, ou você se sujeitava a morar no apartamento da empreiteira. Mas na segunda vez eu fiquei no alojamento da empreiteira, porque daí eu já não estava preocupado com o luxo, porque eu fui sozinho, e vinha descontado do salário - uns 300 dólares, bem mais barato, mas era menor também.*

(D. N., *sansei*, 37 anos – esteve duas vezes no Japão sendo que a primeira vez levou a esposa e os filhos e na segunda viajou sozinho)



Foto 3. Exemplo de alojamento mantido por empreiteira. Shiga-Ken – Japão.  
Autor: P. Tukazaki, 1989.

A tabela a seguir nos informa os tipos de moradias alugadas pelos *nikkeis* no Japão.

Tabela 18. Tipos de moradias no Japão

Tipos de moradias	Entrevistados	Percentual
Alojamento das fábricas ou da empreiteira	17	36,17
Apartamento alugado pela empreiteira	16	34,04
Apartamento alugado por conta própria	7	14,89
Hospital	5	10,64
Contêiner	1	2,13
Carro	1	2,13
Total*	47	100,00

\*Ressaltamos que a soma é superior ao número de entrevistados pelo fato de alguns terem realizado mais de uma migração ou por terem mudado de emprego e arrumado outra forma de moradia.

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina-PR, 2002

Constatamos, com as entrevistas, que existem várias formas de se alugar um imóvel no Japão, no entanto, 72,2% destes são alugados por intermédio da empreiteira a qual desconta do salário dos *dekasseguis* o valor do aluguel e das despesas com água, luz e gás. A opção de se dividir o apartamento com mais pessoas ajuda a minimizar os gastos que se tem no Japão uma vez que os *dekasseguis* se encontram naquele país almejando uma poupança. Com uma matéria sobre a divisão de quartos no Japão, o jornal Nippo Brasil, colabora com os fatos evidenciados na pesquisa:

*Vivendo no país com o custo de vida mais caro do mundo e com a economia em queda livre, muitos brasileiros estão revendo a lista de gastos domésticos. Um dos itens que mais compromete o orçamento é o aluguel, que consome, em muitos casos, 40% do salário, principalmente feminino. "Só tinha dinheiro para as despesas", queixa-se Edna Sakamoto, 27, de Iwata (Shizuoka), que decidiu dividir o apartamento, alugado por conta própria, com mais duas amigas, transformando em uma espécie de república. Com isto, sobra um extra para o lazer e mandar dinheiro ao filho no Brasil*

(Jornal Nippo Brasil, edição 155)

Podemos observar, também, que cinco pessoas trabalharam em hospitais ou como acompanhantes de idosos e doentes; nestes casos, os trabalhadores acabam dormindo no hospital ou residindo na casa das pessoas que os contrataram, no entanto, quando o contrato é finalizado ou quando gozam de férias, permanecem no alojamento da empreiteira até arrumarem novos empregos ou retornarem das férias.

Ainda podemos analisar dois fatos isolados: o primeiro de uma pessoa que vivia dentro de um contêiner; este entrevistado relatou que esta forma alojamento era muito comum no Japão, uma vez que lá, os espaços são muito pequenos:

*Eu morei num contêiner, só que era térreo, e tinha mais ou menos dois e meio por sete, por 2,5 de altura, era uma casa-conteinêr. Isto é comum porque moradia no Japão é um problema E a empreiteira para resolver este problema, como eles já mexiam com pré-moldados, era fácil, então ela fez vários e morava ou casal, ou no máximo dois. Eu tinha um companheiro, tinha um quarto, lavanderia e cozinha, tudo junto, a única divisão era o banheiro. Eu fiquei bem acomodado, porque mesmo sendo um contêiner era todo equipado, com ar condicionado, porque a região era muito fria, e era novo, água quente, chuveiro, tudo.*

(S. O., nissei, 48 anos)

A outra situação foi a de um entrevistado que morou dentro de seu carro porque estava passando por um período de crise, havia perdido o emprego e não tinha como pagar aluguel, e a solução que encontrou foi a de dormir dentro do carro, em lugares tranquilos e tomava banho na lavanderia.

Assim entendemos que:

*A moradia, em particular, traz ao trabalhador brasileiro, experiências de várias ordens: desde as instalações físicas, as regras de convivência até as relações informais. Em geral, os brasileiros vivem em bairros periféricos das cidades, onde predominam moradias em condições bastante precárias devido aos preços inferiores dos aluguéis, e convivem com moradores geralmente arredios e estrangeiros.*

(KAWAMURA, 1999, p. 151)

Este novo estilo de vida a que o *nikkei* se submete só se torna aceitável pelo fato de estarem no Japão numa condição de trabalhador temporário, ou seja, estes sabem que terão de passar por algumas mudanças na sua concepção de moradia tendo de se adaptar aos padrões japoneses (vide foto 4) e, às vezes, admitindo perder sua privacidade para poderem economizar mais. Klagsbrunn, sobre este fato, afirma que:

*É o mesmo espírito de tudo sacrificar, por pouco tempo, que leva os imigrantes a aceitarem empregos que os naturais não aceitam e a viver sob condições muito precárias, dividindo espaço com muitos companheiros em quartos apertados de pensões ou em apartamentos minúsculos.*

(KLAGSBRUNN, 1996, p. 39)



Foto 4. Exemplo de apartamento alugado por *dekasegui*.  
Ibaraki-ken - Japão  
Autor: A. P. C. Tukazaki, 1997.

Assim, percebemos, que a condição de moradia é mais uma das situações a que os *dekaseguis* precisam se adaptar, uma vez que estão acostumados com os padrões de casas brasileiras, que em geral são mais espaçosas.

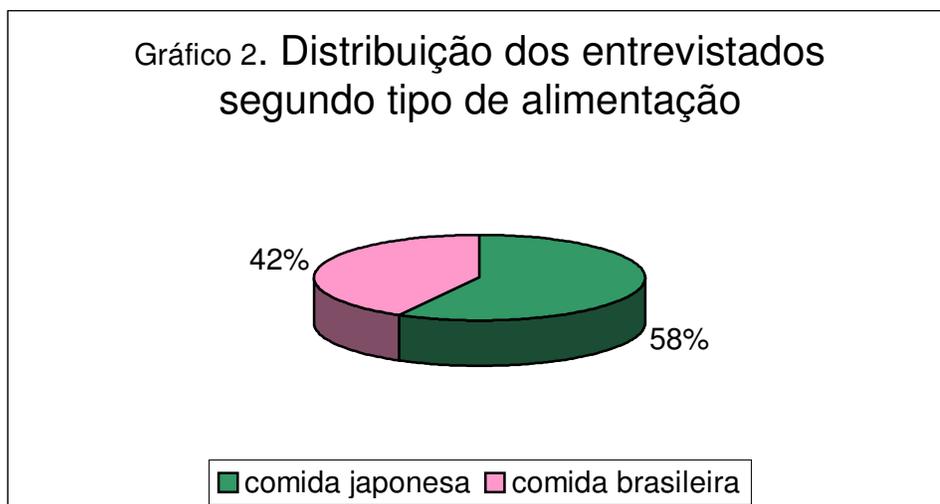
#### 4.5.3.2. Os hábitos alimentares

A adaptação à culinária japonesa também foi um processo pelo qual os *dekaseguis* tiveram de passar, principalmente, no início dos anos de 1990, quando os estabelecimentos comerciais com produtos brasileiros eram raros exigindo, portanto, que se alimentassem dos produtos japoneses. São comuns os casos de pessoas que emagreceram muito no Japão, por não se adaptarem a culinária japonesa.

*Eu não era acostumado com a comida japonesa! Quando cheguei eu tinha 82 Kg e seis meses depois, eu pesava 59 Kg!!! Mas depois que eu acostumei melhorou!!!*

(H. A., *sansei*, 28 anos)

No gráfico a seguir podemos verificar como os *dekasseguis* se alimentavam no Japão.



Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Detectamos, assim, que 58,1% dos entrevistados estavam habituados a culinária japonesa e não buscavam os produtos brasileiros para suas refeições. Dentre estes também estão aqueles que chegaram no Japão no início da década de 1990, quando não havia muitos produtos do nosso país e quando havia era só nos grandes centros, ou em cidades em que havia maiores concentrações de *nikkeis* brasileiros e possuíam um valor muito alto quando comparado aos produtos nacionais daquele país.

Mesmo as pessoas que diziam apreciar a culinária japonesa afirmaram estranhar um pouco a comida daquele país, uma vez que é mais adocicada do que a comida “japonesa” feita em restaurantes no Brasil ou daquela, feita em casa pelos pais ou avós.

A comida servida nos refeitórios das fábricas era a japonesa, desta forma, aqueles que não apreciavam esta culinária, costumavam cozinhar em casa e levar marmitas para o trabalho, já que o horário de almoço é de apenas 45 minutos impossibilitando, assim, que estes voltassem para a casa na hora do almoço. É uma prática comum entre os *dekasseguis*, de preparar mais comida na hora do jantar para que pudessem preparar as marmitas para o almoço do dia seguinte. Assim, não precisariam acordar mais cedo para cozinhar e, tampouco, comer a comida dos refeitórios. Uma *nikkei* nos conta que:

*Eu fazia a comida em casa e levava marmita, porque eu não conseguia comer a comida de lá, porque era muito adocicada, eu fazia comida brasileira, gostava de fazer feijão, o arroz solto, bife que a gente encomendava.*

(L. H., sansei, 37 anos)

Portanto, quanto a alimentação, os *dekasseguis* conseguiam estar se adaptando, seja comendo a comida japonesa e aprendendo a gostar desta, ou cozinhando em casa com produtos brasileiros, situação esta que ficou mais fácil quando começaram a surgir estabelecimentos comerciais relacionados e vinculados aos brasileiros no Japão, já que, segundo as entrevistas, são raros os japoneses que consomem os produtos destes tipos de estabelecimentos.

#### 4.5.3.3. A diversão no Japão

Para conseguirem economizar e fazer uma poupança para quando retornarem, ao Brasil, os *dekasseguis* trabalham muito, realizam muitas horas extras, fato que lhes tira quase todos os seus momentos de lazer. No entanto, os entrevistados relataram que nos seus dias de folga, que geralmente acontecem aos domingos, procuram estar se distraindo, freqüentando shoppings ou visitando centros maiores. E, nos períodos de férias, que se resumem a três semanas distribuídas em meses distintos, procuram viajar e conhecer algumas cidades, ou seja, procuram se divertir, realizando um turismo pela terra de seus antepassados.

Entre os entrevistados, 58,2% realizaram algumas viagens para conhecer o Japão; o meio mais utilizado para estas é o trem comum e, também, o trem bala, ainda há aqueles que se agrupam com amigos e alugam peruas para ir às praias, parques etc; o que não são considerados passeios muito caros e, com isso, eles podem conhecer um pouquinho da terra onde nasceram seus ancestrais.

*‘Quase não tinha folga. Trabalhava dois meses inteirinhos. Aí tinha um dia de folga!! Quase os 3 anos inteiros. De janeiro a dezembro.*

*Só que em 1990 eu tirei um mês de férias, foi quando eu fui visitar meus parentes em Hokkaido. Viajei e passeei. Depois disso não passeei mais. Só quando era muito pertinho!!!”*

(K. N., issei, 72 anos)

Há entre os *dekasseguis*, aqueles que preferem não viver com tantas restrições no Japão e aproveitam que estão num país diferente para passear e conhecer o máximo de lugares possíveis, tentando ter um pouco mais de lazer ao contrário de ficar somente se dedicando ao trabalho. Percebemos, porém, que esta é uma característica que está relacionada ao comportamento dos mais jovens, porém todos os entrevistados afirmaram que no período que ficaram no Japão, aproveitaram, mesmo que de uma forma econômica, para tentarem conhecer um pouco daquele país. Como podemos verificar através dos comentários dos entrevistados:

*“Nossas despesas eram altas porque a gente passeava muito, a gente não se dava o direito de só trabalhar e guardar dinheiro, a gente passeava, descontraía bastante nas horas vagas”.*

(A. P. T., sansei, 26 anos)

*“A gente sempre fazia churrascos nos finais de semana, eu arrecadava dinheiro do pessoal e comprava carne, cerveja, depois a gente passava o final de semana (sexta, sábado, domingo) na beira de rios ou ia a parques fazendo churrasco, tocava violão. Todo final de semana fazíamos churrascos, comia mais carne lá do que aqui no Brasil . Nos feriados a gente ia à praia, acampávamos com os amigos brasileiros. E quando a gente recebia o salário jantávamos em restaurantes”.*

(S. I., sansei, 27 anos)

Assim, percebemos entre os *dekasseguis*, que alguns conseguem estar conciliando o prazer e o trabalho no Japão, não permitindo que sua estada naquele país não seja tão sacrificante e que além do dinheiro eles possam trazer em suas bagagens a experiência de ter conhecido um lugar atraente e cheio de novidades.

#### 4.5.3.4. Os estudos no Japão.

Dos entrevistados que partiram para o Japão sem concluir os estudos no Brasil nenhum continuou a estudar naquele país. No entanto quatro *nikkeis*, levaram filhos pequenos que freqüentaram escolas no Japão.

Eles nos contaram que as crianças não tiveram muitas dificuldades na adaptação aos estudos e acabaram por aprender as duas línguas. Uma das entrevistadas nos contou que seu filho de sete anos servia de intérprete para ela e se destacou na escola, recebendo até uma cartinha da escola que o parabenizou. Porém, quando voltaram ao Brasil, ele sentiu dificuldades nos estudos aqui; ela nos contou que:

*‘Eu fui em 1996 e fiquei até 2000 (4 anos diretos) des sa vez, fui com as crianças (o mais velho com 7 e a mais nova com 1 mês). Meu filho logo que chegamos já entrou na escola, entrou na 1ª série e ficou até a 4ª série, saiu alfabetizado em japonês (lê, escreve e fala fluentemente). Quando a gente voltou teve muitos problemas, pois não conhecia nem a cultura do Brasil, sabia a língua porque praticava em casa, mas tinha muitas dificuldades nas disciplinas de geografia, história, verbos, principalmente dificuldades com o português. Ele não teve problemas de adaptação com os amigos na escola, foi para uma escola pública e se adaptou com crianças normalmente.’*

(E. N., *sansei*, 32 anos)

A entrevistada nos contou que a filha mais nova também freqüentou a escola e aprendeu a língua, mas dois anos depois de voltarem ao Brasil, já havia esquecido tudo, diferente do filho mais velho que sabe a língua até hoje.

Quando perguntado se as crianças sofriam algum tipo de discriminação na escola por serem filhos de *dekasseguis*, os quatro afirmaram que nunca tiveram problemas e que elas sempre gostaram de ir à escola. Uma outra entrevistada relatou que o relacionamento na escola para a filha sempre foi muito bom, tanto que ela não queria voltar ao Brasil para poder permanecer na escola com seus amigos.

No entanto, esta ainda não é a realidade de todas as crianças e adolescentes que partem com seus pais para o Japão, sendo que muitas destas permanecem sem estudar o tempo todo da permanência de sua família no Japão e quando retornam acabam por ficar atrasados nos estudos no Brasil.

## 5. OS SABORES E OS DISSABORES DA MIGRAÇÃO AO JAPÃO

A condição de migrante temporário é muito difícil, pois, além de ser obrigado a sair de seu lugar de origem e ter de enfrentar dificuldades de adaptação à nova sociedade, ainda é despojado de sua cidadania, perdendo todo e qualquer direito de reivindicação de seus direitos trabalhistas. Martins (1998, p.25), discorrendo sobre o migrante temporário afirma que *‘ó sujeito é obrigado a sair temporariamente para outro lugar em busca de meios de sobrevivência. É a forma mais dramática de migração, a migração temporária.’*

Os *dekasseguis*, então, deixam o país na perspectiva de trabalhar muito para ganhar e acumular uma quantia em dinheiro, para quando retornarem terem condições de montar seu negócio próprio, comprar um imóvel ou carro; que representam investimentos altos para os que estão em início de carreira, ou para os que estão passando por difíceis situações financeiras no Brasil, enquanto que, no Japão, em pouco tempo de trabalho são proporcionados rendimentos suficientes para contemplar suas expectativas. Porém, é através de trabalhos que exigem baixa qualificação, chamados pelos japoneses de 3Ks (*kitanai* – sujo; *kiken* – perigoso; e *kitsui* – penoso) e que hoje são chamados pelos brasileiros de 5Ks onde foram adicionados os termos *kibishii* (exigente) e *kirai* (detestável), que são rejeitados pelos japoneses e, também, do acúmulo de horas-extras que estes ganhos podem ser conquistados.

Os *dekasseguis* partem com a perspectiva do retorno, pensam em passar de três a cinco anos no Japão e retornarem com dinheiro suficiente para pagar suas dívidas<sup>9</sup>, adquirir bens ou empreenderem algum negócio próprio. Por isso, acreditamos que não se tratam de pessoas que desistem do país, mas que não vêem alternativas dignas de trabalho no país, e acabam partindo e regressando quando já estão muito cansados, sucateados, pelo trabalho muito desgastante que realizam em outros países. Sales (1995), colabora com o pensamento quando afirma que:

---

<sup>9</sup> Ressaltamos que em pesquisa realizada em 1998, também com os *dekasseguis* de Londrina, o motivo pagar as dívidas para a ida ao Japão, não era tão comum, como se apresentou nesta pesquisa. Isto mostra que alguns, que não partiram logo de início e permaneceram no Brasil, trabalhando aqui mesmo, por contrair dívidas com bancos ou com terceiros, e que agora, depois de todos os recursos esgotados partiram para o Japão, na perspectiva de recomeçar tudo quando retornassem, sem dívidas passadas a pagar.

*Na construção de uma nova ordem mundial marcada pela integração e pela flexibilização do mercado de trabalho, onde os imigrantes estrangeiros formam uma nova categoria de trabalhadores sujeitos às maiores explorações e falta de garantias trabalhistas básicas, o Brasil perde o bonde da história e se incorpora ao time dos países exportadores de mão-de-obra. São homens e mulheres jovens, com os quais o nosso precário Estado do Bem Estar gastou, de qualquer forma, em saúde e educação e que, no momento mais precioso de suas vidas, vão realizar um trabalho geralmente aquém de suas qualificações, envergonhados de sua condição clandestina.*

(SALES, 1995, p.6)

Na tabela a seguir, que trata do grau de escolaridade dos migrantes, podemos verificar que não partem apenas pessoas sem qualificação profissional, mas também, alguns com curso superior.

Tabela 19. Escolaridade dos *dekasseguis*

Escolaridade	Entrevistados	Percentual
Ensino Fundamental	7	22,58
Ensino Médio	15	48,39
Ensino Superior incompleto	2	6,45
Ensino Superior completo	5	16,13
Curso técnico	2	6,45
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Nas entrevistas, portanto, pudemos depreender que os *dekasseguis* mais jovens, que partiram antes de ingressarem ou concluírem um curso superior, se lamentam do tempo perdido, pois percebem que poderiam já possuir uma graduação, e, conseqüentemente, uma formação profissional mais consistente. No entanto, uma graduação, de pouco vale àqueles que se dirigem ao mercado de trabalho japonês, uma vez que lá exercerão funções pouco qualificadas, muitas vezes repetitivas e desgastantes

*Os trabalhadores são vendidos aos intermediários que, por sua vez, repassam-nos ao setor produtivo para serem espoliados ao máximo. Quando de sua exaustão são devolvidos ao país de origem, que os criou e lhes deu formação necessária para ingressarem no mercado de trabalho. Constata-se então que o investimento em educação apresenta-se altamente oneroso para a nação, penalizando*

*duplamente países que não tem condições de ofertar aos seus jovens, condições satisfatórias de emprego e salário.*

(ASARI e YOSHIOKA, 1996, p. 8)

Dos *dekasseguis* entrevistados, que partiram sem ter iniciado um curso superior, apenas dois ao retornarem, ingressaram em faculdades, e dois estão fazendo cursinho para prestar vestibular no próximo ano; os demais não tiveram disposição para retornar a estudar. Devemos destacar o fato de que 50% dos entrevistados possuem o ensino médio completo.

Assim, percebemos que o migrante parte iludido pela possibilidade de ganhar muito dinheiro em pouco tempo e a partida para o Japão, aparece como um catalisador dos anseios econômicos da população *nikkei*. Em entrevista realizada com os *dekasseguis*, todos manifestaram que permaneceriam no Brasil, caso tivessem oportunidades melhores e que só partiram por se tratar de uma última tentativa para resolução dos problemas e da concretização de uma vida melhor no Brasil, pois somente dois entrevistados disseram que gostariam de viver no Japão, porém, somente se pudessem estar lá com suas famílias e apenas um afirmou que voltará para o Japão para lá viver e fazer daquela sua pátria. Um entrevistado, que já esteve duas vezes no Japão, revelou que quando voltou pela primeira vez, montou uma empresa que não se adequou ao mercado, chegando a perder tudo o que tinha construído e faz a seguinte análise:

*Acho que aqui é o melhor lugar para viver ainda, só que aqui não tem muitas opções, precisa melhorar. O Brasil é o melhor lugar para morar, mas não para ganhar dinheiro, dá poucas condições, é preciso trabalhar muito. Não penso mais em voltar para o Japão. Da primeira vez que voltei e o negócio não deu certo, eu também não queria mais voltar, mas não tive outra opção, e tive que procurar alguma coisa mais rápido e lá era mais rápido, para eu me erguer novamente e começar tudo de novo. Mas agora não penso mais em voltar, para mim chega, tem que dar certo aqui, não tem mais segunda opção.*

(D. N. 37 anos)

Sendo assim, podemos verificar na tabela a seguir a média dos salários que os *dekasseguis*, entrevistados, recebiam no Japão, ressaltando que estes salários informados, já estão acrescidos das horas extras, que segundo os próprios, é onde conseguem, realmente, poupar dinheiro. Os entrevistados afirmam ter realizado muitas

horas extras - acima de três diariamente – recebendo 25% a mais sobre o valor do salário.

Tabela 20. Salário mensal recebido pelos *dekasseguis* no Japão

Faixa salarial (em dólar)	Entrevistados	Percentual
De 1000 a 1999	8	25,81
2000 a 2999	12	38,71
3000 a 3999	7	22,58
Acima de 4000	4	12,90
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Percebemos que a poupança conseguida pelos *dekasseguis* no Japão é de extrema importância para o mercado brasileiro, uma vez que estas quantias são remetidas ao Brasil e acabam por dinamizar o mercado, não só imobiliário, com a expansão da venda de imóveis, mas, também, dos negócios em geral, pois muitos investem em empresas, ainda que permaneçam no Japão. Nenhum produto de exportação consegue trazer tanto dinheiro para o país (Yoshioka, 1995). Em notícia veiculada no jornal Paraná Shimbun, de 15 de setembro de 1995, é afirmado que os *dekasseguis* remetem aos Brasil cerca de US\$ 800 milhões ao ano, o que equivale a oito vezes o orçamento disponível para o então Prefeito Municipal de Londrina, Luis Eduardo Cheida, realizar sua administração. Já o jornal Nippo- Brasil, de 17 a 23 de agosto de 2000, afirma que:

*As cifras provenientes dos rendimentos dos dekasseguis giraram, em 95, em torno de US\$ 2,4 bilhões. No ano seguinte, essa quantia teve um declínio caindo para cerca de US\$ 1,9 bilhão. E no primeiro semestre de 99, o valor enviado ao Brasil atingiu aproximadamente US\$ 1,1 bilhão. Vale lembrar, no entanto, que esses valores devem ser maiores, pois apesar do perigo de assaltos nos aeroportos, muitos ainda trazem inadvertidamente, dinheiro consigo na viagem de regresso.*

(Jornal Nippo-Brasil, 17 a 23 de agosto de 2000)

Percebemos com estas matérias de jornal que as informações sobre os valores que os *dekasseguis* remetem ao Brasil são bastante desconstruídas, não havendo

uma informação precisa, mas sabemos que as quantias enviadas são muito importantes para o mercado brasileiro, como já comentado acima.

Observamos que esta migração que se realiza apenas por descendentes de japoneses, possuirá sempre um caráter temporário e os migrantes serão considerados apenas trabalhadores contratados para atender a demanda de países desenvolvidos, caracterizando a exploração da força de trabalho pelo capital. Os trabalhos realizados pelos *dekasseguis* como tratado acima, geralmente se apresentam como pesados, perigosos e cansativos (vide foto 5, 6, 7 e 8).



Foto 5. Shiga-ken - Japão  
Autor: P. Tukazaki, 1994



Foto 6. Shiga-ken - Japão  
Autor: P. Tukazaki, 1994



Foto 7. Shiga-ken - Japão  
Autor: N. Tukazaki, 1994



Foto 8. Shiga-ken - Japão  
Autor: N. Tukazaki, 1994

Fotos 5, 6, 7 e 8. Exemplos de *dekasseguis* trabalhando em linhas de produção japonesa.

Na pesquisa realizada com os *dekasseguis* de Londrina, encontramos variadas funções que eram exercidas no Japão, como: -trabalhos pesados que necessitavam da força física, carregamento de sacarias ou trabalho na lavoura; - trabalhos que acontecem em indústrias de auto-peças, de peças para computador e na fabricação de *marmitex*, que são chamadas de *bentô*, em que as pessoas exerciam trabalhos repetitivos que lhes causavam muito cansaço, pois chegam a passar de dez a doze horas em pé, em volta das esteiras<sup>10</sup>; -trabalhos nos hospitais, onde as pessoas serviam de acompanhantes de enfermos; -trabalho de acompanhantes de idosos, sendo que os relatos de experiência neste tipo de trabalho demonstram que são causadores de um demasiado cansaço, não apenas físico, mas também mental, uma vez que os trabalhadores são responsáveis por cuidar de pessoas que, muitas vezes, possuem doenças em estágio terminal ou de pessoas que apresentam algum problema mental. Poderemos verificar abaixo, a tabela com as principais ocupações que exerciam os *dekasseguis* no Japão.

---

<sup>10</sup> Os que realizavam este tipo de serviço se queixaram que sentiam muita dor nas costas e nas pernas, e que este era um trabalho bastante penoso.

Tabela 21. Ocupação exercida pelos *dekasseguis* no Japão

Ocupações	Nº de respostas	Percentual
<b>INDÚSTRIAS</b>		
Peças para carros e motos	13	16,67
Produtos eletrônicos	11	14,10
Pão e Biscoitos	4	5,13
Prensa	4	5,13
Borracha	3	3,85
Embalagens para produtos cosméticos	1	1,28
Torno	1	1,28
Bicicleta	1	1,28
Tijolo	2	2,56
Ração para animais	1	1,28
Cotatos (aquecedores)	1	1,28
Zincagem	1	1,28
<b>ALIMENTAÇÃO</b>		
Fábrica de <i>tofu</i>	1	1,28
<i>Marmitex</i> (bentô)	6	7,69
Restaurante	1	1,28
<b>OUTROS</b>		
Construção civil	4	5,13
Transporte de materiais	3	3,85
Hospitais	5	6,41
Hotel	3	3,85
Tradutor	3	3,85
Lavoura e granja	4	5,13
<i>Arubaitos</i> (' <i>bicos</i> ')	3	3,85
Estação de esqui	1	1,28
Pintor de trator	1	1,28
<b>TOTAL</b>	<b>78</b>	<b>100,00</b>

Ressaltamos que a soma é superior ao número de entrevistados pelo fato de alguns terem realizado vários tipos de trabalhos no Japão.

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Percebemos, com a análise desta tabela, que os locais de trabalho e as funções exercidas pelos *dekasseguis* são variadas, sendo que os mais representativos são os empregos em fábricas de peças para carros e produtos eletrônicos. Outra ocupação que detectamos significativamente entre os *nikkeis* no Japão, é relacionada às empresas que fabricam e montam os *bentôs* (*marmitex*), onde os serviços encontrados vão desde a produção da comida, até a montagem e transporte dos *marmitex*. Outra função que

também se tornou muito comum, é a dos serviços em hospitais para cuidar de idosos e pessoas doentes, como já comentado anteriormente. Podemos verificar que ocorrem muito mais ocupações do que o número de pessoas entrevistadas e isto acontece pelo fato de que em cada viagem que realizam eles mudam de emprego e mesmo, quando estão no Japão, procuram novos empregos que sejam mais leves ou que possuam salários melhores.

Desta forma, mais uma vez, podemos perceber e ressaltamos, que nem tudo são flores na vida dos *dekasseguis*, sendo que, por mais que estes retornem com algum dinheiro ao Brasil, os momentos que passaram no Japão, foram muito difíceis, pois são tratados como estrangeiros e, em tal condição, a descendência japonesa que é exigida como pré-requisito para ingressar no mercado de trabalho no Japão, não lhes garante privilégios ou quaisquer melhorias nas condições de trabalho e de vida – sendo apenas, estrangeiros e enfrentam muitas dificuldades como a seguir são elencadas:

- Os entrevistados revelaram a existência de uma competição entre os próprios *dekasseguis*, o que causa consideráveis constrangimentos, afinal, já estão fora do país de origem e se encontram demasiadamente debilitados pela falta de afeto.
- Outra dificuldade relatada remete aos problemas com as empreiteiras, que muitas vezes não lhes informam corretamente sobre o serviço que vão realizar, o que causa uma certa decepção quando chegam em seus lugares de trabalho, onde se deparam com uma realidade mais dura do a que imaginavam antes da migração.
- Há, ainda, aqueles que passam pela desestruturação familiar, pois partem, deixando suas casas, e por motivos relacionados à carência afetiva, terminam constituindo novas famílias.
- Um problema que aparece de forma bastante preocupante está relacionado ao efetivo de brasileiros que estão ficando desempregados e que passam por grandes dificuldades financeiras, sendo obrigados a morar de forma precária, a se alimentar às custas de doações e, em muitos casos, a roubar. Esta é uma situação que iremos abordar em momento posterior, quando trataremos da recente crise da economia japonesa.

Somente um caso que diz respeito às sérias dificuldades passadas no Japão, foi detectado empiricamente em nossa pesquisa, pelo motivo de que as pessoas

que enfrentaram problemas mais graves, dificilmente se dispõem a conversar; desta maneira, recorreremos às informações trazidas pelos jornais que divulgaram os fatos na época da ocorrência. A seguir, estaremos trazendo alguns trechos de jornais de problemas enfrentados pelos *dekasseguis* no Japão.

Em entrevista concedida à Folha de Londrina, uma família relatou as dificuldades pelas quais passou logo que chegaram ao Japão. Tinha partido com a promessa de emprego garantido, para a mãe e a filha mais velha, com um salário quase dez vezes superior ao que recebiam no Brasil, alojamento e escola garantida para as duas filhas menores. Relatam o seguinte,

*Sáímos do Brasil entusiasmadadas em fazer uma poupança e comprar uma casa”, conta Ilsa. O sonho começou a virar pesadelo no aeroporto de Tóquio. “Assim que desembarcamos, o agente da empresa japonesa associada a agências de recrutamento de mão-de-obra no Brasil, nos informou que não tínhamos emprego garantido, nem alojamento, nem escola. Também contou que no Japão há preconceitos contra obesos, acham que são lentos e improdutivos, lembra Ilsa. Ela pesa 110 quilos e a filha Elis Regina, 99.*

(Folha de Londrina, 18 de julho de 1998)

Outro acontecimento também divulgado pela Folha de Londrina, diz respeito à desestruturação familiar, pela qual passou uma senhora, cujo marido partiu para o Japão, com a perspectiva de uma renda melhor, deixando-a com cinco filhos menores, mas, este, no entanto, arrumou outra família no Japão e, hoje, não mantém nenhum tipo de contato com a família deixada no Brasil. Hoje ela vive com o auxílio da filha que está no Japão, porém, esta diz que ganha pouco e consegue enviar, à mãe, apenas R\$ 600,00 por mês:

*Abandonada pelo marido que, desde novembro do ano passado não manda mais dinheiro, Benedita passa por sérias dificuldades financeiras. A filha de 15 anos, portadora de deficiência física grave teve que parar de fazer tratamentos. Sem conseguir pagar o aluguel, ela teve de se mudar para a casa da filha Silvana, que está no Japão com o marido. Teve de priorizar a alimentação dos filhos e manutenção da casa, e deixou de pagar contas que hoje já dobraram de valor, com os juros em atraso.*

(Folha de Londrina, 10 de setembro de 1998)

Um entrevistado que chegou a ficar a desempregado no Japão nos conta que:

*No final eu estava somente fazendo bicos! Dava para tirar em torno de 500 dólares por dia! Mas era muito arriscado! Eu procurava empregos fixo, ma, a crise estava muito forte! Não tinha emprego! Tinha muita gente parada! E as fábricas estavam exigindo muito!*

(H. A., sansei, 28 anos)

O trabalho no Japão, atrai muitas pessoas, no entanto, como este possui um caráter temporário, muitas pessoas acabam realizando este movimento variadas vezes, como pode ser visto na tabela 21 isto ocorre pelo fato de muitos, ao retornarem, não fazerem investimentos rentáveis e muitas vezes acabam perdendo seus negócios. Uma das entrevistadas, que realizou a primeira viagem para o Japão em 1991, nos conta que quando voltaram, trouxeram dinheiro para comprar casa, carro e montar um negócio, no entanto, pela falta de experiência acabaram perdendo tudo o que conseguiram. Hoje, o marido continua no Japão, tentando recuperar o que haviam conquistado, mas não possuem mais a intenção de montar um negócio, querem apenas adquirir imóveis e procurar emprego no Brasil mesmo.

*O grande objetivo de ir para o Japão era a melhorar de vida, ter uma garantia, comprar uma casa, um carro, pagar uma escola boa para as crianças. Conseguimos e perdemos tudo, compramos uma casa, investimos numa loja, toda a reserva, a loja não ia bem, perdemos tudo, tivemos que vender a casa, agora eu moro no apartamento da minha mãe! Na primeira vez que voltamos, a gente gastava muito, viajava muito, não tínhamos preocupação em guardar dinheiro! Quando acabou o dinheiro, voltamos para o Japão! Da segunda vez compramos um apartamento. Acabou o dinheiro e voltamos para lá.*

*(...) Da última vez, investimos numa loja de festas. Depois que perdemos, meu marido teve que voltar. Meu marido agora trabalha e ganha bem! Trabalha 12 horas diárias, (sendo que 4 são extras).*

*(...) Hoje os planos são recuperar o que perdemos – comprar uma casa! E agora temos planos mais concretos, antes a gente pensava (sonhava muito) ‘vamos passear, vamos curtir, vamos ser empresários’. Hoje a gente pensa mais com o pé no chão! Queremos investir em imóveis, ter umas três casinhas de aluguel, que forneça o que comer e não queremos investir de novo num negócio próprio! Este é um país que não dá para abrir um negócio próprio com pouco dinheiro! Nós não temos capacidade administrativa, nem eu e nem meu marido temos formação superior, então não dá! Então a meta é comprar alguns imóveis e alugar, ter o nosso cantinho e procurar um emprego!*

(E. N., sansei, 32 anos)

Esta é a realidade enfrentada por muitos *dekasseguis*, que vendo que acabaram por perder tudo o que tinham acumulado no Japão e sem muitas perspectivas no Brasil, acabam voltando para aquele país, caracterizando o movimento que chamamos de ‘fluxo iô-iô’. No entanto, por mais viagens que os *dekasseguis* realizem ao Japão, sempre há a perspectiva do retorno e de poder finalmente ter realizado a última viagem para o local onde vão trabalhar e conseguir poupar para investir no seu país natal.

Podemos verificar com a tabela a seguir, que quase 52% dos entrevistados viajaram mais de uma vez ao Japão, o que mostra uma característica deste tipo de migração, pois uma vez em dificuldades no Brasil, os *dekasseguis* não receiam em estar retornando aquele país em busca, novamente, de um capital que possa satisfazer seus anseios em um tempo menor.

Tabela 22. Quantidade de viagens ao Japão na condição de *dekasseguis*

	Nº. de <i>Dekasseguis</i>	Percentual
Uma viagem	15	48,39
2 a 3 viagens	13	41,94
4 a 5 viagens	1	3,23
6 a 7 viagens	1	3,23
mais de 8 viagens	1	3,23
Total	31	100,00

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Assim, entendemos que os deslocamentos populacionais expressam a impossibilidade da sobrevivência econômica em um determinado país, *denunciando a exploração que inviabiliza a vida sedentária e lhe impõe a vida nômade que desmoraliza e empobrece sua vida social.* (MARTINS, 1988, p.06).

### 5.1. A identidade dos *dekasseguis*

Ao se discutir sobre a questão da identidade dos *nikkeis*, sentimos a necessidade de nos reportarmos à reflexão sobre qual seria sua nacionalidade. Rossini, comenta que:

*(...) embora sejam de ascendência japonesa, não são muito aceitos pela sociedade local por não terem os mesmos hábitos e por não falarem a língua. São considerados estrangeiros no Brasil por serem de ascendência nipônica e são também entendidos como estrangeiros no Japão por não terem nascido lá. No fundo são autênticos desenraizados.*

(ROSSINI, 1995, p. 28)

No entanto, esta é uma questão que só pode ser assim compreendida no momento em que se verifica um certo preconceito à população nipônica do Brasil, uma vez que estes são brasileiros de origem japonesa, ou seja, possuem uma ascendência de uma população de outro país, assim como a maior parte da população brasileira já que este é um país habitado por povos de diversas etnias.

Ainda existe uma discussão se esta seria uma migração de retorno, mas esta só pode ser assim compreendida se avaliarmos que a terra dos *dekasseguis* é o Japão. Assim como comenta Sasaki:

*Podemos pensar numa possibilidade de um duplo retorno nesta mesma migração, isto é, o dekassegui teria dois homelands como referência, que talvez perceba em momentos diferentes na experiência migratória. Num primeiro momento, antes de partir, o país de destino é pensado pelo dekassegui como a terra de seus ancestrais e, em algum lugar no seu imaginário, ele tem um sentimento de pertencimento em relação ao Japão, bem como a possibilidade do mito do retorno à sua origem étnica. Mas, num segundo momento, quando ele chega no Japão e, mesmo sendo um japonês radicado no Brasil (ou um descendente), percebe-se como um estrangeiro. Nesse caso, o país de origem (ou o homeland) é o Brasil.*

(SASAKI, 1995, p. 590)

Porém, compreendemos que esta é uma característica própria de todas migrações internacionais realizadas por descendentes de outros países, sejam eles japoneses, espanhóis, italianos etc. A imigração de trabalho portanto, enfrenta a

carência de não possuir um lugar para fixar suas raízes, uma migração imposta pelo mercado e que remete o migrante a um sentimento de nostalgia de sua terra natal, porém, estes se encontram impossibilitados de retorno imediato pela dificuldade de acesso ao mercado de trabalho em seus países de origem.

*O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquã nostalgia ou saudade da terra.*

(SAYAD, 2000, p.11)

Percebemos assim, que a partida para o Japão nem sempre ocorre de forma tranqüila para os *dekasseguis*, mas impulsionados pela questão salarial, os *nikkeis* se aventuram, nesta migração, dispostos a enfrentar todo tipo de conseqüências. Mas, sabemos que esta migração acontece com um caráter temporário e, pensando nos benefícios financeiros que eles podem acumular com alguns anos de trabalho no Japão, os *dekasseguis* se entregam também aos possíveis dissabores que terão de enfrentar com a sua partida. Martins, sobre a condição de migrante temporário comenta que:

*É temporário, na verdade, aquele imigrante que se considera a si mesmo 'fora de casa', fora do lugar', ausente, mesmo quando, em termos demográficos, tenha migrado definitivamente. É aquele que se considera fora de seu lugar, fora de 'suas relações sociais', e que, no limite, não se considera dentro, mesmo quando está. Se a ausência é o núcleo da consciência do migrante temporário, é porque ele não cumpriu e não encerrou o processo de migração, com seus dois momentos extremos e excludentes: a dessocialização, nas relações sociais de origem, e a ressocialização, nas relações sociais de adoção. Ele se mantém, pois, na duplicidade de duas estruturas de relações sociais diversas entre si. Ele vive a marginalidade de duas situações sociais.*

(MARTINS, 1986, p.49)

Desta forma, podemos analisar que os *dekasseguis* não possuem um problema de identidade, já que são brasileiros, o que ocorre é que como eles migram para o Japão e permanecem lá por muito tempo, têm de se adaptar àquele país e tentar viver da melhor maneira possível. Mas sabem (ou pelos menos, sonham com isto) que por mais tempo que permaneçam naquele país, é para o Brasil que retornarão e viverão o resto de suas vidas. Neste sentido, podemos pensar que os *nikkeis* somente migram

por completo (e assumem a postura de japoneses), quando começam a compreender o Japão enquanto seu país e lá pretendem solidificar suas relações.

*A migração será definitiva quando a festa também migrar. Quando o reencontro destes dois momentos se der no mesmo espaço e a festa sair do seu ciclo cósmico e entrar no ciclo linear do descanso semanal remunerado, do cinema, do futebol.*

(MARTINS, 1986, p. 61)

Comprendemos, portanto, que o *dekassegui*, é um migrante temporário e que é nesta condição que querem permanecer no Japão, pois sonham com o retorno à sua pátria onde lá realizarão seus sonhos. Asari e Yoshioka afirmam que:

*Enfim, os dekasseguis são homens do mundo, que se movimentam aos sabores das necessidades econômicas dos países, isto é, com a globalização do mercado de trabalho e a acentuada desigualdade regional que ora se verifica, tornam as migrações, predominantemente, temporárias e aos migrantes cabe o papel de trabalhadores que vivenciam um movimento pendular internacional.*

(ASARI e YOSHIOKA 1996, p.10)

Percebemos então que o migrante, e em especial os migrantes internacionais, se deslocam de acordo com as regras impostas pelo capital, ou seja, eles buscam melhores oportunidades em terras desconhecidas as quais lhes abrem o mercado para vender sua força de trabalho, seja esta realizada de forma clandestina como é o caso dos migrantes que vão à região dos EUA, ou legalizada como é o caso dos *dekasseguis* no Japão.

Assim, compreendemos que os *dekasseguis*, são trabalhadores brasileiros que partem para o Japão em busca de rendimentos que lhes possibilite a realização de seus sonhos no Brasil de uma forma mais rápida e que este fato é possibilitado pelas mudanças ocorridas no mercado de trabalho capitalista.

## 5.2. A crise no Japão e o reflexo aos *dekasseguis*

Observamos, ainda, que o fluxo migratório de brasileiros para o Japão, vem passando por algumas modificações desde seu início, apresentando oscilações nas intensidades das migrações, sendo que, ultimamente, os deslocamentos encontram-se mais moderados, devido ao Japão não possuir mais as mesmas condições de oferta de trabalho que eram apresentadas no início dos anos de 1990. Mas o movimento ainda é intenso e encontramos brasileiros que residem no Japão por um tempo considerável, muitos que chegaram a se tornar pequenos empresários de comércio destinado aos brasileiros naquele país (sobretudo com mercadorias da cultura e culinária brasileira), porém, a grande maioria dos que se encontram lá e dos que partem atualmente, possui o caráter de migrante temporário, desejando retornar para o Brasil para poder, efetivamente, desfrutar de suas vidas e gozar dos recursos que acumularam no Japão.

O Japão, no entanto, desde 1996 passa por uma crise em seu mercado de trabalho, muitas indústrias estão passando por um período de recessão e desta forma, está havendo muitas demissões no país. O jornal Valor Econômico, noticiou que o aumento do desemprego é necessário para o processo de mudanças estruturais que revitalizariam o Japão. Desta forma,

*Para compreender o que está acontecendo no Japão, é preciso examinar o quadro geral – que se torna cada vez pior. Caso a desregulamentação e as reestruturações corporativas verdadeiras comecem a ocorrer, chegará o dia em que o aumento do desemprego e anúncios de cortes de pessoal serão boas notícias, e não más, porque indicarão que a mudança está em andamento – como aconteceu nos anos noventa, quando os países da Europa Central estavam passando do comunismo para o capitalismo. O Japão ainda não atingiu esse ponto na sua transição da esclerose para a volta ao capitalismo. Na semana passada, a taxa oficial de desemprego subiu para 5% da força de trabalho, a mais alta desde 1953. Este é um sinal do colapso das empresas menores, nas quais nunca predominou o emprego para toda a vida, e da queda da demanda – razão pela qual o mercado de ações de Tóquio chegou na semana passada ao seu mais baixo nível em 17 anos, apesar dos esforços, aparentemente animadores, das grandes empresas de alta tecnologia para cortar pessoal e reduzir seus prejuízos.*

*(...)*

*À medida que as regulamentações são sacudidas e as empresas se reestruturam, o desemprego poderá subir muito além dos níveis atuais, deprimindo ainda mais a confiança dos consumidores, os*

*preços e a demanda, provocando mais perdas de empregos numa espiral descendente ainda pior.*

(Valor Econômico, 4 de setembro de 2001, p. 3)

Esta situação acaba por atingir os *dekasseguis*, pois, como embarcam para o Japão na qualidade de trabalhadores temporários, são os primeiros a serem cortados da lista das empresas japonesas. Desta forma, muitos passam por situações críticas naquele país, uma vez que, desempregados, não possuem condições de pagar as passagens de volta para o Brasil e, muitas vezes, acabam por perder até mesmo as suas casas, sendo assim, há casos de *dekasseguis* brasileiros que já estão vivendo em habitações improvisadas no Japão - pois, geralmente, os alojamentos alugados pelas empreiteiras, estão vinculados a algum emprego, já que estas costumam fazer o desconto dos aluguéis diretamente, antes de repassar os salários ao trabalhadores - sobrevivendo de doações de alimentos, em condições extremamente precárias. Um *dekassegui*, que foi por nós entrevistado, nos fala das dificuldades vivenciadas no Japão:

*Na época que fiquei desempregado, eu já cheguei a quase passar fome no Japão! Teve uma época que eu passei um mês comendo pão! Eu já cheguei a morar dentro do carro, tomava banho na lavanderia! Até arrumar serviço!  
Eu fiquei bastante tempo desempregado, 2 ou 3 meses! Nesta época eu fazia bicos e cheguei até a me envolver com o tráfico de drogas! Eu mexi muito com isso! Eu tinha medo! Mas tive que mexer com isso na época das dificuldades!*

(H. A., *sansei*, 28 anos)

No entanto, esta situação de crise porque passa o Japão, não parece ter muita credibilidade entre os *dekasseguis*, não só porque eles continuam partindo para o Japão, mas pelo fato de que quando questionados sobre os problemas financeiros dos brasileiros no Japão, responderem, que estes ficam sem empregos porque querem, porque não se esforçam para arrumar novos empregos, ou porque escolhem muito; argumentam ainda, que há *dekasseguis* passando por dificuldades porque gastam muito e não fazem economias. Traremos alguns trechos das entrevistas onde os *ex-dekasseguis* relatam isto:

*Estes que moram embaixo de ponte, eu acho que eles trabalham e gastam, compram carros, toda semana estão passeando, compram a vontade o que querem, então eles não economizam, então quando chega a crise, a fábrica manda embora porque não tem serviço, aí eles não têm economia não tem onde ficar, não tem dinheiro para voltar, por isto que vai morar debaixo de ponte, quem trabalha honesto, sabendo controlar o seu dinheiro não faz isto. Primeira coisa, você vai economizando guarda dinheiro de passagem, porque qualquer hora resolve voltar pra cá tem aquele dinheiro para voltar, não precisa ficar morando embaixo de ponte, mas tem uns que não pensam isto, vai ganhando, comprando carro, vai gastando tudo, então a hora que não tem emprego, não tem onde ir, acho que é isto. Os que não querem voltar para o Brasil tem um problema neste ponto, porque a fábrica faliu, e tem que sair do alojamento da fábrica se não está trabalhando. Quem perde emprego, tem que sair procurar outro emprego, porque tem emprego ainda, se comunica com um e outro, vai perguntando ou procurando, sempre no jornal sai emprego, então este que perdeu emprego, se arruma outro mesmo que seja barato, vai trabalhar lá, se não quiser voltar, mas aí falam, 'ah, tá barato, não vou neste barato porque eu estava ganhando tanto'. Então fica sem emprego, fica parado. Tem gente que não liga, tem, gente que quer tudo na mão, quer que o emprego venha do céu.*

(T. Y., issei, 71 anos)

Outro entrevistado comenta que:

*Eu fui numa época mais difícil, em 96 que eu acho que começou o declínio mesmo. Então começou até a faltar empregos para alguns. Eu vi várias pessoas passando por dificuldades lá, dificuldades financeiras grandes, famílias, todo mundo desempregado. A crise é o principal fator, mas um pouco também, é pela falta de capacidade de comunicação das pessoas, tentar se comunicar por mímica não funciona, então você tem que estudar aqui antes de ir, tem que ter um certo conhecimento, aí você não tem dificuldade. E outra coisa, muita gente fica sem trabalho lá, porque eles escolhem muito, não tem lógica, acho que se você vai para o Japão, não tem que ficar escolhendo muito. Mas não conheci nenhum brasileiro que estivesse morando de baixo de ponte. Você já assistiu alguma reportagem, você viu os tipos que estão morando embaixo de ponte? Não são pessoas normais, são pessoas que realmente não querem trabalhar, cá entre nós, eu conheci pessoas, que ficaram desempregadas, passaram necessidades, mas não foram para debaixo da ponte não. Aí faziam os bicos, arubaitos, que o pessoal chama.*

(D. N., sansei, 37 anos)

O terceiro ainda é mais taxativo:

*As pessoas que não conseguem emprego no Japão, que moram embaixo de pontes são tudo vagabundo, não querem trabalhar e vivem às custas dos outros. Por exemplo quando fechou a fábrica da Toyota, mais de 3.000 brasileiros ficaram desempregados, e viviam debaixo de ponte, ou dentro de carro abandonado. Lá no Japão tem três tipos de jornais brasileiros que possuem anúncios de empregos.*

(T. N., issei, 58 anos)

Desta maneira, percebemos que as pessoas acabam tendo uma concepção um tanto errônea sobre a realidade japonesa, acreditando que este se trata de um mercado invulnerável e que os problemas que enfrenta não são tão graves assim. Devemos ressaltar que esta fala comparece em todas as entrevistas tanto dos mais novos, como dos mais velhos, inclusive, na fala de um *dekassegui* que passou por dificuldades e precisou morar o período de um mês dentro de seu carro. Este afirmou que muitos ficam desempregados pelo motivo de terem se acostumado com os altos salários e, no momento, em que muitos brasileiros chegam para trabalhar, principalmente, em Hamamatsu, onde há uma grande concentração de brasileiros, fato que aumenta a oferta de mão-de-obra e força a uma redução dos salários. Sendo assim, este entrevistado, acredita que muitos brasileiros se recusaram a trabalhar por menos do que estavam habituados ou para os mesmos salários que são pagos às mulheres, que em geral são menores que dos homens, e por isso, ficam desempregados e passam por dificuldades de alimentação e moradia.

No entanto, sabemos que a crise do mercado financeiro, perpassa por toda economia mundial e que a realidade japonesa se apresenta muita delicada e que por mais que as grandes empresas estejam tentando conter esta época de recessão, serão os trabalhadores estrangeiros que primeiro sofrerão (e já estão sofrendo) com as demissões. Esperamos, contudo, que de alguma forma este problema possa ser solucionado e que os brasileiros que estão no Japão passando por dificuldades possam, ao menos, ter o direito de voltar ao seu país, uma vez que já contribuíram para os dois países, tanto para o Brasil como para o Japão, enquanto sua força de trabalho ainda se mostrava necessária.

## 6. O RETORNO AO BRASIL

O retorno ao Brasil é um momento de muita euforia para os migrantes, uma vez que esta volta vem cheia de expectativas e projetos futuros, sem contar a saudade dos entes aqui deixados que seria superada com o regresso.

No entanto, segundo Sayad (2000), nem sempre o retorno se dá de uma forma muito satisfatória, pois quando estes regressam buscam no espaço deixado também o tempo deixado, ou seja, espera-se que tudo esteja da mesma forma que foi deixado em seu país, fato este que não ocorre já que o tempo, assim como para o *dekassegui*, também se passou em seu país, havendo não só uma mudança física, mas principalmente uma mudança com as pessoas da sua terra. O próprio *dekassegui* quando retorna, não é mais o mesmo, pois ele passou por uma experiência de vida nova, teve que de certa forma, se moldar aos padrões da sociedade japonesa para lá viveram, e esta bagagem, acaba por lhe fazer ver as situações de uma maneira diferente. Neste sentido, concordamos com Sasaki, pois:

*Muitas vezes, a estadia no Japão é entendida como temporária – não só pelos japoneses, mas pelos próprios dekasseguis – sempre tendo um retorno ao Brasil previsto nos planos. Mas, quando os dekasseguis voltam, o Brasil não está exatamente como haviam imaginado enquanto suavam no Japão. É como se tivessem congelado a imagem do Brasil na hora de partir para o Japão e depois a idealizassem e a mitificassem. E chegando aqui, mais uma vez a realidade nem sempre corresponde a expectativa do dekassegui.*

(SASAKI, 1995, p. 590)

Assim, este é mais um momento pelo qual o *dekassegui* tem que passar e encarar a readaptação ao seu próprio país. Nos depoimentos, a seguir, podemos verificar as situações pelas quais passaram os brasileiros quando para cá retornaram:

*Eu me senti bastante deslocado quando voltei, em todas as vezes que voltei, da primeira vez eu senti uma carência muito grande por não ter mais amigos, até hoje tenho poucos amigos. Mas na época fez mais diferença porque eu tive que retornar aos estudos, não conhecia ninguém no colégio, foi bem difícil. É muito difícil a gente se adaptar de novo, ver como funciona o Brasil, acho que a situação econômica do Brasil estava bem diferente do que quando fui.*

(A. P. T., *sansei*, 26 anos)

*No começo eu tinha medo, eu ia para centro, achava que todo mundo era marginal. Porque lá é só japonês, e quando a gente chega aqui, vê as pessoas diferentes, e vestindo-se mais relaxados, porque os japoneses andam tudo arrumadinho, aqui no Brasil todo mundo anda mais a vontade, então dava a impressão que todo mundo ia te roubar, você já sabe que o Brasil é meio violento, tem mais ladrões, e como lá no Japão, eles andam mais arrumados, quando a gente chega aqui, a gente estranha.. E também achei a cidade bem suja, eu pensava será que sempre foi assim? Será que sujaram mais. (...) E só depois de um ano que eu consegui me habituar a dirigir aqui, porque eu dirigia lá e era do lado contrário, daí eu achava que as pessoas aqui estavam andando na contramão.*

(M. Y., *sansei*, 39 anos)

Na tabela a seguir podemos visualizar quais foram as principais diferenças que os *dekasseguis* sentiram ao retornarem ao Brasil. É importante observar que algumas coisas já faziam parte do cotidiano das pessoas aqui, mas como passaram um longo período sem voltar ao Brasil, acabam estranhando algumas situações.

Tabela 23. Diferenças apontadas após o retorno ao Brasil

Diferenças	<i>Dekasseguis</i>	Percentual
Segurança	7	21,21
Trânsito	6	18,18
Falta de amigos	6	18,18
Falta de dinheiro	3	9,09
Fuso horário	2	6,06
Comida	1	3,03
Limpeza das cidades	1	3,03
Não teve problemas	7	21,21
Total*	33	100,00

\*Ressaltamos que a soma total é superior ao número de entrevistados por alguns deles terem dado mais de uma resposta.

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Contudo, mesmo tendo de passar por algumas dificuldades tanto lá no Japão, quanto aqui no Brasil quando retornam, os *dekasseguis* avaliam como válida a experiência que tiveram como trabalhadores temporários no Japão; no entanto, 13% destes afirmaram que hoje pensariam duas vezes antes de irem ao Japão, relatando que as maiores perdas que tiveram foi com relação aos estudos que não conseguiram retomar ou com relação ao crescimento e a saudade que provocaram nos filhos por não estarem presentes, como podemos analisar através dos comentários dos entrevistados.

*Perdi tempo da minha vida que poderia ter me dedicado aos estudos por ter ido ao Japão! Passei em três concursos, mas sempre que estava para ser chamada eu ia para o Japão! Já passei em concurso para UEL, Prefeitura e IAPAR. Mas não tive como assumir! Por estar sempre no Japão ou em vias de ir!!! Poderia estar muito bem, hoje! A vida poderia ter sido outra! Por isso me culpo por ter saído do país!*

(E. N., sansei, 32 anos)

*Tinha muita saudade das crianças! Me arrependo, não vi e não acompanhei o crescimento da minha filha! Não vi a primeira menstruação dela, não vi o primeiro namorado, não acompanhei as opções dela! Foram perdas! O dinheiro é bom! Mas até que ponto? O que me consola é que eu pude dar tudo que ela precisava!*

(K. H., nissei, 42 anos)

Desta forma, ao partirem para o Japão, os *dekasseguis* almejavam a realização econômica, com a aquisição de bens materiais, mas às vezes, isto significa o detrimento da vida pessoal. Neste sentido, analisamos quais as experiências de vida que estes adquiriram através do trabalho realizado no Japão e eles nos contam que:

*Valeu a pena ter ido, porque você aprende algo mais, trabalha em fábricas, conhece outras culturas, você acaba aprendendo mais coisas, acho que o que fica, é o trabalho, as pessoas lá fora trabalham mais do que aqui, eles se dedicam muito mais, lá não tem horário, qualquer hora a pessoa está a disposição, para o serviço primeiro. Eu acho que isto foi uma lição muito boa que se a gente aplicasse aqui, trabalhasse mais, com certeza teria mais condição de dar certo a empresa”*

(D. N., sansei, 37 anos)

*Alguns detalhes, a paciência do japonês em tomar atitudes isto é fundamental, deixar de ser aquele brasileiro explosivo, pavio curto, o japonês tem muita paciência, ele não se altera no serviço. Mas também são um povo mais frio, não tem aquele calor humano*

(S. O., nissei, 48 anos)

Assim, percebemos que mesmo passando por tantas dificuldades no Japão, o período em que viveram lá podem ser considerados de grande valia na aquisição de experiências e conhecimentos, dos quais os *dekasseguis* podem estar se utilizando, tanto em suas vidas pessoais, como em suas vidas profissionais, mesmo que seja uma realidade tão diferente da encontrada no Brasil.

### 6.1. O emprego no Brasil

O desemprego no Brasil ainda é um fato que assusta milhões de brasileiros e quando retornam ao país os *dekasseguis* podem passar por algumas dificuldades em estar arrumando novos empregos. Conseguir emprego assalariado para os *dekasseguis* se torna mais complicado devido ao receio que os empregadores possuem em contratarem *nikkeis*, isto porque, com a possibilidade de empregos no Japão, se tornam muito vulneráveis aos contratos, podem abandoná-los a qualquer momento e partir para o outro país.

Uma entrevistada, desempregada desde 1998, nos conta que fez ficha em uma agência de empregos e a única proposta de emprego que conseguiu foi a de um pedido de casamento do dono da agência para ele ir trabalhar no Japão, o que vem a confirmar as dificuldades por que passam os *dekasseguis* para a reinserção no mercado de trabalho.

Podemos observar na tabela a seguir quais são as ocupações recentes dos *dekasseguis* entrevistados:

Tabela 24. Ocupações recentes dos *dekasseguis*

Ocupações	Dekasseguis	Percentual
Aposentado	9	29,03
Comércio próprio	6	19,35
Funcionário de comércio	3	9,68
Funcionário de escritórios	3	9,68
Agricultor	2	6,45
Construtor	1	3,23
Não trabalha	7	22,58
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa de campo, Londrina, 2002

Assim, percebemos que 22,6% dos entrevistados ainda continuam sem emprego no Brasil, sendo que dois destes já estão de malas prontas para voltar ao Japão. Sobre a situação econômica do país, os *dekasseguis* afirmam que:

*Eu não tenho assim nenhuma expectativa boa para o Brasil. Conheço várias pessoas que vem tentando por todos os lados. Baixando o padrão de vida! Fazer bicos! Mas é impossível viver no Brasil. Todos os meus parentes pensam em sair do país. Você trabalha bastante,, mas tem uma compensação! Mesmo que você não tenha condições de manter o que ganhou, no tempo que você está lá,você vive muito bem! Até penso em me mudar para lá! Sem idéia de vir embora. Tenho amigos que não tem idéia de voltar! Ficaria e moraria em qualquer lugar do mundo. Fora o Brasil!*

(E. N., *sansei*, 32 anos)

*Eu acho que o Brasil é bom pra caramba. Ir embora é porque o dinheiro move tudo , e o Japão para quem é descendente como eu é a maneira mais rápida de ganhar dinheiro. você não precisa ter estudo, vc só precisa ter força de vontade, garra, e um pouco de determinação porque lá você ganha. Eu acho que o Brasil oferece condições só não oferece tão rápido quanto o Japão, por exemplo com um ano no Japão você consegue comprar uma casa.*

(A. P. T., *sansei*, 26 anos)

Podemos analisar através destes comentários duas perspectivas diferentes com relação ao Brasil, no entanto, estes dois entrevistados já estão retornando ao Japão em busca de uma poupança que lhes permitam a concretização de seus sonhos materiais aqui no Brasil.

Observamos, portanto, que 71% dos entrevistados não têm interesse de retornar ao Japão para trabalhar, porém, 9 entrevistados ainda falam de um possível retorno àquele país em busca de novos objetivos que não conseguiram alcançar com as primeiras viagens. Vemos portanto, que a eminência da migração é uma realidade que ainda irá perpassar pelas gerações dos descendentes de japoneses, tornando-os um migrante em potencial, uma vez que as portas do mercado de trabalho japonês permanecem abertas.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Procuramos analisar as migrações internacionais a partir da concepção da mobilidade do trabalho, ou seja, acreditamos que estas ocorrem, somente, impulsionadas pelo mercado e que estão inseridas dentro de um contexto político, econômico e social que propicia a mobilidade espacial de trabalhadores. Estas migrações assumem um caráter temporário, uma vez que o migrante se desloca por um período determinado almejando melhores rendimentos que lhe possibilite melhores condições de vida ao retornar ao país de origem.

O estudo sobre a imigração japonesa para o Brasil no início do século, nos possibilitou compreender que este também possuía um caráter temporário e assim como os *dekasseguis*, partiram do Japão para trabalhar em terras desconhecidas em busca de melhores oportunidades e depois de algum tempo longe de seu país para lá regressarem usufruindo de melhores condições de vida. No entanto, a migração para o Brasil foi assumindo um caráter permanente à medida que o tempo se passava, e hoje o nosso país possui a maior colônia de descendentes de japoneses fora do Japão.

Os imigrantes japoneses, residentes no Brasil, afirmaram nas entrevistas terem assumido o Brasil como sua pátria e ainda que retornem ao Japão, o fazem de forma temporária, na qualidade de turistas ou na de trabalhadores (*dekasseguis*). Estes, apesar de no início do fenômeno *dekassegui* terem visto este movimento com uma certa vergonha, hoje, assimilaram melhor este fato e assumem que é uma boa oportunidade para aqueles que estão vivendo em situações difíceis no Brasil, mesmo que sejam períodos extremamente difíceis, em que são ocasionados muitos sofrimentos.

Evidenciamos, agora, com a conclusão da pesquisa que as comparações entre as migrações realizadas pelos imigrantes japoneses e pelos *dekasseguis* começam a apresentar mais um ponto em comum: o da migração definitiva. No final dos anos de 1990, começamos a perceber que alguns *dekasseguis* já assumiram o Japão enquanto seu país de residência definitiva, transferindo, enfim, a festa, a qual se refere José de Souza Martins, para aquele país, ou seja, fixando raízes no Japão. Este é um assunto que não foi abordado na pesquisa pois não fazia parte do objeto de análise, mas através de algumas declarações nas entrevistas, verificamos uma nova tendência que deve ser analisada com mais afinco. Mas ainda acreditamos que :

*Toda presença estrangeira, presença não-nacional dentro da nação, é pensada como presença necessariamente provisória, mesmo quando esse provisório possa ser indefinido, possa prolongar-se indefinidamente, criando, desta forma, uma presença estrangeira permanentemente provisória, ou em outros termos, uma presença durável, mas vivida por todos de maneira provisória, adequada aos olhos de todos por intenso sentimento do provisório.*

(SAYAD, 2000, p. 21)

Nesta perspectiva, ficamos com a inquietação em entender faces da inserção do migrante na sociedade japonesa e de qual é o sentimento que estes assumem com relação ao Brasil. Entretanto, consideramos que as migrações ocorrem seguindo os ditames da (re)produção do capital, o que não destina aos migrantes escolhas de sua permanência ou de sua mobilidade, por isso, concordamos com Sayad quando afirma que se trata de uma situação que aparece como definitiva, mas que se refere a um contexto temporário, e, portanto, temos dúvidas da migração da festa ou seja, do fim do processo migratório e a da definitiva fixação de residência.

*Esta é uma outra face do processo migratório, evidenciando que os fenômenos se sucedem e se repetem, ao sabor das conveniências das economias dos países e apresentam o migrante como indivíduo sempre à margem da sociedade, ocupando cargos menos especializados, mais perigosos e mais desgastantes.*

(ASARI, 1992, p. 111)

Esta faceta da mobilidade do trabalho comparece nesta dissertação, que analisou o movimento migratório de uma mesma etnia em dois momentos diferentes e que, apesar de semelhantes, no fato de possuírem a característica de estarem vinculados à trabalhos temporários, em geral, pesados e desqualificados, são bastante diferenciados, considerando as diversas variações de temporalidades e espacialidades em que estão inseridos, apresentando características peculiares a cada momento histórico, tanto no Brasil como no Japão.

Entendemos, com esta pesquisa, que a dinâmica migratória se trata de um processo social pelo qual passam os migrantes inerentes à mobilidade forçada da força de trabalho, ou seja, concluímos que os migrantes se deslocam em busca de um acúmulo de dinheiro que o sistema econômico de seu país não lhe possibilita e que o país destino lhe propicia, em um curto período de tempo de trabalho. Assim, muitas vezes, ele deixa sua vida pessoal e profissional, para realizar trabalhos desqualificados e cansativos em outros países, mesmo que abdicando de todos os seus direitos enquanto

trabalhador assalariado, já que no outro país, assume a postura de trabalhador estrangeiro e temporário, o que não lhe garante direitos trabalhistas, ainda que esteja na condição de legalizado, fato que a Lei de imigração de 1990 conferiu aos estrangeiros descendentes de japoneses.

No entanto, a possibilidade de muitos ganhos, em um curto período de tempo, é tentadora aos olhos do migrante, que se desfaz de algumas prioridades para garantir um futuro melhor à sua família. Com esta perspectiva, os *dekasseguis*, deixam o Brasil em direção ao Japão e assumem que este período que permanecem longe de seu país, lhe custa algumas perdas, principalmente, no tocante à sua vida pessoal, mas que em vista dos ganhos, é gratificante e o deslocamento se torna recompensador. Avaliam, assim, que jamais teriam adquirido em tão pouco tempo o que possuem atualmente se tivessem continuado trabalhando em seu país, saldando como positiva a migração.

Ainda evidenciamos na pesquisa que a presença do *dekassegui* no Japão é vista pelos naturais daquele país, enquanto um mal necessário, ou seja, uma presença estrangeira, que ali se encontra temporariamente para suprir a carência do mercado de trabalho japonês. Assim, o migrante que considerava realizar seu deslocamento para um país que lhe fosse familiar, se vê mais estrangeiro do que nunca e assume o Brasil enquanto sua única pátria-nação. Neste sentido, discutimos a nacionalidade do *nikkei*, enquanto um brasileiro descendente de japoneses, assim como a maior parte da população brasileira, já que este é um país que tem como característica uma grande variação de etnias e religiões, portanto, não se tratam de pessoas desenraizadas, pois, concebem que são brasileiros e que acumulam dinheiro, no Japão, para viverem melhor, no Brasil.

Enfim, analisamos as migrações internacionais e, em particular, o estudo do processo migratório dos japoneses e seus descendentes no município de Londrina-Paraná-Brasil, possibilitando a compreensão da realidade de vida destes migrantes, a qual pode ser utilizada para compreender a mobilidade de trabalhadores temporários para países com carência de mão-de-obra desqualificada de uma forma geral.

**BIBLIOGRAFIA**

ASARI, Alice Yatiyo. *E eu só queria voltar ao Japão (colonos japoneses em Assai)*. São Paulo. 1992. f. Tese (doutoramento em Geografia) Departamento de Geografia da FFLCH, USP, 1992.

ASARI, A. Y.; YOSHIOKA, R. Migrações ultramarinas. Trabalhadores brasileiros no Japão. *Semina: Ci. Soc./Hum.* Londrina, v.17, n.º 4, set. 1996.

ASSIS, Gláucia de Oliveira e SASAKI, Elisa Massae. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. in *Migrações Internacionais. Contribuições para políticas*, Brasil 2000/Coordenadora Mary Garcia Castro.- Brasília:CNPQ, 2001

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide Lopes (Coord.). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FNUAP, 1995.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo; BAENINGER, Rosana. *Uma fonte para os estudos de população: os registros da hospedaria dos migrantes de São Paulo*. NEPO/UNICAMP, 1986.

BATH, Sérgio. *Japão: ontem e hoje*. São Paulo: Ática, 1993.

BEAUJEU-GARNIER, J. *Geografia da População*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1971.

BENJAMIN, César; ELIAS, Luiz Antônio (Orgs.) *Brasil: crise e destino*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2000.

BENKO, Geoges. *Economia, Espaço e Globalização na aurora do Século XXI*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 2ª . Ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BEOZZO, José Oscar. *Brasil: 500 anos de migrações: povos indígenas, escravos, africanos e brasileiros, imigrantes europeus e asiáticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BÓGUS, Lucia Maria M. Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar. In: PATARRA, Neide Lopes (Coord.). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FNUAP, 1995.

- BRITO, Fausto. Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. . In: PATARRA, Neide Lopes (Coord.). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FNUAP, 1995.
- CAMARA, Márcia Regina Gabardo. Migrações internas: evolução teórica e algumas evidências empíricas para o caso brasileiro. In: *Semina: Ci. Soc./Hum*. Londrina, 1988.
- CAMBIAGHI, Salette. O povoamento no norte do Paraná. In: *Anais da Associação dos Geógrafos do Brasil*, São Paulo. v. 6. nº 1. p. 1951
- CARVALHO, Darcy. Estratégias econômicas e condicionantes geopolíticas do desenvolvimento japonês. In: MYAZAKI, Nobue (Org.). *A cultura japonesa pré-industrial. Aspectos socioeconômicos*. São Paulo: Edusp, s/d.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. Vol 1. 3ª. Ed. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CATANIO, Percy Antonio Galimbertti. *Dekassegui no Yumê-ji. (o caminho que o dekassegui sonhou)*. *Cultura e subjetividade no movimento Dekassegui*. 2000. f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- CHESNAIS, François. *A mundialização do Capital*. Tradução de Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.
- COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *Uma Epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- DAMIANI, Amélia. *População e Geografia*. Coleção Caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 1991.
- DELGADO, Guilherme C. Capital e política agrária no Brasil: 1930-1960. In: SZMERECSÁNYI, Tomas, SUZIGAN, Wilson (Org.). *História econômica do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

- EGLER, Claudio. Questão regional e gestão do território no Brasil. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (ORGs.). *Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 207-238
- GAUDEMAR, J. P.. *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Editora Stampa, 1977.
- GEORGE, P. *Geografia da População*. 5. ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1970.
- GUIBERNAU, Montserrat. Globalização, modernidade e identidade nacional. In: *O Estado e o nacionalismo no século XX*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês*. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A Queiroz, 1987.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 6ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HEIDEMANN, Heinz Dieter. O migrante da racionalização global. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES; et al. *O Fenômeno Migratório no limiar do terceiro milênio: Desafios Pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- IANNI, Octavio. Globalização e diversidade. In: PATARRA, Neide L. *Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI*. Campinas: FNUAP, São Paulo: Oficina Editorial, 1996, p.:02 - 15.
- JANUZZI, Paulo de Martino. *Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- JOFFILY, José. *Londres – Londrina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985. 260 p.
- KAWAMURA, Lili Katsuco. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- KLAGSBRUNN, Victor Hugo. Globalização da economia mundial e mercado de trabalho: a emigração de brasileiros para os Estados Unidos e Japão. In: PATARRA, Neide L. *Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI*. Campinas: FNUAP, São Paulo: Oficina Editorial, 1996, p.:33-48.
- KUNIYOSHI, Celina. *Imagens do Japão: uma utopia de viajantes*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. 5ª. Ed. Tradução de Karen Elsabe Barbosa.

São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LESBAUPIN, Ivo. Hegemonia neoliberal, democracia em declínio e reação da sociedade civil. In: LESBAUPIN, Ivo; STEIL, Carlos; BOFF, Clodovis. *Para entender a conjuntura atual*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LIMA, Oliveira. *No Japão: impressões da terra e da gente*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

LOJKINE, Jean. *O estado capitalista e a questão urbana*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MALAGUTI, Reinaldo A.; CARCANHOLO, Marcelo D (orgs).. *Neoliberalismo: a tragédia do nosso tempo*. São Paulo: Cortez, 1998.

MARKUSEN. Ann. Região e Regionalismo: um enfoque marxista. *Espaço e Debates. Revista de Estudos Regionais e urbanos*. São Paulo, Ano 1, nº 2 . p. 61 a 99, maio de 1981.

MARTINE, George. Estado, economia e mobilidade geográfica: retrospectiva e perspectivas para o fim do século. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, 1994.

MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade do Homem Simples*. São Paulo: HUCITEC, 2000.

\_\_\_\_\_. *O processo de imigração em São Paulo*. Mimeo, 1999.

\_\_\_\_\_. Problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES; et al. *O Fenômeno Migratório no limiar do terceiro milênio: Desafios Pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Migrações temporárias. Problema para quem?. *Travessia* – mai-ago/1988.

\_\_\_\_\_. *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MARGOLIS, Maxine L. A minoria invisível: imigrantes brasileiros em Nova York. Tradução: Sidney da Silva. *Travessia*, jan./ abril 1995.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo; Martins Fontes, 1977.

MELCHIOR, Lirian. *Migrações e etnia: o caso de brasileiros de origem japonesa de Londrina-Pr*. Relatório de iniciação científica CNPq-UEL, 1998.

- MELIN, O enquadramento do Iene: A trajetória do câmbio japonês desde 1971. In: TAVARES, Maria da Conceição e FIORI, José Luiz. (Orgs.) Poder e dinheiro. Uma economia política da Globalização. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1998
- MELO, Astrogildo Rodrigues. Imigração e colonização. *Revista Geografia*. Ano I, nº. 4. AGB/São Paulo, 1935.
- MYAZAKI, Nobue (Org.). *A cultura japonesa pré-industrial. Aspectos socioeconômicos*. São Paulo: Edusp, s/d.
- MITA, Chiyoko. *Bastos: uma comunidade étnica japonesa no Brasil*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.
- MORAES, Fernando. *Corações Sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- O Correio da UNESCO*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, novembro, 1985.
- OGUIDO, Homero. *De imigrantes a pioneiros. A saga dos japoneses no Paraná*. Curitiba: Ipê, 1988
- OLIVEIRA, Adriana Capuano. *Repensando a identidade dentro da emigração de kassegui*. In: SALES, Tereza; REIS, Rossana Rocha. Cenas (orgs.) *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. O Brasil na fase monopolista do Modo Capitalista de Produção. In: ROSS, Jurandir Luciano Sanches (Org.). *Geografia do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- OLIVEIRA, Jadiel Ferreira. Os trabalhadores Nipo-brasileiros no Japão – uma reflexão de origem política. *Dekassegui*. São Paulo: Estação da Liberdade: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- OLIVEIRA, Maria Coleta F. A.; PIRES, Maria Conceição S. *A imigração italiana para o Brasil e as cidades*. NEPO/UNICAMP, 1992.
- PATARRA, Neide, BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. . In: PATARRA, Neide Lopes (Coord.). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FNUAP, 1995.
- PERALTA, Osvaldo. *Um retrato do Japão*. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- PEREIRA, João Batista Borges. O retorno do racismo. *Raça e Diversidade*. São Paulo, EDUSP, 1996.

- PIORI, Michael J. *Birds of passage. Migrant labor and industrial societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979
- RENNER, Cecília H. ; PATARRA, Neide L.. Migrações. In: SANTOS, J.L.F; LEVY, M.S.F.; SZMERECSANYI, T. (Org.). *Dinâmica da população: Teoria. Método e técnicas de análise*. São Paulo: Queiroz, 1980.
- REZENDE, Tereza Hatue de. *Ryu Mizuno. Saga japonesa em terras brasileiras*. Curitiba: SEEC- Brasília, 1991.
- ROSSINI, Rosa Ester. O retorno às origens ou o sonho do encontro com o Eldorado japonês: o exemplo dos *dekasseguis* do Brasil em direção ao Japão. In: PATARRA, Neide Lopes (Coord.). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FNUAP, 1995.
- ROSSINI, Rosa Ester. O retorno às origens ou a luta pela cidadania. *Revista USP – Dossiê Brasil- Japão, Nº 27*, São Paulo. EDUSP, set./out./nov. 1995.
- SAITO, Hiroshi (Org.). *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp: 1980.
- SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1973.
- SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração japonesa*. São Pulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1993.
- SAYAD, Abdelmalek. *O retorno*. Revista Travessia – edição especial / jan-2000.
- \_\_\_\_\_. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- \_\_\_\_\_. O Brasil no contexto das novas migrações internacionais. *Travessia*, jan/abril 1995 a.
- \_\_\_\_\_. O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. In: PATARRA, Neide Lopes (Coord.). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FNUAP, 1995 b.
- SALGADO, Fernando Carlos Fonseca. *As colônias Bastos e Pedrinhas*. Presidente Prudente, FFCL, 1971.

- SAM, Silvio. *Sonhos que De Cá Segui*. São Paulo: Ysayama, 1997.
- SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. 2ª. Ed., São Paulo: Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Por uma Geografia nova*. 2 edª. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SASAKI, Elisa Massae. Movimento “*dekassegui*”. A experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão .In: SALES, Tereza; REIS, Rossana Rocha. (orgs.) *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento de kassegui*. 1998. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas – Campinas.
- \_\_\_\_\_. *Dekasseguis: Migrantes Brasileiros no Japão*. In: Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, 1995. p. 577 - 603
- \_\_\_\_\_. *Dekasseguis: trabalhadores nipo-brasileiros no Japão*. *Travessia*, jan/abril 1995. p. 20 - 22
- SCHWALBACH, Luis. O problema da emigração humana no quadro contemporâneo. *Boletim Paulista de Geografia*. nº 18, out/1954.
- SHINDO, Tsugio. *Brasil e Japão. Os 100 anos de Tratado de Amizade*. Tradução: Júlia Hoçoya Sasaki e Olívia Tamiko Ozaki Makibara. São Paulo: Associação Cultural Recreativa Akita Kenjin do Brasil, s/d.
- RUA, João. Repensando a Geografia da População. *Revista de Geografia – UERJ*. n.1. jan. 1997.p. 57-71.
- SILVA, Sidney Antonio. *Costurando sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SINGER, Paul. *Globalização e desemprego. Diagnóstico e Alternativas*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- SOJA, Edward W. *Geografias Pós-Modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- STOLCKE, Verena. *Caféicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. Tradução de Denise Battmann e João Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- TOMA, Cristiane Yuri. *A experiência feminina de kassegui. Um olhar sobre a subjetividade no processo migratório*. Londrina: Editora da UEL, 2000.

TOMAZZI, Nelson Dacio. *‘No rte do Paraná’ Histórias e Fantasmagorias*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

TORRES FILHO, Ernani Teixeira. A crise da economia japonesa nos anos 90 e a retomada de hegemonia americana. In: TAVARES, Maria da Conceição e FIORI, José Luiz. (Orgs.) Poder e dinheiro. Uma economia política da Globalização. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

TSUKAMOTO, Tetsundo. Sociologia do migrante. Algumas considerações sobre o processo migratório. In: SAITO, H. ; MAEYAMA, Takashi.(orgs.) *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Coleção Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro: Vozes, 1973

URANO, Edson Ioshiaqui. Um olhar sobre o trabalhador *dekasegui*. Processo migratório e trabalho através da mídia étnica. *Travessia*, maio/ agosto 2002.

VAINER, Carlos B. *Migração e mobilidade na crise contemporânea da modernização*. Mimeo, 1999.

\_\_\_\_\_. *A violência como fator migratório. Silêncios teóricos e evidências históricas*. Revista Travessia / mai-ago / 1996. p. 05 – 14.

\_\_\_\_\_. Estado e imigração internacional: da imigração à emigração. In: PATARRA, Neide Lopes (Coord.). *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FNUAP, 1995.

VITÓRIA, Gisele. A ilusão do sol nascente. *Revista Isto é*. nº 1455. São Paulo: Editora três, p. 67 – 70, 22 agosto 1997,

YOSHIOKA, Reimei. *Por que migramos do e para o Japão*. São Paulo, Massao Ohno Editor, 1995.

## JORNAIS

## Imigração

PARANÁ SHIMBUN. *Tradição -Kumis ainda são eficientes para unir a comunidade.* Geral p. 3. 06/03/1999.

PARANÁ SHIMBUN. *Brasil/Japão - A chegada dos primeiros imigrantes.* Especial. p. 5. 07/06/1997

PARANÁ SHIMBUN. *O pioneiro - O primeiro nikkey do Paraná sempre levou vida de brasileiro.* Perfil. p. 5. 30/05/1998.

PARANÁ SHIMBUN. *Imigração - Remanescente de um tempo de dor.* Especial. p. 3. 26/04/1997.

JORNAL NIPPO-BRASIL. *Feridas da guerra estão abertas.* Depois de 55 anos, ex-combatentes não esqueceram as agruras da Segunda Guerra. 10 a 16 de agosto de 2000. p. 1.

CUNHA, Luiz Carlos da. *A epopéia do Kasato Maru.* Folha de Londrina. Opinião. p. 3. 18/06/1998.

## Festas comemorativas

FOLHA DE LONDRINA. *Japoneses celebram os 90 anos no Brasil.* Folha Especial. Caderno A. 18/06/1998.

MACARINI, Walmor. *Cenas Japonesas.* Folha de Londrina. Opinião. p. 3. 18/06/1998.

FOLHA DE LONDRINA. *Curitiba faz festa para o imperador.* País. p. 9. 07/06/1997.

OMAE, Seinosuke. *Visita histórica de um imperador.* Folha de Londrina. Opinião. p. 03. 04/06/1997.

FOLHA DE LONDRINA. *Paraná reverencia imperador Akihito.* Folha Especial. 06/06/1997.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *A memória perdida do Japão*. Caderno 2. Especial – Domingo. 08/06/1997.

FOLHA DE LONDRINA. *Japoneses festejam 90 anos de da imigração*. 18/06/1998.

JORNAL DE LONDRINA. *Banzai, Arigatô*. p. 1. 21/06/1998.

PARANÁ SHIMBUN. *Grande Festa da comunidade nikkey vai mexer com Londrina*. p. 4-5. 15/05/1999.

PARANÁ SHIMBUN. *Banzai Brasil*. p. 2-5. 27/06/1998.

PARANÁ SHIMBUN. *50 anos unindo nipo-brasileiros*. p. 3. 22/11/1997.

PARANÁ SHIMBUN. *Banzai*. 14/06/1997.

PARANÁ SHIMBUN. *Brasil-Japão. 89 anos de integração*. 21/06/1997.

FOLHA DE LONDRINA. *Homenagem aos imigrantes*. Editorial. p. 3. 20/06/1998.

BARBOSA. Maria Lucia Victor. *Os passageiros do Kassato Maru*. p. 3. 20/06/1998.

#### Viagem para o Japão

NOTÍCIAS DO JAPÃO. *Brasileiros pagam, mas ficam sem passagens*. p. 8 A. 20/12/1997.

FOLHA DE LONDRINA. *Japão estuda invasão dos dekasseguis*. Sociólogo japonês prevê aumento da imigração e diz que já existem “ilhas” do Brasil em algumas cidades do Japão. p. 02. 24/09/1995.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Saiba como conseguir trabalho no exterior*. Há oportunidades em agências de emprego governamentais e particulares da Austrália, Canadá, EUA e Japão. Caderno Empregos. 17/12/1995.

FOLHA DE LONDRINA. *Nas asas da ilusão*. Folha Reportagem. p. 28. 04/02/1990.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *Emigração – Há 28 jovens dekasseguis presos no Japão*. Adolescentes acompanham os pais e, sem orientação, cometem crimes contra o patrimônio público. Caderno Cidades-Demografia. p. C4. 21/03/1999.

FOLHA DE LONDRINA. *Japão adota sistema que reduz chances*. Folha reportagem. 09/09/2001.

FOLHA DE LONDRINA. *Bye Bye Brasil*. Reportagem. p. 28. 01/02/1990.

FOLHA DE LONDRINA. *Os Nikkeis vão à luta*. André, 16 anos. Olinda, 25. Minoru, 46. Eles fazem parte do imenso exército de nipo-brasileiros que estão de passaporte na mão para tentar a sorte no Japão. As idades são diferentes, mas têm em comum uma esperança: a de que os dólares do outro lado do mundo tornem suas vidas mais dignas. Reportagem. 31/01/1990.

FOLHA DE LONDRINA. *Os caçadores de mão-de-obra*. Reportagem. 02/02/1990.

FOLHA DE LONDRINA. *Uma aventura no Japão*. Reportagem. 30/01/1990.

FOLHA DE LONDRINA. *Rumo ao oriente*. Reportagem, 03/02/1990.

FOLHA DE LONDRINA. *Paranaenses com um pé fora do Brasil*. Reportagem. 08/06/1991.

#### Investimentos no Brasil

FOLHA DE SÃO PAULO. *Brasileiros sustentam império de comunicações no Japão*. Ilustrada. 18/06/1998.

PERAZOLO, Hélio. *Aplicações no Brasil são mais rentáveis que no Japão*. Enquanto não vigorar a desindexação das aplicações, o mercado brasileiro é a melhor opção para os *dekasseguis*. *NOTÍCIAS DO JAPÃO*. p. 10. 8 a 4/09/1995.

PARANÁ SHIMBUN. *Dekasseguis remetem anualmente US\$800 Mi.* p. 01 15/09/1995.

PARANÁ SHIMBUN. *Dekasseguis trazem do Japão US\$ 2 Bi ao ano.* p. 01 25/08/1995

PETRIN, Oswaldo. *Imóveis: alavancagem em dólar*. *FOLHA DE LONDRINA*. p. 02. 21/01/1992.

PARANÁ SHIMBUN. *CADI pretende movimentar R\$ 100 milhões.* p.. 3. 29/11/1997.

PARANÁ SHIMBUN. *Dekassegui Metalúrgico. Casal que esteve no Japão durante sete anos economiza o suficiente para montar uma metalúrgica.* p. 05. 31/01/1998.

PARANÁ SHIMBUN. *Família faz sucesso com oficina de auto-elétrica. José Saito trabalhou no Japão para conseguir montar empresa em Londrina.* p. 05. 28/06/1997.

PARANÁ SHIMBUN. *O Japão é aqui. Com base no que viu no Japão, casal adota, em posto de combustível, sistema de atendimento de qualidade.* p. 04. 10/05/1997.

PARANÁ SHIMBUN. *Aposentadoria paga por dekasseguis pode ser resgatada no Brasil.* p. 6. 12/09/1998.

PARANÁ SHIMBUN. *Queda do real deixa dekasseguis rindo a toa.* p. 3. 30/01/1999.

PARANÁ SHIMBUN. *Dekasseguis devem tomar cuidado com novas regras do Leão.*p. 4. 21/03/1998.

JORNAL NIPPO-BRASIL. *Os números do movimento dekassegui.* 17/08 a 23/08 de 2000.

PARANÁ SHIMBUN. *Dekasseguis retornam do Japão e abrem negócios.* p. 4. 19/04/1997.

PARANÁ SHIMBUN. *Espaço de recreação infantil é criado por ex-dekassegui.* p. 4. 30/08/1997.

JORNAL NIPPO-BRASIL. *Os números do movimento dekassegui.* p. 4<sup>A</sup>. 17 a 23/08/2000.

CORREIO DA BAHIA. *O dekassegui traz muito dinheiro para o Brasil.* Especial Reimei Yoshioka. p. 5. 09/09/1995.

JORNAL NIPPO-BRASIL. *. No Brasil, alta do dólar pode ajudar dekassegui na aquisição de franquia.* 30/08 a 05/09 de 2001.

## Crise no Japão

FOLHA DE SÃO PAULO. *Campanha tenta trazer dekasseguis de volta*. Cotidiano. p. 3. 07/08/1997.

FOLHA DE LONDRINA. *Crise dificulta a vida dos dekasseguis*.. Procura é maior da década, mas oferta de trabalho no Japão caiu e as demissões atingem brasileiros que emigraram. Folha especial. p. 6B. 18/06/1998.

FOLHA DE LONDRINA. *Líderes debatem crise dos dekasseguis*. Folha cidades. p. 01. 31/07/1998.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Desemprego é grande vilão*. Caderno Empregos. 17/12/1995.

FOLHA DE LONDRINA. *Ministro quer solucionar problema dos dekasseguis*. Luiz Felipe Lampreia convoca lideranças e tema ganha prioridade no Itamaraty. Geral. p. 06. 01/08/1998.

FOLHA DE LONDRINA. *Banestado propõe ajuda a dekasseguis*. p. 03/08/1998.

VALOR ECONÔMICO. *A sombra do desemprego*. p. 3. 04/09/2001

FOLHA DE LONDRINA. *Folha lança campanha de ajuda aos dekasseguis*. p. 02. 30/07/1998.

OGAMA, Walter. *Deputada cobra ações do Itamaraty*. Problema dos *dekasseguis* foi debatido em Brasília; Marta Suplicy entregou documento ao Ministro das Relações Exteriores.. FOLHA DE LONDRINA. p. 2. 05/08/1998.

SANCHES, Alexandre. *Desemprego faz sonho virar pesadelo*. Trinta mil brasileiros, descendentes de japoneses, estão em situação precária no Japão e muitos não tem dinheiro para voltar. FOLHA DE LONDRINA. Folha reportagem. 02/08/1998.

JORNAL NIPPO-BRASIL. *Índice de desemprego no país continua em 4,7%*. p. 11-A. 14 a 20/09/2000.

NOTÍCIAS DO JAPÃO. *Desemprego tende a diminuir, dizem agências*. p. 5-A. 31/07 a 06/08/1998.

JORNAL NIPPO-BRASIL. *Aumenta número de mulheres sem-teto no país.* p. 11-A. 31/08 a 06/09/2000.

JORNAL NIPPO-BRASIL. *Depois de dois meses, índice de desemprego cai para 4,6%.* p. 11-A. 12 a 18/10/2000.

PARANÁ SHIMBUN. *Mulheres têm mais opções na crise de desemprego no Japão.* Crise de trabalho para *dekasseguis*, noticiada com exclusividade pelo Paraná Shimbun, faz que legiões de desempregados perambularem pelas fábricas e cidades japonesas. p. 3. 23/05/1998.

PARANÁ SHIMBUN. *Japão está em recessão há 37 meses.* 09/06/1994.

PARANÁ SHIMBUN. *Crise asiática derruba empregos e atinge dekasseguis.* Empresas de turismo que agenciam trabalhadores paranaenses afirmam que a oferta de emprego diminuiu em até 100%. p. 5. 28/03/1998.

PARANÁ SHIMBUN. *O Japão ainda compensa?.* p. 4. 05/07/1997.

BRASILEIROS NO JAPÃO. *Brasileiros perdem emprego para asiáticos.* Proximidade cultural está influenciando empresários a contratarem mais tailandeses, vietnamitas e indonésios do que trabalhadores do Brasil. p. 3-B. 30/08/2001.

#### Problemas familiares

FOLHA DE LONDRINA. *Busca por trabalho leva dekasseguis a pesadelo no Japão.* Folha cidades. p. 5. 18/07/1998.

FOLHA DE LONDRINA. *A vontade era de largar tudo e voltar.* Estudante que viveu dois anos no Japão diz que a saudade e o preconceito são os maiores adversários dos *dekasseguis*. Folha reportagem. p. 4. 06/09/1998.

BARONI, Célia. *Abandonada, família passa por dificuldades.* FOLHA DE LONDRINA, p.4, 10/09/1998